

Mônica da Costa Santarelli

**A Expressão do Arquétipo da Criança Interior na Vida
Adulta: uma Leitura Junguiana**

COGEAE – PUCSP

2009

Mônica da Costa Santarelli

**A Expressão do Arquétipo da Criança Interior na Vida
Adulta: uma Leitura Junguiana**

Monografia apresentada ao COGEAE
– PUCSP para obtenção do título de
Especialista na Abordagem
Junguiana, sob orientação do Prof. Dr.
Durval Luiz de Faria

COGEAE – PUCSP

2009

AGRADECIMENTOS

*A meus pais que me deram a vida, que são a fonte
primeira da pessoa que me tornei e dos valores que aprendi;*

A meu irmão, parceiro de busca;

*Aos professores deste curso, Maria Ruth, Heloísa e Beatriz,
que permitiram a expressão da subjetividade,
propondo desafios à ampliação da consciência;*

*A meu orientador, professor Durval, pelas colocações
em prol da construção de um novo trabalho,
norteando um tema ainda incipiente para mim;*

*Aos grandes pensadores do mundo que contribuíram
para despertar o desejo de compreender, mais e mais,
buscando formas e caminhos;*

*Aos meus mestres na vida, que durante a caminhada estiveram
junto comigo, mantendo-me com olhos e coração abertos;*

*A meus amigos,
pela oportunidade de comunhão;*

*Aos meus cuidadores,
que sempre acreditaram ser possível;*

*A Deus,
pela oportunidade
de ter redescoberto a vida.*

***“Em todo adulto espreita uma
criança – uma criança eterna,
algo que está sempre vindo a
ser, nunca está completo, e que
solicita cuidado, atenção e
educação incessantes.***

***Essa é a parte da
personalidade humana que quer
desenvolver-se e tornar-se completa”***

(Jung, 1987, p.32)

RESUMO

TÍTULO: A expressão do arquétipo da criança interior na vida adulta: uma leitura junguiana

ALUNO : Mônica da Costa Santarelli

ORIENTADOR : Prof. Dr. Durval Luiz de Faria

PALAVRAS-CHAVE: Arquétipo; Criança Interior; Criança Ferida; Criança Divina; Individuação

Neste trabalho nos propusemos a compreender a manifestação do arquétipo da criança interior na vida adulta, através da identificação de suas expressões no cotidiano.

A abordagem teórica dentro da visão da Psicologia Analítica concentrou-se nos conceitos de arquétipo, arquétipo da criança, desenvolvimento do ego, criança ferida, sombra, persona, símbolo, criança divina e processo de individuação.

Adotamos metodologia de pesquisa qualitativa com entrevistas de profundidade, com cinco participantes adultos, com idade compreendida entre 35 e 50 anos, com formação superior e que não estivessem submetidos a tratamento psicológico por motivo de neurose grave ou doença psiquiátrica.

Os dados obtidos nos revelaram associações entre a criança interior e estados de alegria, espontaneidade, criatividade, medo e desproteção, bem como sentimentos de nostalgia com relação às vivências da infância, ativando a reflexão dos participantes. Constatamos a influência de processos de repressão e necessidade de adaptação social como fatores impeditivos à expressão da criança, mas também obtivemos relatos voltados à integração entre a criança interior e a vida adulta.

Os resultados nos sugerem desejos de integração da expressão da criança no cotidiano, como forma de lidar com situações de tensão e ativar a conexão consigo mesmo, aspecto correlacionado ao processo de individuação.

SUMÁRIO

Introdução.....	7
Capítulo 1 – Arquétipo e desenvolvimento da personalidade.....	12
1.1. O arquétipo da criança interior.....	12
1.2. Desenvolvimento do ego e a criança interior	17
1.3. Sombra e persona	25
Capítulo 2 – Arquétipo da criança interior, símbolo e individuação.....	29
2.1. Símbolo e função simbólica.....	29
2.2. O simbolismo da criança interior.....	32
2.3. A criança divina	33
2.4. A criança ferida	34
2.5. Arquétipo da criança interior e o processo de individuação	36
Capítulo 3 - Objetivos.....	41
Capítulo 4 – Metodologia.....	42
4.1. Método.....	42
4.2. Participantes.....	43
4.3. Procedimentos	44
4.4. Procedimentos de análise dos dados.....	45
Capítulo 5 – Análise dos dados.....	47
5.1. Categorias.....	48
5.1.1 O que é ser criança para você.....	48
5.1.2 Fatores que impedem a expressão da criança interior.....	54
5.1.3 Sentimentos e emoções despertados.....	60
5.1.4 Como a criança interior emerge no cotidiano.....	63
5.1.5 Identificação com a criança abandonada e/ou ferida.....	70
Capítulo 6 – Discussão.....	74
Considerações Finais.....	81
Referências.....	85
Anexos	

Introdução

Neste trabalho busco explorar a expressão do arquétipo da criança interior, pesquisando suas formas de manifestação ao longo do desenvolvimento infantil e no decorrer da vida adulta.

A escolha do tema foi impulsionada pela minha vivência pessoal, partindo de sinais que se tornaram mais vivos em meu cotidiano nos últimos anos. Em um processo de auto-reflexão, percebi que havia um período adormecido de minha história, em algum ponto compreendido entre a adolescência e a vida adulta, época em que me voltei a experiências que todos deveríamos ter: uma formação acadêmica, estabilidade profissional e afetiva, realizar objetivos para obter reconhecimento social – o que provocou, dentro de minha ótica, uma “adequação da personalidade” a papéis e expectativas externas. Tal aspecto se reflete em uma maneira séria de levar a vida, reforçando julgamentos e atitudes “certas” perante os fatos, visando manter uma conduta social íntegra e responsável.

Mas percebi que muitas vezes estas ações acentuavam conflitos internos e desejos de “largar tudo” e recomeçar, muito mais do que permitir experiências paulatinas de crescimento e coerência entre o sentir e o agir espontâneo. Tal processo atingiu seu auge mediante momentos de frustração emocional, desde a separação de um relacionamento afetivo, à impotência diante de problemas de saúde graves vivenciados por meus pais e sentimentos de insatisfação, que culminaram em desenfreada busca de um sentido para os acontecimentos. Tentei esportes radicais, inúmeros cursos, terapias regressivas, estudos esotéricos – até configurar um processo pessoal de adoecimento físico.

Esta situação constituiu um marco em minha vida, na medida em que me aproximou do limiar entre vida e morte, acentuando a qualidade da força interior, mas também um mergulho profundo na vivência da incerteza, na necessidade de resgatar a fé e confiança em uma instância maior e na constatação da vulnerabilidade humana.

Ao repassar momentos vividos até então, percebi a necessidade de proteção e encontro de novas possibilidades, de alternativas mais verdadeiras que estavam perdidas dentro de mim. Fundamentalmente, vivenciei a criança ferida, desprotegida, querendo crescer. Busquei uma compreensão espiritual, que me permitiu alento e também viver o presente de forma preciosa, identificando a

necessidade de resgatar a leveza, a espontaneidade e o brincar como forma de reconectar-me ao aspecto mais verdadeiro do ser.

Outros momentos também me propiciaram sinais a respeito deste chamado com relação ao tema: profissionalmente, quando precisei contratar professores de educação infantil para a creche da empresa em que trabalho, bem como o atendimento como terapeuta, deparando-me com pacientes rígidos e obsessivos, que não se permitiam transitar dentro de suas possibilidades internas ou ainda mais, no convívio com amigos muito “sérios”, que não admitiam intervenções bem-humoradas nos momentos em que estávamos juntos. Acredito que então recordei-me da criança que fui: saltitante, alegre, participativa, espontânea - aspecto em mim ávido por reencontrar seu espaço, por re-atualizar-se.

Mobilizada então pelo tema, aprofundei-me na ótica da Psicologia Analítica, partindo das colocações de Jung (1976) quando se refere ao arquétipo: *“há um fator apriorístico em todas as atividades humanas, que é a estrutura individual inata da psique, pré-consciente e inconsciente”*. Contextualizando o arquétipo da criança interior, ele considera que este se mistura a outros aspectos mitológicos do motivo da criança, já que *“A criança não é simplesmente uma figura tradicional, mas também uma visão vivenciada espontaneamente (enquanto irrupção do inconsciente)”*.

Para Jung (2007), trata-se de um arquétipo presente em cada um de nós, constituindo-se como uma imagem que pertence à humanidade inteira, que *“representa o aspecto pré-consciente da infância da alma coletiva”*, ao qual ele relaciona o símbolo da *“criança divina, prodigiosa, não precisamente humana; gerada, nascida e criada em circunstâncias totalmente extraordinárias”* (p.61).

Sob este ponto de vista, constatamos que o motivo da criança é presente durante toda a vida humana, cuja função é voltada a compensar ou corrigir unilateralidades da consciência. Em seu aspecto fundamental, percebemos em sua expressão o caráter de futuro, pois supõe a transformação da personalidade através do efeito fascinante que sua manifestação exerce sobre a consciência.

Segundo Jung (2007), esta nova configuração caminha para a totalidade, excedendo a oposição e compondo-se como um símbolo unificador, que também possui um significado redentor, conforme afirma:

No processo de individuação antecipa uma figura proveniente da síntese dos elementos conscientes e inconscientes da personalidade. É, portanto, um símbolo da unificação de opostos, um mediador, ou *um portador da salvação*, um propiciador de completude. (p. 166).

Identificamos também o paradoxo entre a condição de abandono da criança, necessária ao seu desenvolvimento, expresso nos temas mitológicos de estar indefesa frente aos inimigos e ao perigo de extinção, contraposto à emergência da criança divina, representada pelo herói em prol do impulso de realização.

Jung (2007) destaca a possibilidade simbólica, sugerindo que a criança representa uma totalidade que abrange as próprias raízes da natureza e simboliza a natureza pré e pós-consciente do homem, cuja força é divinamente poderosa. Trata-se de um canal de manifestação do Self, capaz de promover reestruturações de personalidade e uma compreensão mais ampla dos significados, trazendo a parte humana que deseja desenvolver-se e tornar-se completa.

Referindo-nos a outros autores que falaram sobre o tema, remetemo-nos à idéia de Abrams (1990) de que o arquétipo da criança interior revela-se tanto como uma etapa em desenvolvimento como enquanto uma possibilidade simbólica criada a partir da experiência, constituindo-se como uma verdade viva dentro de nós.

Trata-se de um arquétipo presente em todas as fases da vida, visto associar-se às possibilidades criativas e renovadoras de cada indivíduo, bem como ao sentimento de esperança diante das situações conflitivas pelas quais passamos.

Na infância, a constelação do arquétipo da criança interior faz com que em determinado momento nos consideremos alguém mais importante do que somos de fato, destacando os recursos imaginativos, até nos defrontarmos com a necessidade de adaptação à realidade do mundo e carência de capacidades para realizá-las, desencadeando momentos de frustração.

Verificamos que Eddinger (1992), ao discorrer sobre o desenvolvimento, coloca que as funções do ego se exacerbam para podermos lidar com estas demandas, obstruindo a percepção das manifestações do Self e provocando o aprisionamento a ciclos de inflação e alienação, que podem gerar estados de fragmentação, imaturidade, fantasias grandiosas de onipotência ou bloqueios emocionais.

Tais aspectos também foram abordados por Hillman (1998) ao referir-se às polaridades do arquétipo da criança: puer aeternus e senex, destacando a necessidade de acolhermos o componente infantil da personalidade um dia rejeitado, ao olharmos para a criança abandonada que existe em nós.

A partir destas idéias, discutimos neste trabalho a questão de como se manifesta o arquétipo da criança interior nos adultos.

Consideramos a importância desta pesquisa como oportunidade de reflexão sobre a práxis clínica com pacientes adultos, reorientando instrumentos de trabalho que possam despertar o arquétipo da criança divina dentro do contexto de desenvolvimento pleno do indivíduo, bem como desencadear transformações profundas quando integrado.

Paralelamente, ressaltamos sua importância como estímulo a pesquisas pedagógicas voltadas a medidas profiláticas no campo educativo, reorientando educadores para o desenvolvimento amplo da personalidade do indivíduo desde sua infância, enriquecendo a compreensão ao lidar com as experiências cotidianas da criança.

Para tratar do tema, iniciaremos o capítulo 1 discorrendo sobre a definição de arquétipo e suas manifestações, destacando o arquétipo da criança interior e enfocando as condições do desenvolvimento humano que favorecem ou dificultam sua expressão, segundo Jung (2007). Para tal, abordaremos a formação do ego como modo de compreensão dos mecanismos da psique, explanando os conceitos de Self, ego e formação da personalidade através das idéias de Silveira (1988), Bachelard (1971), Pereira (2000), Byington (1987), Stone e Winkelman (1989), Jaffé (1983), Sharp (1993), Von Franz (1992), Hillman (1999), Whitfield (1987) e Downing (1998).

Finalizaremos o capítulo discorrendo sobre os conceitos de persona e sombra, importantes para o entendimento dos mecanismos adaptativos e conteúdos reprimidos, abordando pensamentos de Whitmont (2006) e Jung (1988)

No capítulo 2, desejamos comentar sobre o despertar da criança divina como possibilidade de conexão com a totalidade, mediada pelo símbolo enquanto ponte entre conteúdos conscientes relacionados à vivência do arquétipo e sua expressão espontânea e autônoma, ligada à manifestação do Self, dentro do processo de individuação. Para tanto, utilizaremos referências de Edinger (1992), Whitmont (2006), Sharp (1993), Winnicott (1971), Byington (1987), Jacobi (1995), Silveira

(1988), Hillman (1999), Jaffé (1983), Hollis (2005) bem como da obra de Jung. Trataremos da manifestação do arquétipo explorando os conceitos de símbolo, criança divina e sua relação com o processo de individuação.

Exploraremos também neste capítulo o aspecto da criança ferida, enquanto manifestação da vulnerabilidade, dentro da unilateralidade da vivência do arquétipo, acompanhando o desenrolar deste processo em seus aspectos regressivos e através das experiências infantis. Utilizaremos como base o pensamento de Jung, bem como autores que compartilham desta fundamentação teórica, a partir de artigos coletados por Abrams (1990), do pensamento de Hillman (1983), Von Franz (1992), Neumann (1980) e Stein (2000) e Stone (1989).

Daremos continuidade ao tema em seu caráter investigativo através da identificação dos objetivos deste trabalho e metodologia adotada, cuja exploração utilizou método qualitativo de pesquisa e entrevista semi-dirigida de profundidade aplicada individualmente em consultório psicológico, cujos participantes inseridos referem-se à população adulta, compreendida entre 35 e 50 anos de idade.

Estabelecemos esta escolha metodológica visando o estudo de nosso tema em seu *setting* natural, como forma de efetuarmos observação empírica, aproximarmo-nos dos significados atribuídos pelos participantes e sua influência sobre a expressão cotidiana e vivencial deste arquétipo.

Estruturamos um roteiro com cinco questões básicas, visando orientar a intervenção investigativa e desencadear um processo reflexivo, considerando o acolhimento como atitude clínica e o estabelecimento da interação entre o pesquisador e os participantes, como aspectos importantes à compreensão dos fenômenos e suas relações, favorecendo a emergência da subjetividade.

Procedemos a análise dos dados coletados a partir do estabelecimento de cinco categorias predominantes e seguimos com a discussão, com a finalidade de sintetizar temas e sentimentos comuns, traçando paralelos com a pesquisa teórica, realizando o levantamento de hipóteses e considerações com relação aos objetivos do trabalho, tendo como base a compreensão dos mesmos dentro do processo de individuação.

Capítulo 1 – Arquétipo e desenvolvimento da personalidade

1.1 O arquétipo da criança interior

Dentro do pensamento de Jung (1988), os processos inconscientes estabelecem uma relação compensatória à consciência e contem todos os elementos necessários para a autorregulação da psique como um todo. Em sua natureza paradoxal e dinâmica, busca o equilíbrio através da integração dos opostos.

Neste raciocínio, quanto mais conscientes nos tornamos de nós mesmos através do autoconhecimento, mais desvelamos o inconsciente pessoal e coletivo. O emergir desta consciência ampliada deflagra o inconsciente como um campo de experiência ilimitado, fonte do processo criativo.

Ao iniciarmos este trabalho, destacamos a conceituação de arquétipo como um dos pressupostos teóricos fundamentais ao embasamento da abordagem da Psicologia Analítica, bem como para o desenvolvimento do tema.

Jung (1991) define arquétipo como *“uma forma inconsciente, preexistente e impossível de ser representada, que parece fazer parte da estrutura herdada da psique”*. (p. 155).

Em si, o arquétipo é vazio e constitui-se como uma possibilidade de representação que é dada a priori, cuja existência não pode ser provada, enquanto não se manifesta em um nível concreto. Dotado de iniciativa própria, pode interferir nas situações com seus próprios impulsos e formações de pensamento, muitas vezes capazes de modificar ou dificultar nossas intenções conscientes de forma perturbadora.

De acordo com Jaffé (1983), a palavra arquétipo tem origem grega e significa “cunhagem original”, onde *arche* significa a matriz ou espécime original e *typos*, cunho impresso em uma moeda.

Arquétipos são concebidos como padrões da natureza humana que agem como operadores inconscientes que ordenam constantemente os conteúdos da consciência. Enquanto grandezas inconscientes, permanecem inacessíveis e ocultos, por isto podemos apenas nos aproximar deles através dos motivos arquetípicos, que são análogos ao próprio arquétipo e se apresentam através de

imagens psíquicas e temas típicos envolvidos nas ações dos homens – como por exemplo, nascimento, morte, transformação.

Os arquétipos são tendências comuns a todos os seres humanos, mas o “como” serão despertados e a forma como cada indivíduo irá vivenciá-los é particular, temporal e depende da disposição inconsciente, do ambiente, da experiência pessoal e da cultura.

Sharp (1991) considera os arquétipos como “*sistemas de prontidão para a ação e, ao mesmo tempo, imagens e emoções*” (p.28), representando a parte da psique que se liga à natureza. Como possibilidades herdadas de idéias, são irrepresentáveis.

Os arquétipos, em sua base, são inatingíveis à consciência, no entanto a manifestação psíquica da energia arquetípica pode atingir a consciência através de imagens. É uma tendência instintiva, cuja origem não é conhecida, mas se repete em qualquer época e lugar do mundo.

Ao tomarmos as colocações de Silveira (1988), os arquétipos “*resultariam do depósito das impressões superpostas deixadas por certas vivências fundamentais, comuns a todos os seres humanos, repetidas incontestavelmente através de milênios*” (p.77). Funcionam como nódulos de concentração de energia que, ao atualizarem-se, tomam forma e caracterizam a imagem arquetípica.

Whitmont (2006) reforça esta questão energética dos arquétipos ao colocá-los como centros nucleares dos complexos, que se apresentam sob a forma de imagens e representações mitológicas, aparecendo em mitos, histórias, contos de fadas e formas religiosas, em todos os tempos, lugares e épocas.

Esse autor dá continuidade ao tema, priorizando a apreensão dos mitos pessoais através de seu conhecimento e tradução para a vida real, sob a pena de permanecerem como meras fantasias e devaneios.

Ao pensarmos mais especificamente sobre a manifestação do arquétipo da criança interior, retomamos a idéia de que, na Psicologia Analítica, a criança representa um símbolo da totalidade da psique, uma ponte entre os planos individual e coletivo, como Jung (1987) comenta:

Em todo adulto espreita uma criança – uma criança eterna, algo que está sempre vindo a ser, que nunca está completo, e que solicita cuidado, atenção e educação incessantes. Essa é a parte que quer desenvolver-se e tornar-se completa. (p.32).

Para Jung (2008), a idéia da criança ser entendida apenas como um vestígio da memória da própria infância é ultrapassada, por isto propõe que esse tema englobe um quadro maior a respeito de certas coisas que esquecemos na própria infância.

Como uma totalidade que abrange as raízes da natureza, identificamos a idéia de que a criança seria um símbolo da união do ser. Citamos Bachelard (1971), ao colocar que haveria uma infância potencial que vive em nós, que poderia ser revivida mais em suas potencialidades do que em sua realidade. Assim, as recordações pessoais, nítidas e frequentemente retomadas, jamais explicariam o fascínio que as mesmas exercem, mas reforçariam a idéia de que a infância permanece dentro de nós como um princípio profundo de vida e como possibilidade de novos começos.

Segundo Jung (2007) nos aponta, a criança simbolizaria a natureza pré e pós-consciente do homem, incluindo o que é abandonado e exposto, o começo e o fim, e, ao mesmo tempo o divinamente poderoso. A criança eterna constituiria uma experiência indescritível, compreendida como *“um imponderável que determina a presença ou ausência essencial de valor numa personalidade”*. (p.178).

Nesta concepção, a essência pré-consciente implica no estado inconsciente do começo da infância e a pós-consciente como uma antecipação, por analogia, da vida além da morte.

Verificamos que, dentro desta perspectiva, a imagem da criança representa uma ligação com o passado, com nossa infância, assim como uma ligação com o futuro, na medida em que antecipa um estado nascente de consciência, uma parte da personalidade humana que deseja desenvolver-se e tornar-se completa.

Posteriormente, percebemos que Jung (2007) trata a criança arquetípica como uma personificação de forças vitais que estão além do alcance da mente consciente unilateral, representando recursos e possibilidades por ela desconhecidas e que, como totalidade, abrange os próprios fundamentos da natureza.

Assim, a criança arquetípica simbolizaria um estado nascente de consciência, um estado mental em desenvolvimento do qual o ser humano ainda não está ciente. Seria um símbolo vivo de futuras potencialidades que proporcionam equilíbrio, unidade e vitalidade à personalidade consciente, que ajudam a guiar e sustentar a personalidade adulta.

Segundo Jung (2007), a criança interior representa tanto algo que existiu no passado, quanto no presente, pois o processo de individuação antecipa uma figura que vem da síntese entre elementos conscientes e inconscientes, unificando opostos.

O autor (2007) nos relata também que o conteúdo inconsciente pode se apoderar da meta consciente e inibir, falsificar ou até destruir a realização mediante esse estado infantil reprimido, tornando o progresso viável mediante a cooperação de ambas as dimensões.

Ao tomarmos o pensamento de Hillman (1999) a propósito das polaridades do arquétipo, identificamos: o *puer* (representado pela criança) e *senex* (representado pelo velho sábio). O autor se propõe a estudá-las em sua positividade ou negatividade. Destaca que “*a consciência puer é função de uma psicologia voltada à mãe*”, já que para ele, o desenvolvimento dessa consciência puer necessita da mãe, da matéria.

Von Franz (1992) salienta sobre o estudo das patologias que podem advir da ativação do polo negativo do arquétipo do *puer aeternus*, que significa a “eterna juventude”. Para ela, a criança interior é a parte genuína, mas muitos adultos excluem esta parte, porque ela sofre. Desta maneira, perderiam seus recursos potenciais e com isto, comprometeriam o processo de individuação.

Tanto *puer* quanto *senex* podem aparecer em vários estágios e fases, influenciando qualquer complexo. O *puer* não se relaciona com o outro, mas com o que lhe falta, vê em outra pessoa ou faz com que ela manifeste. Assim, o relacionamento do tipo *puer* é baseado em uma identidade da infância; busca admiradores que lhe devolvam o reflexo de sua própria singularidade e grandiosidade. Mas ao mostrar a vulnerabilidade do outro, pode espelhar-se e vivenciar a fragmentação através de uma parte que pode observar este ciclo, sobre a qual será criada a nova identidade. Se as defesas do Self forem elaboradas e a pessoa receber a reflexão da imagem necessária, o Self poderá reconstelar-se.

Segundo Von Franz (1992), *puer aeternus*, o deus da antiguidade aplicado ao deus-criança nos Mistérios de Eleusis é um deus da vida, da morte e da ressurreição, o deus da vontade divina, que significa a “eterna juventude”. Quando o homem se identifica com ele, permanece tempo demais na adolescência, temendo pela vinculação a qualquer coisa e ser prisioneiro de uma situação. Identificar-se com ele significa uma puerilidade psicológica, trazendo uma vida rica de fantasia,

porque o *puer* se recusa a aceitar a realidade como ela é e dessa maneira, vai acumulando vida.

Na parte feminina, a *puella aeterna*, representa a mulher que tem medo de crescer, embora nunca venha a admiti-lo. Nunca revela a idade e cultiva a fantasia do rejuvenescimento. É amiga dos filhos, eterna coquete diante dos homens. Nos sonhos, é uma sereia, na vida real, desleixada e impulsiva. Hesitante nas decisões, pede conselhos a um bom número de pessoas, depois age com uma surpreendente rapidez e se arrepende antes concluir suas ações.

O *puer* prefere seus potenciais fantasiados às suas reais capacidades, porque os primeiros preservam mais o sabor do self da infância. Apresenta como traços marcantes: o entusiasmo juvenil e inesgotável energia para mantê-los, a espontaneidade de pensamento, a produção de idéias novas e novos meios de resolver os problemas, a disposição para atirar-se em iniciativas em várias direções, sem se deter pelo desejo de conservar o passado e seus valores.

Ao tomarmos por base que são fatores inconscientes que constituem o ímpeto necessário para desbravar novos caminhos, para o *puer* ser bem sucedido, deve entrar em jogo o arquétipo compensatório, o *senex* (velho, idoso, base das forças de preservação de valores tradicionais, que mantém as coisas como elas são, que aplicam julgamentos sóbrios e o discernimento nas elucubrações do eterno jovem).

Hillman (1999) refere-se ao *puer aeternus* como “*um dominante arquétipico que personifica ou está em relação especial com os poderes espirituais transcendentos do inconsciente coletivo*” (p.37). O espírito eterno teria a qualidade da auto-suficiência e contem todas as possibilidades, é primordialmente perfeito. Constitui-se como uma estrutura que combate o *senex* (que também se associa ao tempo, o trabalho, os limites, o aprendizado, a história, a continuidade, a sobrevivência e a durabilidade), compelido pela necessidade de investigar e transgredir.

Observamos que *puer* e *senex* são fixações, respectivamente, na infância e na velhice, reveladas na unilateralidade do ego ao compreender estes aspectos de modo separado, em termos cronológicos. Na psique, ambas as direções são vividas perpetuamente.

Assim, todos carregamos uma criança eterna e uma criança simbólica também nos carrega – quem fomos, o registro de nossas experiências de formação, de nossos prazeres e dores. A criança que fomos permanece conosco, enquanto

receptáculo de nossa história pessoal e como símbolo presente em nossas esperanças e possibilidades criativas.

Jung (2007) comenta que a identificação com o *puer aeternus* significa uma puerilidade psicológica que nada pode fazer de melhor do que superar-se a si mesma, atuando como um agente do destino, de caráter inevitável.

Verificamos que esta dimensão, entendida como um símbolo de união que reúne partes dissociadas ou separadas da personalidade individual nos possibilita vivenciar os ciclos da vida e representam os aspectos relativos à renovação, à divindade, ao entusiasmo de viver, à sensação de esperança, de deslumbramento, bem como o futuro, a descoberta, a coragem, a espontaneidade e imortalidade, associando-se à imagem primordial do Self.

Downing (1998) complementa que quando esta dimensão é ativada, *“provoca uma reestruturação da personalidade para acomodar a compreensão mais ampla do significado e uma expressão mais plena da vitalidade”* (p. 19).

1.2. Desenvolvimento do ego e a criança interior

Segundo Jung (2007), o inconsciente procura a manifestação exterior e a personalidade também deseja expandir-se para fora, para vivenciar as experiências como um todo.

Ao partirmos da idéia de que a criança traduz a dinâmica criativa da personalidade humana e traz a possibilidade interior de renovação, consideramos que a contenção de sua expressão no período da infância deveria obter maior atenção durante a vida.

Como diz Whitfield (1987), nossa criança interior flui desde o momento em que nascemos até a morte e durante os momentos de transição de ambos. Se deixarmos, ela fluirá naturalmente, o que reforça a idéia de que qualquer esforço caminhará no sentido de negar sua expressão.

Assim, percebemos que no decorrer do desenvolvimento, a criança é forçada, pelo processo de socialização, a adaptar-se, tornando-se um pequeno adulto.

Stein (2000) nos coloca que a personalidade, unidade inicialmente indiferenciada, mostra-se em seu potencial, todavia sem estrutura egóica não há desenvolvimento. Quando o ego sai de sua origem inconsciente e se instala, ocorre

uma ruptura no qual ele se sente o centro e então o inconsciente tenta superar esta ruptura. O autor reforça que ao longo do desenvolvimento, o indivíduo indiferencia-se e separa-se em diversas partes:

Nasce a consciência do ego e ao crescer, deixa para trás boa parte da totalidade de si mesmo, no que é agora o 'inconsciente'. O inconsciente, por sua vez, é estruturado como grupos materiais em torno de imagos, internalizações e experiências traumáticas para formar as subpersonalidades, os complexos. (p. 98).

Essa evolução contínua engloba personalidades voltadas para o ego ou para o Self e a Psicologia Analítica nos permite decifrar estes mecanismos ao privilegiar que o indivíduo possa vivenciar-se como um todo.

Para Whitmont (2006), a evolução do ego passaria por três fases: a primeira, na infância, onde a identidade não-diferenciada começa a desintegrar-se, ego e Self gradualmente se separam, permitindo que os elementos do meio ambiente interajam com potenciais arquetípicos para produzir uma primeira identidade real. O ego sente-se ameaçado por pessoas ou coisas como se estas fossem entidades mágicas.

Na segunda fase, ocorre a separação entre ego e Self, onde as pessoas e coisas assumem menor dimensão e o único poder é o do ego.

No terceiro estágio, ocorre o preenchimento e realização do potencial da personalidade, em um movimento de retorno em direção à totalidade do indivíduo. O ego é pressionado para estabelecer um relacionamento com o Self.

O autor destaca que na identidade, o ego é idêntico ao impulso e há um total desconhecimento de sua existência como algo separado da capacidade de raciocínio. Fala-se da identidade com impulsos inconscientes, tratando-se de um estado a priori, uma condição original do homem, o estado do recém-nascido.

Somente na medida em que nos desenvolvemos é que, gradualmente, o ego emerge dessa identidade. Essa separação é essencial para o desenvolvimento psicológico e para a diferenciação pessoal. Entretanto, sempre existirão aspectos inconscientes da nossa personalidade e que provocam ações impulsivas, sem possibilidade de efetuarmos escolhas (compulsão).

Nessas etapas, passamos também pelo mecanismo da inflação, caracterizado por um sentimento de poder no qual somos impulsionados por uma força desconhecida, que não nos pertence, nem ao nosso julgamento e escolha, embora a compreendamos como sendo nossa. Ocorre também um sentimento de absoluta segurança e de poder, que não corresponde à realidade.

Para evoluir do estado de indiferenciação e transformar o impulso, é necessário que este estado de identidade seja dissolvido, o que acontece mediante a confrontação com algo separado do Eu. Ao vivenciá-lo como uma entidade autônoma, é possível estabelecer um diálogo interior e desenvolver nosso potencial positivo.

No decorrer deste processo, verificamos que os arquétipos se manifestam tanto no nível pessoal - através dos complexos, quanto no coletivo, caracterizando a cultura.

Silveira (1988) afirma que todos os fenômenos psíquicos são de natureza energética, discriminando os arquétipos como “*núcleos de energia em estado virtual*”, os símbolos como “*máquinas transformadoras de energia*” e os complexos como “*nós de energia*” (p.46). Nesse funcionamento, correntes de energia se cruzam continuamente na psique em um incessante dinamismo, existindo dois pólos que se defrontam, compondo um sistema auto-regulador e compensatório.

A maior parte dos conteúdos da psique é constituída de complexos, manifestações vitais provenientes dos conflitos, que formam unidades vivas e autônomas carregadas de afeto. Em seu aspecto primitivo, os complexos e impulsos se revelam através do outro, porque tudo com o que nos identificamos é projetado, como um caminho no qual o complexo chega à consciência. Os complexos mantem forte relação com os arquétipos na medida em que há ligação entre as vivências individuais e as grandes experiências da humanidade. São criados por traumas que criam imagens mnêmicas emocionalmente carregadas, que se associam a uma imagem arquetípica e que juntas constelam uma estrutura quase permanente, apossando-se das funções do ego e deflagrando as vivências mal resolvidas.

A este respeito, Whitmont (2006) relata:

Os complexos operam não apenas como conjuntos de tendências e impulsos interiores, mas também como expectativas, esperanças e medos concernentes ao comportamento externo das pessoas e dos objetos(...) Nossa reação é determinada pelo afeto e somos, portanto, incapazes de reagir adequadamente em relação a uma pessoa ou situação; não conseguimos nem aceitar, nem modificar, nem abandonar essa pessoa ou situação.(p.55)

Os complexos, como pontos nodais da vida psíquica, não são necessariamente patológicos, pois contêm seu poder impulsionador. Possuem estruturalmente dois aspectos: a casca (de natureza pessoal e individual, formada através da história de vida da pessoa e dos condicionamentos ocorridos durante a infância; também são conteúdos simbólicos na medida em que retratam a vivência pessoal do arquétipo) e o núcleo (formado pelos arquétipos, cuja base são tendências pré-formadas).

Whitmont (2006) os define como um “conjunto autônomo de impulsos agrupados em torno de idéias e emoções carregadas de energia” (p.63), que podem ser expressos em identidade, compulsão e primitividade, inflação e projeção, enquanto se mantiverem inconscientes.

Assim, são necessários porque são intermediários entre o arquétipo e o ego, vão sendo integrados paulatinamente ao longo da vida, constituindo a sombra, aspectos que foram vividos, mas não conscientizados, já que funcionam de maneira autônoma.

No desenvolvimento, a criança precisa vivenciar um estado de alargamento da visão do que ela é. O Self na infância permanece no cerne das vivências de identidade, proporcionando uma convicção da própria importância e valor, mas vai se modificando ao longo do processo.

A criança se defronta com a tarefa de adaptar-se cada vez mais à realidade do mundo e para isto é inicialmente impelida por suas fantasias grandiosas, cujo resultado inevitável é a frustração, necessária para que as fantasias se modifiquem e diminuam, tornando as funções do ego mais eficientes.

Neste processo de moldar-se a regras, valores e sistemas provenientes do meio, a criança pode vivê-lo de forma exacerbada, levando-a a perder a ligação com aspectos seus, na estrutura dessas formas e expectativas externas. A partir disso, o que acontece é que, para algumas pessoas, a adaptação significa que os talentos não cabem na estrutura, perdendo-se. Para outras, a vitalidade destes talentos não

pode ser facilmente abafada e a ausência de canais apropriados de expressão, poderá causar dor, em função da energia bloqueada e busca pela oportunidade de viver.

Abrams (1990) considera que a criança inicia a vida em um estado semelhante ao do paraíso, cujas necessidades são supridas pelo acolhimento maternal do mundo aquático, atemporal, ilimitado e interminável – assim a criança inocente carrega a representação de ser a portadora da grande promessa da humanidade.

Whitmont (2006) nos afirma a respeito da importante função dos pais como reflexo para o Self emergente da criança, ajudando a alimentar uma inflação necessária à motivação dela para ir em busca de um mundo em expansão.

Nessa interação familiar, as defesas vão sendo construídas e impedem a circulação livre e espontânea da energia, como forma de auxiliar à criança na identificação do que lhe pertence ou não.

Quando existe uma pessoa significativa no mundo da criança em quem ela deposite confiança, amor e que possa interpretar para ela seus sentimentos, ela vivenciará a realidade como verdadeira, o Self é afirmado, desenvolve-se assim a fé e dedicação às suas próprias experiências.

Nas situações em que não se dá esse espelhamento (seja pela ausência ou excesso), a interação entre o Self da infância e o mundo deixa de acontecer e interrompe-se o desenvolvimento normal. A pessoa vivencia então, até a idade adulta, uma pressão constante para retornar ao estado do Self constelado na infância para que o desenvolvimento possa recomeçar a partir daí. Quando há uma introversão defeituosa, que ataca o Self assim que ele se constela ou o protege de modificar-se, as frustrações são percebidas.

Segundo Neumann (1980), as consciências individual e coletiva se desenvolvem seguindo padrões psicológicos, passando necessariamente por ciclos arquetípicos. Afirma que desde o princípio da existência, a psique da criança já contém imersos os mecanismos de assimilação e acomodação, apenas esperando para serem flagrados à medida em que as experiências da vida providenciem os estímulos correspondentes. Ele fala da existência de alguns estágios de desenvolvimento do ego: do matriarcado ao confronto com o arquétipo do pai, até alcançar o mais alto grau de independência.

No plano individual, o primeiro ano de vida, no qual a mãe representa tudo para a criança, constitui a fase pré-egóica ou urobórica, símbolo da serpente que morde a própria cauda, formando a unidade sem opostos dessa realidade psíquica. Nesta fase, o ego está em processo de formação, há indiferenciação e não há separação de opostos: a criança está imersa no arquétipo da grande mãe. Esta fase é mitologicamente associada ao paraíso, já que todo o organismo da criança está sob controle da mãe, existindo um mínimo de desconforto e tensão. É a relação primal, base para todos os relacionamentos, dependências e relações subseqüentes.

No período inicial, o desenvolvimento é regido pelo materno, com as características típicas de ser aconchegado, formar vínculos pessoais, ter uma base, ser cuidado, deixar-se levar e deixar que a natureza o leve. É relacionado a *Eros* e por isso chamado de Ciclo Matriarcal, ligado à sabedoria do inconsciente e aos instintos da vida e do relacionamento. Fazem parte deste dinamismo as características do bebê no início da vida, assim, ele é regido pela sensualidade, pelo princípio do prazer e da fertilidade e pela intensa proximidade afetivo-corporal: a amamentação pelo alimento e proximidade, as demonstrações de carinho, a companhia inseparável e o relacionamento pessoal, incondicionalmente protetor e afetivo dos pais, através de suas palavras e imagem de seus corpos. Nesta fase, Neumann (1980) fala da existência de um Self corporal, que possui suas raízes no biológico, mas demonstra a importância da mãe, que atua como o Self da criança.

Gradualmente, o Self encarnado da mãe se desloca para o interior da criança, há o estabelecimento de um centro egóico e começa a surgir uma linha divisória entre a pessoa e o mundo, sob o predomínio de uma atitude mágica e antropocêntrica. O Self é vivenciado como pertencente ao ego e este encontra-se subordinado a impulsos e emoções no seu interior e eventos do mundo exterior.

Passa a ser ela mesma e a relacionar-se com o outro, embora Neumann (1980) ressalte a importância deste período como gerador de distúrbios graves relacionados à indisponibilidade da mãe relacionar-se com a criança, formando o ego ferido. Ele retrata as marcas de ferimentos e adversidades, que revelam a experiência de desamor, podendo contribuir para um ego negativizado, que expressa rigidez, agressão, sentimentos de abandono, inferioridade ou culpa.

Quando este ciclo é vivido satisfatoriamente - tanto no âmbito do indivíduo como da cultura - durante a formação do ego a criança é capaz de adaptar-se ao

mundo externo, com suas demandas e restrições, passando ao próximo ciclo, o patriarcal.

Nesta transição, a criança começa a se opor ao mundo materno e passa a se identificar com o pai, vai ganhando consciência da masculinidade que irá culminar no estágio do patriarcado.

O ciclo patriarcal tem a característica de adaptação ao mundo externo, regido essencialmente pelo arquétipo do pai com a constelação da ordem, das regras, da disciplina e da estrutura, relacionado a *Logos*. O princípio de funcionamento passa a ser o dever, a tarefa e a coerência, expressos pela moral, valorização da palavra e cumprimento das leis, formando os fenômenos da honra, vergonha e culpa.

Nestes dois ciclos, aparece a figura do herói, simbolizando a força necessária para que o ego supere e vença o inconsciente e se diferencie dele. Assim, é preciso abandonar o paraíso vivido no ciclo matriarcal, para conseguir passar para o próximo ciclo e desenvolver-se.

O ego não é mais absorvido pela atividade mágica, passando a dar conta de si mesmo e chegando à consciência, culminando em uma maior capacidade de abstração.

Stein (2000) coloca que todas as funções psíquicas da criança são primeiramente vivenciadas como atributos dos outros, denominando este fenômeno como projeção. Conforme a criança vai crescendo, sua tarefa é resgatar as projeções contidas pelas figuras parentais e internalizá-las. Essa internalização nunca termina, é um caminho contínuo e individualizado responsável pelo desenvolvimento psicológico. Nas doenças psíquicas, nota-se uma fixação nos pais, responsável pela interrupção da capacidade de internalização, o que impede o indivíduo de viver sua própria criança e ter liberdade no plano imaginário, fatores essenciais para a auto-realização psicológica.

Jung (2007) nos diz que no desenvolvimento, a criança busca o poder e deseja agradar aos pais, contribuindo para uma fachada de grandiosidade e deixando-a vulnerável ao menor fracasso. Anseia por admiração e adulação, a fim de sustentar este Self, que é mantido pelo sacrifício à criança interior. Para ele, a criança se encontra de tal forma unida à atividade psíquica dos pais que a maioria das doenças psíquicas da infância encontra-se relacionada à atmosfera deles.

O autor complementa dizendo a respeito do que começa como infinito e encaminha-se para o finito e imprevisível, para ser concretizado. O abandono é a

passagem onde a criança é internalizada, na medida em que a personalidade vai se adaptando às circunstâncias exteriores. Segundo Jung (2007), o abandono é o que de fato define inicialmente a criança interior, pois ela evolui para sua independência, que não pode ser obtida sem o distanciamento de suas origens.

O abandono é uma experiência positiva, porque nos põe em movimento na nossa jornada, nos faz seguir às voltas de nosso caminho em busca de experiência e da identidade. É somente quando estamos sozinhos, instalados lá no fundo de nós, que há espaço e condições suficientes para emergir à luz do dia. Devemos assumir o desafio da nossa separatividade, a dor que nos força a ganhar consciência, abrir-nos para a vivência do nosso Self como entidade distinta dos outros.

Enquanto a criança interior não for vivida, não se tornará uma realidade e ficará abandonada. A percepção da criança interior requer uma renovação periódica através de rituais, para que seja reconhecida como algo real e interior.

Segundo Jung (1971), a criança cresce rumo à autonomia, daí o abandono ser necessário. A alteridade psíquica que possibilita a verdadeira consciência e é sentida como auto-conhecimento, mas também como auto-alienação, pois somos sempre estranhos a nós mesmos e nos conhecemos através da descoberta do outro, cujo sentido ambivalente provem de uma condição primária.

Desta forma, o eixo ego-Self é vital para nossa saúde psíquica, pois nesta relação dialética a personalidade se desenvolve, já que é através do canal de comunicação entre consciente e inconsciente que o ego pode receber e incorporar novos conteúdos e crescer. Quando tomamos consciência de que não sabemos, abrimos a possibilidade para novos conhecimentos.

Para Pereira (2000), as “doenças” das crianças devem ser encaradas como símbolos, pois representam as possibilidades e dificuldades que elas enfrentam para dar conta da formação de sua personalidade, adaptando-se às exigências externas sem abrir mão do que é significativo à sua própria individualidade. A autora sugere que, até aproximadamente três anos, a psique da criança está indiferenciada e encontra-se conectada à dos pais e, portanto, suas perturbações refletem aquelas vividas pelos próprios pais. De três a cinco anos, já existe uma psique individual que é regida pelos impulsos e pelo ambiente que a cerca. Aos seis anos, a criança, como produto do meio em que viveu e dos recursos que foram oferecidos pelos

adultos, procura sua própria existência, ampliando seu espaço para fora do contexto familiar.

Na adolescência, ocorrem as idealizações sobre si mesmo, mas há uma profunda noção sobre seu valor; o indivíduo passa a vivenciar a validação de sua auto-imagem, talentos e limitações, que correspondem às suas verdadeiras habilidades, reforçando uma identidade estável. Aumentam as capacidades realistas, na medida em que diminui a pressão exercida pelo Self durante a infância.

Para refletirmos a este respeito, tomamos o conceito de Jung (2007) sobre o “*puer aeternus*”, anteriormente abordado, cuja representação nos remete à possibilidade do homem identificado com a eterna juventude, permanecendo maior tempo na adolescência. Sugere a expressão do viver intensamente: o jovem mergulha em suas fantasias mais mirabolantes, entrega-se a experiências sensoriais intensas apenas pelo gosto da excitação que sente nelas, reúne amigos querendo divertir-se e os abandona quando se tornam de alguma forma uma responsabilidade.

Na vida adulta, ao passarmos a viver seguindo valores e significados convencionais, a criança interior fica atormentada por sentimentos de inveja ou ira, desespero interior, isolamento e depressão. Assim, o modo como tratamos nossa criança interior determinará, de forma decisiva, o tratamento com as crianças em geral.

Segundo Stone e Winkelman (1989):

A perda da criança interior... é uma das mais profundas tragédias do processo de “crescimento”. Perdemos uma imensa parcela da magia e do mistério de viver. Perdemos em igual medida a delícia da intimidade em uma relação. Uma dose correspondente da destrutividade que despejamos uns nos outros como seres humanos resulta da nossa falta de conexão com nossas suscetibilidades, nossos receios, nossa própria magia... Talvez o eu mais universalmente repudiado, em nosso mundo civilizado, seja a Criança Vulnerável. Não obstante, essa Criança Vulnerável pode ser a nossa mais preciosa subpersonalidade – a mais próxima da nossa essência – aquela que nos permite ser verdadeiramente íntimos, vivenciar completamente os outros, e amar. (p. 195-196).

1.3 Persona e sombra

No desenvolvimento do ego, o resultado do encontro do Self, enquanto potencial humano e a realidade externa, conduz a criança a passar por um processo de adaptação às normas e padrões sociais.

Persona e sombra constituem-se como pares de opostos, que condensam relações de oposição e compensação, de tal forma que quanto mais clara a persona, mais escura será a sombra e vice-versa, ou seja, quanto mais identificada com seu papel social, mais escura e negativa será a individualidade genuína. Ou ainda, quanto maior a preocupação com a sombra, maior a incerteza, inflexibilidade e comportamentos impulsivos serão manifestos.

Segundo Whitmont (2006), o conceito de persona refere-se aos papéis que desempenhamos no mundo, correspondendo às máscaras que carregamos junto à realidade exterior. Tem função adaptativa e às vezes defensiva, na medida em que nega o aspecto sombrio e, caso implique em uma persona coletiva, supõe que seus conteúdos autênticos estão na sombra. Quando ela assume um caráter defensivo, passa a exercer uma função de negação, criando uma esterilidade na personalidade, tornando a sombra ameaçadora.

Na infância, estes papéis são determinados pelas expectativas paternas, visando receber aprovação. São permeados por padrões pessoais e coletivos, expressos e transmitidos através dos pais ou das exigências externas.

No decorrer do desenvolvimento, é necessário que ocorra uma diferenciação entre o ego e a persona, para que possamos nos tornar conscientes enquanto indivíduos separados das exigências externas, desenvolvendo uma capacidade de julgamento que promova uma adaptação.

Caso ocorra uma fixação nestes papéis, quando a individualidade é confundida com os mesmos, constituir-se-á um estado de inflação. O estado de confiança exagerada solidifica a rigidez na persona, a falta de uma genuína sensibilidade ou ainda, em sentido oposto, a dificuldade de identificação com o papel contribui para a falta de segurança, rebeldia ou autoproteção excessiva.

A sombra caracteriza-se como a parte reprimida da personalidade, projetada nos outros quando não conseguimos diferenciar a realidade da outra pessoa dos nossos próprios complexos, isto é, quando não conseguimos distinguir a nós mesmos. Embora os conteúdos sejam reprimidos da consciência do ego, permanecem como complexos e a sombra representa os impulsos e padrões de comportamento, a parte “escura” da personalidade.

A sombra é projetada de duas maneiras: individualmente, nas pessoas a quem atribuímos todo o mal e coletivamente, sob as formas do inimigo ou as representações inconscientes personificadas.

O reconhecimento e aceitação da sombra é condição fundamental para o acesso ao inconsciente e é a nossa própria realidade, pois confrontá-la significa caminhar em direção ao que realmente somos e não apenas como desejamos ser.

Segundo o Whitmont (2002), nosso ego tende a impingir uma resistência ao confrontar a sombra, a fim de proteger seu controle, entretanto a sombra apresenta padrões de comportamento e sentimento autônomos e carregados de energia, que exigem consciência e aceitação para poder transformá-la. Tem como finalidade colocar-nos em contato com nossas imperfeições, nos humanizando.

Sombra e persona são estruturas psíquicas que se formam junto com o ego, sendo a persona ligada ao que “deve ser” e o ego, ao que “é”. Quanto maior o distanciamento entre elas, maior a tensão psíquica.

Segundo Jung (1988), a persona se constitui como uma máscara da psique coletiva; aparenta uma individualidade, mas não passa de um papel que representa um compromisso entre o indivíduo e a sociedade.

A persona é uma ferramenta que facilita o processo adaptativo, a serviço do ego e atua a favor de negar aspectos da sombra; mas quando ela se fixa, pode contribuir para um processo de cisão interna. Desta forma, o desenvolvimento saudável implica em uma adaptação ao papel, mas não isenta o indivíduo do que ele é na realidade.

Ao longo do desenvolvimento, precisamos validá-la, ao exercer nosso papel social de nosso próprio jeito, já que quando deixamos nossa criatividade em prol da defensividade, negamos a sombra, que se tornará cada vez mais ameaçadora.

Whitmont (2006) sugere que a condição oposta à repressão seria a disciplina e por este motivo, deveríamos desenvolver a disciplina para podermos encarar a sombra e eventualmente agir contrariamente aos nossos sentimentos, suportando a pressão do impulso e a frustração ou dor de não satisfazer um anseio.

Segundo o autor, este processo se dá através da aproximação de tendências evolutivas, sendo que na vida adulta perceberíamos o maior estranhamento entre ego e Self, com a tendência a perdemos o sentido do “numinoso”, da experiência com o divino, com o Self. Nestas condições, ocorre o predomínio da racionalidade e do controle consciente da vontade, quando o adulto acredita ser senhor de seu próprio destino.

A fase adulta é governada pela preocupação do ego com a adaptação à realidade externa e expressa o desejo de poder que luta para satisfazer as

necessidades de sobrevivência e controle competitivo, além de evitar o desprazer. A única realidade psíquica parece ser a experiência subjetiva que o ego tem de si mesmo, o que pode ocasionar maior confronto com a energia arquetípica e contribuir para que a confrontação com a sombra ocorra através de outra pessoa, em função da identificação egóica.

A sombra não pode ser eliminada e conduz-nos à necessidade de reconhecermos nossas imperfeições. Segundo Jung (1988), o complexo só se torna patológico quando presumimos que não o possuímos, já que é ele que nos possui. Assim, precisamos suportar o conflito e lidar com a sombra, pois ela tem o poder de nos humanizar.

Este processo revestido pelo âmbito racional, nos remete à compreensão de que o indivíduo vivencia uma dissociação, já que afasta da consciência tudo o que é inaceitável, atribuindo estes elementos ao outro e reforçando a necessidade de enfrentamento da oposição e da sombra, o que se refletirá nos relacionamentos.

Para Jung (1987), na fase compreendida entre os trinta e cinco e quarenta anos, prepara-se uma importante alteração na psique humana, que parece surgir no inconsciente. De um lado, percebe-se um recuo a romper com a juventude e esforçar-se para olhar para trás diante de perspectivas insuportáveis. De outro, configura-se uma necessidade de dar atenção a si mesmo, apresentando questões sobre o significado de sua existência e abrindo espaço para a aceitação da abordagem simbólica.

Whitmont (2006) defende que o despertar dos conflitos intrínsecos da existência, com relação aos deveres, amores e responsabilidades, onde as exigências exteriores parecem irreconciliáveis, conduzem o ego à necessidade de vivenciar suas limitações e relativa falta de poder diante da realidade da psique objetiva, então o mistério que transcende a proximidade da morte física.

Desta forma, Jung (2007) diz que ao percebemos que a ligação com o Self torna-se o elo fundamental entre a experiência e o inconsciente ilimitado, descobrimos que esta consciência é que nos proporciona vivenciarmos em nós a limitação e a eternidade, já que apenas quando sabemos que somos limitados, podemos nos conscientizar sobre o infinito.

Capítulo 2 – Arquétipo da criança interior, símbolo e individuação

2.1 Símbolo e função simbólica

Ao considerarmos as colocações de Jacobi (1995), compreendendo símbolo, em termos literais como “*imagem do sentido*”, complementamos com a idéia de Silveira (1988), de que em todo símbolo está presente a imagem arquetípica como fator essencial. Verificamos que para constituir o símbolo, a imagem deve juntar-se a outros elementos internos, aspecto que reflete sua complexidade, bem como a síntese de opostos na qual consciente e inconsciente se aproximam. A formação simbólica é então promovida a partir do processo compensatório da psique e traz uma dimensão não-vivida.

A autora ressalta que os arquétipos são sempre um símbolo em potencial e enquanto elementos estruturais numinosos da psique tem autonomia e energia específicos, capazes de atrair os elementos do consciente que lhe são convenientes. O símbolo atua como um autêntico mediador entre consciente e inconsciente, entre o revelado e o oculto; é portador do inédito para que o indivíduo possa avançar no seu processo de crescimento.

Notamos que a função simbólica é autônoma, inerente e espontânea, mas implica em níveis de percepção e consciência, pois na medida em que percebemos o impacto que revela, nos permite mudar, ampliar e conhecer nossa interioridade. Sua base é inconsciente, como matriz criativa que sintetiza opostos e como possibilidade de nos dar um sentido, um significado, tornar-se unificadora e curativa. Por isto, a capacidade simbólica associa-se à capacidade de percebermos diferentes níveis da realidade.

Eddinger (1992) nos coloca que a vida simbólica constitui um pré-requisito à saúde psíquica, nos leva à parte que falta ao homem inteiro. Provem da palavra grega *symbolon*, que combina duas raízes: *sym*, que significa junto ou com; e *bolon*, “aquilo que foi colocado”. O símbolo nos permite o contato com nossa totalidade, com as forças suprapessoais que constituem a força de nossa existência e cura a nossa divisão, nossa alienação de vida.

Ao tomarmos o pensamento de Jung (2007), destacamos a função transcendente como a capacidade da psique de formar símbolos, que seriam

relacionados a uma tendência inconsciente voltada à totalização, que nasce espontaneamente e cuja disposição transformadora de energia revelaria o poder curativo e restaurador da psique.

Ao aprofundarmos a compreensão sobre o simbolismo da criança, encontramos a idéia de que:

O símbolo é a antecipação de um estado nascente de consciência. Enquanto este estado não se estabelece, a 'criança' permanece uma projeção mitológica que exige uma repetição pelo culto e uma renovação ritual. O Menino Jesus, por exemplo, permanece uma necessidade cultural, enquanto a maioria das pessoas ainda é incapaz de realizar psicologicamente a frase bíblica: 'A não ser que vos torneis como as criancinhas'. Tratando-se aqui de desenvolvimentos e transições extremamente difíceis e perigosos, não surpreende que tais figuras permaneçam vivas por centenas ou milhares de anos. Tudo o que o homem deveria, mas ainda não pode viver em sentido positivo ou negativo, vive como figura ou antecipação mitológica ao lado de sua consciência, seja como projeção religiosa ou – o que é mais perigoso – conteúdos do inconsciente, que se projetam então espontaneamente em objetos incongruentes. (Jung, 2007, p. 169)

Whitmont (2006), tomando como referência as idéias de Jung, postula que a unidade básica do funcionamento mental é a imagem, que os conceitos surgem a partir delas através de um processo de abstração via pensamento. Pode-se afirmar que a unidade de operatividade básica da psique é a imagem emocionalmente carregada; o indivíduo age no sentido de abstrair ou afastar sua consciência dessa reação psíquica original, rumo aos conceitos destituídos da emoção, como se fossem construídas ilhas de segurança com a finalidade de estabelecer uma posição ao aparente, independentemente de onde transitam impulsos emocionalmente carregados.

Verificamos então que é a partir do inconsciente que a consciência se forma, estabelecendo dois tipos de vivências: a do mundo dos objetos de fora, que somos capazes de organizar e dos impulsos de dentro, difíceis de dominar.

Jung (1963) define símbolo como sendo a melhor descrição de um fato relativamente desconhecido; uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Para ele, o símbolo “ *tem um aspecto 'inconsciente' mais amplo que nunca é precisamente*

definido ou de todo explicado (...) Quando a mente explora um símbolo, é conduzida a idéias que estão fora da nossa razão”.(p.20).

Considerando que na concepção de Jung o homem também produz símbolos inconscientes e espontâneos, além da questão de que a realidade nunca é totalmente apreendida pela consciência, vemos também que tudo o que percebemos da realidade depende da significação que atribuímos. Assim, os fenômenos captados são transpostos da realidade para a mente e tornam-se acontecimentos psíquicos, cuja natureza externa nos é desconhecida.

Assim, os símbolos podem ser distinguidos entre naturais e culturais. Os primeiros são derivados de conteúdos inconscientes da psique e representam um número imenso de variações das imagens arquetípicas essenciais. Já os segundos, foram empregados ao longo do tempo para expressar verdades eternas e tornaram-se imagens coletivas aceitas pela sociedade.

Os símbolos fazem a ponte entre consciente e inconsciente, são portadores das mensagens que estão faltando à consciência e formam-se continuamente, servindo como elementos equilibradores dentro do sistema de auto-regulação da psique.

A experiência simbólica independe da nossa vontade e exerce, segundo Von Franz (1992), um papel prático importante, pois representam tentativas naturais para reconciliação e união dos elementos antagônicos da psique.

Byington (1987) afirma que os símbolos expressam o arquétipo dentro da história do aqui e agora e apontam de uma determinada maneira para o futuro. Ao entrar na consciência, o símbolo pode trazer algo novo e provocar uma desorganização na ordem vigente, podendo produzir ansiedade. Para o autor, o símbolo e a função simbólica são manifestações de energia psíquica através das coisas e acontecimentos. Assim, todas as representações que operam no campo psíquico são símbolos, que dizem respeito ao processo de desenvolvimento do Self ou totalidade psíquica.

Segundo Sharp (1993), *“a atitude simbólica, no fundo, é construtiva, pois dá prioridade à compreensão do significado ou propósito dos fenômenos psicológicos, em vez de procurar uma explicação redutiva”* (p.147).

2.2 O simbolismo da criança interior

Jung (2007) afirma que a criança

Representa o mais forte e inelutável impulso do ser, isto é, o impulso de realizar-se a si mesmo. É uma possibilidade de ser-de-outra-forma, equipada com as forças instintivas naturais, ao passo que a consciência sempre se emaranha em uma suposta possibilidade de ser-de-outra-forma. (p.171).

Deste modo, a criança pode representar a transformação, a renúncia ao estabelecido e a apropriação do novo, constituindo-se para Jung (2000) *como “tudo o que é abandonado, exposto e ao mesmo tempo, o divinamente poderoso, o começo insignificante e incerto e o fim triunfante”* (p.178-179).

Quando abordamos a expressão deste arquétipo ao longo da vida, é necessário nos remetermos ao pensamento de Winnicott (1971) no que se refere ao brincar, pois ele o compreende como um *“interjogo entre a realidade psíquica pessoal e a experiência do controle dos objetos reais”* (p.71). Desta forma, a brincadeira nos permite avaliar o estado de desenvolvimento simbólico da criança, enquanto função essencial à projeção das tendências destrutivas e amorosas.

Como experiência em si, Winnicott (1971) considera que é somente no brincar que o indivíduo, seja ele criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral. Ao enriquecerem suas brincadeiras, as crianças ampliam gradualmente sua capacidade de ampliar a riqueza do mundo externamente real e afirma que é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu.

Esta idéia nos remete à reflexão sobre a importância da expressão do arquétipo da criança interior em sua manifestação típica, o brincar, que independe da idade – como condição necessária ao auto-desenvolvimento.

Ao retomarmos a idéia de Jung (2007) de que a expressão do arquétipo compreende a função de *“propiciador de completude”*, destacamos:

A vida é um fluxo, um fluir para o futuro e não um dique que estanca e faz refluir. Não admira portanto que tantas vezes os salvadores místicos são crianças divinas. Isto corresponde exatamente às experiências da psicologia do indivíduo, as quais mostram que a ‘criança’ prepara uma futura transformação de personalidade. No processo de individuação antecipa uma figura proveniente da síntese dos elementos conscientes e inconscientes da personalidade. (p. 165) .

Verificamos que Jung (2007) diz que numerosas crianças representam um produto da dissolução da personalidade, considerando como possibilidade o fato de que esta pode encontrar-se em estágio de pluralidade, no qual não experencia sua totalidade. Sob esta ótica, sua expressão estaria restrita ao âmbito da família, da tribo ou da nação, identificada com o grupo.

2.3 A criança divina

Ao aprofundarmos o estudo da criança interior, notamos que o arquétipo da criança divina mistura-se aos outros aspectos mitológicos do motivo da criança, que envolvem uma visão vivenciada espontaneamente, enquanto irrupção do inconsciente.

Desta forma, pretendemos retomar a idéia de que sentimentos de abandono ou alienação podem constelar o arquétipo da criança, manifestando paradoxalmente desejos regressivos de dependência e desejos desesperados de livrar-se do passado – o lado positivo da criança divina.

Hillman (1983), ao defender a necessidade de novamente acolhermos o componente infantil da personalidade um dia rejeitado e olharmos para a criança abandonada que existe em nós, afirma que ao negar a existência de perdas e transições reais, apresentamos dificuldades para ingressar no mundo adulto, sujeitando-nos a sentimentos de vazio e falta de sentido. Por outro lado, o autor nos coloca que o puer aeternus também pode englobar alguns dos atributos mais positivos da criança interior:

Esponaneidade de pensamento, criatividade na solução de problemas, formas originais de expressão, capacidade de arriscar-se a um desligamento em relação às próprias origens, existir dentro de um estado de perpétua revolução, visualizar novos princípios, ir em busca de oportunidades, alegrar os outros com seus encantos. (Hillman, 1999, p. 114).

Esta idéia se associa ao pensamento de Jung (2007) de que a criança evidencia, ao mesmo tempo, tudo o que está abandonado e desprotegido, mas também divinamente poderoso, cuja experiência é indescritível, uma prerrogativa

divina, um elemento imponderável capaz de determinar a ausência ou presença de valor numa personalidade.

Jung (2007) também nos coloca sobre o aspecto paradoxal da criança: por um lado, ela é indefesa frente a inimigos poderosíssimos, é desconhecida, apenas uma criança em sua condição; por outro, possui forças que ultrapassam muito a medida humana, é divina, triunfante.

Constitui-se como um futuro em potencial, fator que, segundo Jung (1971), prepara uma transformação da personalidade e antecipa desenvolvimentos futuros. É um símbolo de unificação de opostos, pois no processo de individuação, antecipa a síntese dos elementos conscientes e inconscientes da personalidade, bem como de desenvolvimentos futuros. Traduz a natureza espontânea e criativa, bem como a força da transformação.

Para ele, o caráter numinoso da criança, que exerce fascínio por ser uma configuração do vir-a-ser a caminho da totalidade; representa “*o mais forte e inelutável impulso do ser, isto é, o impulso de realizar-se a si mesmo*” (p.171)

2.4 A criança ferida

Ao tomarmos o pensamento de Hillman (1999), observamos que para alcançarmos a totalidade, seria preciso curarmos a criança ferida, que corresponderia à vivência unilateral do aspecto da alma, que precisa da união com outra pessoa e a exige. Segundo o autor, quando a criança não é aceita em sua própria realidade, ela não vivencia a autenticidade dos próprios sentimentos.

A criança também nos traz o paradoxo entre a rejeição e o abandono, que precisa ser claramente vivenciado para que ela se desligue da mãe e tenha a possibilidade de crescer. Assim, a criança também traz a questão da luta a fim de desenvolver-se, como coloca Jung (2007) a propósito de que somente em um estado de abandono e solidão absolutos vivenciamos os poderes de nossa própria natureza.

Ele reforça que ao nos depararmos com o conflito entre a criança que evolui no sentido da independência e o abandono como condição necessária, precisaremos de um símbolo que assinale a necessidade de nos distanciarmos de nossas próprias origens.

Para ele, o símbolo da criança captura e fascina a mente consciente, impregnando a consciência e desencadeando a separação na situação de conflito.

Já o símbolo da criança, em um sentido amplo, antecipa um estado nascente de consciência e personifica meios e possibilidades totalmente ignoradas por nossa mente consciente unilateral, refletindo a ânsia de realizar a si mesma.

Para Abrams (1990), ao curar a criança ferida interior devemos aprender a entender o sofrimento de nossos pais, já que ela representa a vítima que tem sofrido mágoas e vem sendo enterrada lá no fundo, a fim de proteger-se, escondida em comportamentos reativos e autoprotetores, debilitada por uma confusão de sentimentos, como “ansiedade, impotência, mágoa e ira”. A vulnerabilidade reflete a dissociação com relação à personalidade total e para incumbir-se da criança, é preciso integrá-la à percepção consciente.

Hillman (1999) afirma que perdemos o respeito pela regressão, esquecendo-nos de que as coisas vivas precisam voltar aos primórdios.

Considera também que a vulnerabilidade, presente até os cinco anos de idade, pode ser preciosa, já que nos permite vivenciar plenamente os outros e amar, porque estamos energeticamente sintonizados e temos consciência do que está acontecendo, por isto o diálogo com a criança interior pode ser gratificante e revelador.

Posteriormente, percebemos que a vulnerabilidade torna a intimidade possível na relação, pois ao ser vulnerável com o outro, podemos permitir que os sentimentos, pensamentos e reações emergem, apreciando-os e tornando o apaixonamento uma experiência maravilhosa.

Sob a influência dos complexos constelados da infância, corremos o risco de cair em uma condição psicológica perigosa, dentro da polaridade vítima – opressor, já que o medo de ser abandonado por alguém pode reforçar atitudes de evitação ou constelar situações repetitivas de abandono. Para lidarmos com elas, precisamos aceitar nossa realidade e não negar sentimentos e fraquezas, além de retomar a ligação com a mãe em sua fonte arquetípica, já que a “grande mãe” é o aspecto provedor do inconsciente.

Segundo Stone (1989), ao reconhecer a presença da criança interior e desenvolver a percepção consciente dessa personalidade particular, a vulnerabilidade se constitui como uma possibilidade de autêntico fortalecimento interior. O autor coloca que a criança interior nos traz a capacidade de nos

mantermos humanos, pois nunca cresce e torna-se mais sensível e confiante à medida em que aprendemos a oferecer-lhe tempo, cuidados, assistência e afeto protetor.

Para Jung (2007), quando a criança não tem permissão para vivenciar estes sentimentos de tristeza, raiva, perda e frustração, estes se tornam neuróticos e distorcidos, estas repressões serão repetidas na vida adulta e formarão a base da neurose.

Citamos Stein (2000), a propósito da cisão dos arquétipos, que considera que quanto maior a cisão entre os arquétipos do *senex* e da criança, mais desesperada seria a necessidade que o *senex* tem de integrar as qualidades de deslumbramento inocente, abertura, vulnerabilidade e frescor virginal que a criança contém. Analogamente, a criança também precisaria da estabilidade proporcionada pela força, pela sabedoria espiritual ancestral, pelos limites e pela profundidade do *senex*. Desta forma, *senex* e *criança* são uma polaridade que funciona criativamente para o desenvolvimento psicológico somente quando formam uma totalidade complementar.

Quando nos referimos à cisão, verificamos que, segundo o autor, a criança é forçada a dar vida à sombra dos pais, já que capta esses conflitos e necessitará de alguém que legitime a veracidade do que ela percebe.

Desta forma, precisamos do contato com o arquétipo da totalidade e da crença de que ele futuramente será realizado, a fim de que a vida tenha direção, significado e equilíbrio. Segundo Abrams (1990), *“acolher a criança, incorporá-la conscientemente como uma manifestação saudável da nossa totalidade psíquica é receber a dádiva da criança interior (...) ela o leva até o mundo. Estamos todos aqui para viver segundo o destino da criança”* (p.276).

2.5 Arquétipo da criança interior e o processo de individuação

Pretendemos então correlacionar o arquétipo da criança interior ao processo de individuação, objetivando uma compreensão ampliada do desenvolvimento humano.

Jung (apud Jaffé, 1995) afirma que o processo de individuação consiste de *“tentativas constantemente renovadas, constantemente exigidas, de combinar as*

imagens interiores com a experiência exterior”, cujo significado seria a realização do Self. (p. 79).

Complementamos a idéia ao caracterizá-lo como um processo natural, espontâneo e autônomo, completamente independente de nossa vontade consciente, que implica no desenvolvimento de uma flexibilidade do ego suficiente para torná-lo aberto ao fluxo criativo do inconsciente.

Entendemos o processo de individuação, que nos acompanha por toda a vida, como uma necessidade de diferenciação do coletivo, uma transformação da personalidade que leva a uma desidentificação dos papéis sociais ao alcance da plenitude de seu potencial. Cada adaptação ao meio nos afasta mais da integridade da criança, demonstrando nossa fragilidade ao obrigarmo-nos a tais adaptações às exigências do meio.

Verificamos anteriormente que, no início, a consciência surge com o ego infantil, que emerge da inconsciência e no seu crescimento, cuja expansão crescente e complexidade coincide com o desenvolvimento do corpo físico, até que a separação da matriz inconsciente interna leva à distinção do corpo individual do mundo circundante. O mundo se torna concreto e o ego vai aprendendo a manipular o meio ambiente para sobreviver na cultura, contendo as emoções e fluxo do pensamento para adaptar-se aos padrões sociais requeridos de comportamento.

Segundo Stein (2000), o crescimento do ego para fora do inconsciente impulsiona a separação do meio circundante a fim de adaptar-se ao meio, contribuindo para a separação entre a consciência do ego e a matriz inconsciente de onde provém. Como o ego tende a tornar-se unilateral e excessivamente confiante em si mesmo, o inconsciente começa a atuar de forma compensatória, através de atos falhos, esquecimentos, revelações milagrosas, cuja força propulsora é o si-mesmo.

Jaffé (1995) nos coloca que o processo de individuação exige uma confrontação implacavelmente honesta com os conteúdos do inconsciente, trazendo visões sombrias ou dolorosas. Visa o cumprimento do próprio destino e vocação, mas nunca é plenamente alcançado, o que reforça a idéia de que seu valor ocorre durante o processo.

Silveira (1988) comenta que dentro da Psicologia Analítica, considera-se que todo ser tende a realizar o que existe nele como germe e que consistiria, em uma etapa preliminar, no desvestimento das falsas roupagens da persona, do que os

outros esperam que ele deveria ser, resultante dos processos de aculturação, educação e adaptação aos meios físico e social. Desvela então um complexo funcional complementar, a sombra, formada na medida em que os conteúdos não encontram espaço no mundo externo, constituindo aspectos que não aceitamos em nós, reprimimos e projetamos nos outros e que caracterizarão traços e qualidades incompatíveis com o ego consciente, favorecendo o distanciamento entre os mundos externo e interno. A integração destes pares opostos depende da aceitação de nós mesmos, de partes que não pertencem à nossa imagem ideal.

Para Hollis (2005), a recuperação da sombra se constituiria como tarefa à individuação, pois ela é encarregada, do ponto de vista ético, de integrar as partes cindidas em um todo abrangente.

Após travarmos conhecimento com a sombra e tomarmos contato com o inconsciente pessoal, nos confrontamos com a anima, função que representa o feminino no homem ou com o animus, que representa a imagem interna da mulher na psique masculina. Ao se desfazerem as personificações da anima ou do animus, que enquanto arquétipos da criatividade têm como função estabelecer uma ponte para o Self (núcleo mais interior da psique, onde cada indivíduo humano é portador inato de uma impressão do arquétipo do si-mesmo), então o inconsciente aparece de uma nova forma simbólica. Anima e animus são aspectos complementares, que agem em prol da descoberta do fluxo de energia que caracteriza a psique, cuja integração formará a fase de diferenciação da alteridade.

Segundo Jung (1988), na segunda metade da vida a pessoa buscará tornar-se o que é potencialmente, mas neste momento de forma profunda e mais consciente. Reforça a idéia de que sempre que a consciência for capaz de assimilar os conteúdos produzidos no inconsciente, isto é, compreendê-los e digeri-los, cria-se um novo equilíbrio.

Para o autor, este será o processo natural de individuação do homem, como refletido na cultura. No desenvolvimento da consciência, distinguem-se, portanto cinco etapas:

1. *Participation mystique*: onde consciência e objeto são identificados como a mesma coisa (no início o bebê é incapaz de distinguir onde ele termina e a mãe começa), vive um mundo unificado;

2. As projeções tornam-se mais localizadas, o bebê adquire a percepção dos objetos de fora, ocorre a diferenciação entre o si-mesmo e o outro, entre o interior e

o exterior, alguns objetos se tornam importantes porque contêm projeções e o investimento libidinal (especialmente os pais);

3. Percebe que os objetos portadores de projeções específicas não são idênticos às projeções que trazem em si, o que gera a perda do encanto anterior;

4. Há a extinção radical das projeções, levando à criação de um “centro vazio”; o ego se infla como responsável pelos julgamentos;

5. Ocorre a consciência sobre a limitação do ego e uma clara percepção dos poderes do inconsciente, tornando possível a união entre consciente e inconsciente através da função transcendente e do símbolo unificador.

Para o autor (1988), o arquétipo pode ser considerado um fator organizador em virtude de constituir-se como um elemento estrutural do inconsciente. Como mediador e unificador de opostos entre o inconsciente e o consciente, ele “*constrói uma ponte entre a consciência do presente, ameaçada de desenraizamento, e a totalidade natural inconscientemente instintiva dos tempos originários*” (p.174-175).

Ao considerarmos a concepção de Jung (2007) a respeito da tendência compensatória da psique inconsciente para produzir um símbolo do si-mesmo em seu significado cósmico, verificamos que “*a fenomenologia do nascimento da criança sempre remete a um novo estado psicológico do não-conhecer*” (p. 172)

Ocorre o deslocamento do centro da personalidade do eu para o si-mesmo, reforçando o pensamento de Sharp (1993), no qual o processo de individuação difere do aparecimento do ego na consciência, porque abrange infinitamente mais do que o ego, incluindo, além do Self, todos os demais selves, entre eles o ego.

Sharp (1993) destaca que a individuação tem dois princípios interdependentes, mas que prevalecem em determinadas circunstâncias: constitui-se como um processo interno subjetivo e de integração, mas também é um processo igualmente indispensável de relacionamento objetivo.

Segundo Jung (2007), as imagens arcaicas da infância formariam grande parte do que somos, sendo apreendidas como orientações originais da vida, entre as quais a alegria, espontaneidade e as qualidades de abertura que possibilitam a jornada da individuação.

Além disto, Hillman (1999) nos relembra que a psique tem seu próprio tempo e movimento, daí a importância de reconhecermos que o acesso à criança interior se tornará a abertura através da qual a criança divina poderá entrar em nossa

consciência, pois quando estabelece a ligação, decide e nos apóia a vencer obstáculos.

A importância do arquétipo da criança sugere que o germe da totalidade já se encontra na psique e revela a futuridade, constituindo-se como o *“impulso de realizar-se a si mesmo”* (Jung, 2007, p.289).

Capítulo 3 – Objetivos

Objetivo geral:

Compreender as formas de manifestação do arquétipo da criança interior em adultos entre 35 e 50 anos de idade, a partir dos significados atribuídos a estas formas de expressão na vida adulta.

Capítulo 4 – Metodologia

4.1 Método

Para realizarmos este trabalho, optamos pela utilização de metodologia de pesquisa qualitativa, visando a obtenção de dados que contemplassem tanto aspectos subjetivos quanto objetivos dos indivíduos pesquisados. Esta escolha metodológica nos permitiu o estudo de nosso tema em seu *setting* natural, possibilitando-nos interpretar os significados atribuídos pelos participantes.

Para nos aproximarmos da forma como os participantes entendem e constróem seus significados, optamos pela utilização da técnica de entrevista semi-aberta e de profundidade, em caráter individual, durante a qual efetuamos também observação empírica dos indivíduos, no que se refere aos aspectos relativos à linguagem corporal / comportamental, como complementação à coleta dos dados.

Segundo Fontanella, Campos e Turato (2006), a entrevista de pesquisa clínica qualitativa, na medida em que pressupõe um encontro interpessoal e interação que estabelece para obtenção das informações, consistiu em um instrumento gerador de novos conhecimentos sobre as vivências humanas, acolhendo a emergência da subjetividade. Além disso, o comprometimento do pesquisador com a interpretação da lógica do sujeito, nos permitiu acessar as relações de significado, cumprindo, no caso da entrevista não-dirigida, seu caráter exploratório e assimétrico, sem perder de vista a condição de observador participante, fundamental ao pesquisador qualitativo. Para tal, os sujeitos foram convidados a falar sobre os assuntos sugeridos, partindo de uma instruções e questões disparadoras do tema, observando atentamente fatores que pudessem modular mudanças de comportamento ao discorrer sobre o assunto, entre os quais elementos verbais e não-verbais.

Penna (2003) comenta que esta metodologia de investigação, sob a ótica da Psicologia Analítica, ocorre a partir da apreensão e processamento simbólico por parte do pesquisador, agrupando características do pensamento dialético, fenomenológico, hermenêutico, associativo, analógico e imagético. Reforça sua abordagem interpretativa e compreensiva dos fenômenos, na medida em que busca

significados e finalidades, compondo-se de uma totalidade dinâmica que contem elementos diversos.

Estruturamos um roteiro com cinco questões básicas, visando orientar a intervenção investigativa e desencadear um processo reflexivo, considerando o acolhimento com atitude clínica e o estabelecimento da interação entre o pesquisador e os participantes, como aspectos importantes à compreensão dos fenômenos e suas relações.

Da observação e auto-observação desses fenômenos, constituiu-se a interação que tornou possível a percepção das manifestações humanas em sua expressão simbólica, aproximando aspectos subjacentes e manifestos, bem como utilizando mecanismos associativos, comparativos, analogias e busca de sentido como meio para tornar conhecidos elementos antes desconhecidos e promover a amplificação destes conteúdos, que atuaram em prol da construção do conhecimento e ampliação da consciência.

4.2 Participantes

Participaram da pesquisa cinco pessoas adultas, com idade compreendida entre 35 e 50 anos de idade, de ambos os sexos e estados civis, com formação superior e que não estivessem sob tratamento psicológico por motivo de neurose grave ou doença psiquiátrica. Consideramos estes critérios como forma de caracterizar sujeitos na idade adulta, sob condições favoráveis à reflexão sobre o tema em questão, pressupondo que deste modo poderíamos distinguir a criança na infância da compreensão da criança interior.

As condições individuais relativas à idade, estado civil, profissão, observações pessoais, comportamentos gerais durante as entrevistas e breve auto-descrição, foram especificadas na transcrição integral dos dados (Anexo 3).

4.3 Procedimento

O procedimento utilizado foi o de entrevista de profundidade, já que pretendemos abordar os significados atribuídos pelos participantes com relação ao tema, visando acessar dados subjetivos e simbólicos.

Os participantes foram inicialmente contatados por telefone, verificamos o interesse pelo tema através da explanação dos objetivos e prontidão para o esclarecimento de dúvidas pertinentes à coleta dos dados, para certificarmos-nos a respeito da disponibilidade e identificação com o assunto. Em seguida, procedemos o agendamento das entrevistas individuais, efetuadas em consultório psicológico.

Preservaram-se os critérios éticos na pesquisa, destacando nos encontros a assinatura de um termo de consentimento dos participantes (anexo 1), preservando a confidencialidade dos dados e a identidade das pessoas, com uso das letras sequenciais, de A a E, para caracterizar os cinco entrevistados. Além disto, o *setting* terapêutico incluiu condições físicas adequadas e confortáveis, bem como o registro dos relatos através de gravação em meio audifônico.

Realizamos a coleta dos dados e utilizamos como procedimento entrevista semi-dirigida, considerando as colocações de Fontanella, Campos e Turato (2006), com relação à sua confiabilidade na geração de conhecimentos novos sobre vivências humanas, compreendendo o ponto de vista subjetivo dos indivíduos em estudo, condição apropriada a esta pesquisa, por seu cunho qualitativo.

É importante colocarmos que, segundo os autores, a atitude clínica de acolhimento permite a exploração e emergência dos significados atribuídos aos fenômenos ou mesmo de novas compreensões dos mesmos a partir da interação entre entrevistado e entrevistador e, após o registro e investigação dos dados, novas análises.

Na operacionalização das entrevistas, procuramos inicialmente contextualizá-las, estabelecemos *rapport* inicial, levantamos algumas informações pessoais (nome, idade, estado civil, escolaridade, algo que pudessem dizer sobre si mesmos como pessoa e se já haviam se submetido a processo terapêutico ou psiquiátrico).

A seguir, introduzimos o tema a partir da seguinte instrução:

“Nesta pesquisa, as questões que iremos abordar referem-se à criança que existe dentro de você, que independe da idade”.

Certificamo-nos da compreensão da mesma e em seguida, efetuamos as entrevistas, cujo roteiro básico envolveu a abordagem de cinco questões (Anexo 2).

A estas questões acrescentamos colocações investigativas a fim de esclarecer e aprofundar os significados atribuídos pelos participantes ao assunto, sentimentos despertados e temas abordados espontaneamente durante o relato.

Após a entrevista, informamos aos participantes sobre a possibilidade de efetuarmos entrevistas devolutivas após a conclusão da pesquisa, mediante interesse e agendamento prévio.

4.4 Procedimento para análise dos dados

Os dados coletados foram transcritos de forma descritiva e anexados integralmente ao trabalho, acrescidos de observações emergentes durante este processo.

Transcrevemos as falas do pesquisador especificadas pela letra P e as dos participantes, de A a E, conforme a ordem cronológica em que foram entrevistados.

Acrescentamos entre parênteses as reações não verbais percebidas no decorrer das entrevistas, visando maior fidedignidade às situações e embasamento ao trabalho.

Partimos da leitura intuitiva de cada entrevista, identificando os aspectos principais do discurso individualmente e classificando os temas preponderantes, para em seguida, agrupá-los em categorias definidas.

As categorias foram estabelecidas considerando a estrutura teórica do trabalho e os dados obtidos, tendo em vista a correlação entre ambos, conforme especificadas:

Categoria 1 – Significado do ser criança – envolvendo idéias, lembranças e elaborações na vida atual a respeito do assunto;

Categoria 2 – Fatores que impedem a manifestação da criança interior, retratando o como percebe estas limitações e impedimentos;

Categoria 3 – Sentimentos e emoções despertados na abordagem do tema;

Categoria 4 – Como a criança interior emerge em sua vida: percepções e formas de contato com a criança e conexões internas identificadas através do tema;

Categoria 5 – Identificação com a polaridade criança abandonada / ferida: compreensão dos processos de identificação ou projeção com relação às manifestações do arquétipo.

Procedemos então as correlações entre temas e sentimentos dos participantes, para posterior discussão dos resultados obtidos a partir de temas comuns e das diferentes vivências subjetivas da expressão do arquétipo, associando-os à fundamentação teórica pesquisada, para integrá-los dentro dos objetivos desta pesquisa.

Capítulo 5 – Análise dos dados

Iniciamos a análise dos dados através da exposição da atmosfera que permeou as entrevistas, considerando a interação entre o pesquisador e os entrevistados, sobre a qual pudemos notar que a abordagem deste tema promoveu receptividade e incentivou a participação dos pesquisados.

Todos os encontros transcorreram em um clima de respeito, com expressões faciais que deflagraram momentos compartilhados de nostalgia com relação às brincadeiras e lembranças pertinentes à infância, que também contribuíram para sorrisos dos participantes e empatia da pesquisadora.

Posteriormente, vivenciamos momentos reflexivos, notadamente quando os entrevistados se remeteram à comparação entre as experiências passadas e as atuais, onde ocorreu, de maneira geral, ênfase nas responsabilidades assumidas na vida adulta, percebidas através de sentimentos de seriedade e aprisionamento aos padrões sociais, observados pelos relatos e alterações no tom de voz.

Notamos que a participante A. revelou disposição receptiva e simpática durante a entrevista, mas também discurso truncado, com várias pausas para reflexão sobre os assuntos abordados.

A participante B. comportou-se de forma reflexiva, demonstrando discurso articulado na colocação de suas idéias, com sinais de surpresa ao pensar sobre seus comportamentos diante das situações, além de momentos de emotividade e choro ao final da entrevista, destacando ter descoberto o quanto deixou de brincar ao longo da vida e afirmando que pretende retomar este conteúdo junto à sua terapeuta.

Já a participante C., revelou contato interpessoal simpático, privilegiando o aproveitamento dos momentos que a vida lhe proporciona da melhor maneira, com sinais de alegria. Comportou-se de forma tranquila e ponderada, colocando-se de modo acolhedor com relação às questões abordadas e evidenciando preocupação em efetuar contribuições efetivas à pesquisa.

No caso do participante D., indicou clareza em seu relato, e discorreu sobre o tema com bom humor e serenidade, evidenciando segurança ao expor pontos de vista.

O participante E. demonstrou perplexidade inicial quando indagado sobre o tema, embora a proposta já tivesse sido exposta anteriormente. Denotou a necessidade de um tempo para elaboração do assunto, passando à fluidez a partir do momento em que comentou sobre sua experiência pessoal, utilizando alguns exemplos, analogias e metáforas para explicar suas opiniões e sentimentos.

5.1 Categorias

5.1.1 O que é ser criança para você

Os dados obtidos referem-se, de modo geral, a atributos voltados ao ser você mesmo e à espontaneidade, como nas colocações da participante A.:

Ser criança é poder olhar para o mundo como uma criança mesmo... (pausa)... Hoje a gente é madura o suficiente para... para levar muita coisa a sério na vida e ser criança é tentar ser o mais natural. Conviver com a criança é... (pausa) como é que eu vou dizer? É se encaixar na humildade, na própria simplicidade da criança. É tentar ser o mais natural, é preciso deixar fluir... é se soltar... a criança é muito espontânea...

Não basta só a convivência com criança, eu acho que (pausa) é preciso deixar fluir, como se você falasse: "Vou meter as caras e fazer", "Vou chegar lá e vou virar cambalhota na grama, vou deixar pintar o rosto". É se soltar... encontrar um lado que hoje em dia não tem, que a gente não percebe no nosso dia-a-dia. Parece alguma coisa que está oculta, porque nosso dia-a-dia hoje, por conta de toda a situação, do ser madura, do trabalho... nos faz esquecer de um outro lado, como se fosse uma carência de algo que nós não temos mais por conta de toda situação, da vida, do crescimento, porque quando você cresce, você vai tendo luta, responsabilidade da responsabilidade... e então você acaba percebendo que existem coisas que esquecemos que podemos fazer, às vezes é um sorriso, às vezes jogar bola...

Supomos que esta necessidade de encaixar-se indique que este fator está dissociado de sua vida cotidiana, provavelmente influenciado por mecanismos repressivos e forte susceptibilidade às necessidades adaptativas, já que não compreende este aspecto como uma expressão natural.

Verificamos que neste caso há um distanciamento entre a criança interior e sua expressão, como evidenciado na dificuldade para aprofundar-se no tema e na

tentativa de soltar-se no âmbito prático, o que nem sempre ocorre, já que o aspecto da criança foi suplantado pela necessidade de assumir responsabilidades e exercer os papéis sociais.

Para o participante B.:

Ser criança é acreditar, é ter sonhos, experimentar emoções renovadas sempre; não importam os obstáculos que tenham, quando a gente é criança, a gente está sempre redescobrimo as coisas, o prazer das coisas, a vontade de realizar um monte de coisas (...) é o poder criar mais, permitir essa criatividade da criança, o aprender todos os dias que a criança se permite.

Reforça características voltadas à descoberta contínua e entrega à experimentação do mundo, como fonte de re-significação e transformação da vida.

Como imagem representativa, projeta uma foto das filhas brincando, como expressão máxima da liberdade, sem limites, nem preconceitos. Quando questionada sobre uma representação que tenha vivido diretamente, lembrou-se de um momento de reconhecimento na empresa em que trabalhava, no qual a expressão de alegria manifestou-se no brincar, cantar, divertir-se.

Percebemos a disposição reflexiva ao tratar do tema, transitando entre a criança do passado, a do presente - que experimenta e cria novas possibilidades – e a do futuro, na medida em que retrata seu potencial de renovação e criação de novas realidades. A participante oscila entre momentos de identificação e projeção da criança, com indícios de repressão dos momentos de espontaneidade, associados a experiências pessoais frustrantes e à retração emocional, evidenciando o medo de perder pessoas queridas, como já ocorreu em sua vida:

Eu acho que tem situações de medo em que eu percebo a criança... eu tenho um medo específico hoje, um medo, por exemplo, de ficar sozinha e fico meio apavorada. .. quando criança eu tinha esse medo e ele me acompanha desde criança. Então sempre que eu tenho esses episódios de medo hoje, de perder pessoas que eu quero muito

O participante C. associa:

Como é ser criança? Eu acho que é uma alegria, é...é...o lado lindo...ser criança, engraçado. Para mim, ser criança é ser arteira, no bom sentido, brincalhona... Correr, subir em árvore, dançar... acho que é este aspecto de ser criança. É por aí?

Reforça em seu relato fatores que percebe em seus comportamentos junto ao convívio com crianças. Sugere um relaxamento dos limites auto-impostos por seu papel adulto, em prol do uso da criatividade e imaginação, bem como do desprendimento corporal que estas atividades lhe permitem:

Quando eu estou com os meus sobrinhos ou quando eu estou com outras crianças, eu vou para o chão, eu dou uma de louca, fico descabelada... invento coisas, jogo a fantasia, eu solto coisas... então eu acho que a minha criança é criativa, é solta.

Ressalta também características da impaciência e agitação próprias da dinâmica infantil, que nos remete à fase de formação egóica, que engloba o exercício da autonomia e constituição da identidade:

Há lembranças que eu tenho de, por exemplo, ser muito acalorada, às vezes irritada... minha mãe queria que eu experimentasse roupa e eu não queria ou era impaciente, de comer bolo quente... eu fui uma criança assim agitada, calorenta, de querer brincar sempre

Notamos que esta participante permite a livre expressão de sua criança interior a partir de condições específicas, canalizando sua energia para contextos apropriados, nos quais há permissão tanto pessoal quanto social para colocar-se de forma mais livre. Entretanto, revela predominância do controle em sua argumentação:

Quando eu estou muito mais livre, é que estou muito criativa, que eu me permito ser irreal até, falar bobagens, quando estou com crianças. E aí eu estimulo elas a saírem da crítica... com criança eu posso ser, sei lá, sem lógica, sabe, eu posso dançar se eu quiser...

Em seu discurso a respeito de experiências de sua infância, comentou sobre o brincar sozinha, o reunir as crianças de sua rua para contar as histórias que inventava, bem como do ser calorenta. Ao pensar a este respeito hoje, considera que estes seriam sinais da intensificação de estados de ansiedade, também representados pela relação voraz com a comida:

No almoço e no jantar era assim: “C., pare de comer; C. Você já comeu” e para o irmão: “Come mais; você não come, é difícil você comer”. E eu me lembro de ir na cozinha escondido e comer dentro da panela o que não podia ter comido.

Demonstrou atitude reflexiva ao rever tais fatos, comentando sobre a ansiedade exacerbada, a independência e a busca do significado de tais atitudes, inclusive do cuidado com outras crianças:

Eu sempre fui cuidadora de crianças... eu tinha nove anos, cuidava dos que tinham seis... a gente ia em festas, eu trazia as crianças para perto de mim e os pais levavam as crianças para perto de mim e isso é até hoje. Onde eu estou, as crianças estão junto. Então tem duas coisas: tanto eu estava bem com as crianças, quanto eu estava bem sozinha...

Quando solicitada a expressar uma imagem que representasse a criança interior, respondeu:

Seria um pônei curioso... um cavalinho, não um pônei da raça pônei, mas um filhote, um cavalinho curioso e querendo correr, correr pelas rapinas, pelas colinas... seria um cavalinho no vento, no vento, querendo correr...

Através da imagem que escolheu para expressar sua criança interior (*“um pônei curioso, um cavalinho curioso e querendo correr, correr pelas rapinas, pelas colinas... no vento...”*), percebemos o predomínio do sentimento de liberdade, vitalidade e senso de curiosidade.

Esta concepção se associa à definição de Jung (2007), sobre a natureza pré e pós-consciente do homem, já que reúne o elo com o passado vivenciado na infância e com o futuro, na medida em se permite experimentar e descobrir o novo, através da disposição ativa em prol do brincar frequentemente em sua vida.

Relembra-nos também as colocações de Hillmann (1999) relativas à criança como um espírito eterno, unificador de características de auto-suficiência e continente de possibilidades, bem como da necessidade de investigar e transgredir

O participante D. considera a presença da criança dentro de si na vida atual :

Continuo a ser divertido, brincalhão, acho que não mudou muito... eu continuo sendo divertido, consigo dar risada, dou risada no local onde eu estiver e acho que eu consigo levar essa criança para o âmbito profissional, eu me sinto bem, as pessoas se sentem bem.

Relata como característica primordial do ser criança:

A pura imaginação, a fantasia... se todo mundo tá descontraído, tá conversando de algum assunto que pode levar para o lado cômico, aí então eu aproveito a situação para levar para o lado cômico, né?... eu acho que não sei dizer internamente, o meu lado criança...mas o que eu consigo é causar nas outras pessoas, provocar o lado criança nas outras pessoas

Embora sua expressão a respeito do tema seja objetivada no âmbito relacional, pois percebe o resultado da mesma no convívio com as pessoas, verificamos que, neste caso, a expressão do arquétipo ocorre de maneira positiva e espontânea, entretanto também há uma busca consciente por inseri-lo no contexto dos relacionamentos, através do senso de humor e relaxamento de estados de tensão interna:

Quando eu estou falando de uma coisa que traz o lado criança é como se eu estivesse vendo aquilo que está acontecendo... eu vejo que a imagem acontece.. e as pessoas captam essa imagem... e aí em cima daquele ambiente se monta como se fosse um teatro, em que você começa a imaginar...

Nesta forma de conduta, analogamente ao participante C., observamos a continuidade da idéia de Jung (2007) de que a manifestação arquetípica da criança constituiria um símbolo vivo de futuras potencialidades que ajudam a guiar e sustentar a personalidade adulta, através da dinâmica que os participantes expõem, voltada a equilibrar e promover momentos de bem-estar, expandindo-os do campo pessoal para o coletivo.

Associamos este aspecto ao pensamento de Jung (1998) ao comentar sobre a relação compensatória da psique, em sua natureza paradoxal e dinâmica, refletida na busca pelo equilíbrio dos opostos.

A percepção da criança ocorre através do aspecto relacional, partindo da conduta observadora, da identificação das diferenças e do jogo imaginativo, que lhe permite brincar e compartilhar suas vivências subjetivas com o mundo.

A imagem representativa da criança seria:

Um “sorrisão” bem grande, que todo mundo olha e começa a sorrir só de olhar... porque é diferente... extravagante, é cômico, como um desenho, “tão horrível isso daí, mas dá vontade de rir”... eu acho que é assim a representação da alegria, da gente poder rir de qualquer coisa.

Tal colocação nos pareceu indicar o elemento libertador da expressão do arquétipo, cujas várias representações nos remetem à linguagem simbólica em seu potencial transformador, único e criativo.

Estes elementos foram explorados por Whitmont (2006), ao postular que os conceitos surgem a partir das imagens e por meio de um processo de abstração via pensamento.

O participante E. associa a criança à infância real:

Eu sempre fui uma criança muito solta e sempre associei a infância à liberdade de fazer as coisas... criança do interior, onde todo mundo conhece todo mundo e eu sempre associei muito à liberdade, de ir a qualquer lugar a qualquer hora... e eu acho que eu trago isto dentro de mim, não gosto de dar satisfação de onde vou... sempre que eu brigo com a minha esposa é por causa disto... eu acho que é bem infantil isso em mim.. (risos). Hoje a gente tem telefone em casa e às vezes eu chego em casa meia-noite, uma hora.. então acho que fui muito malcriado... eu sou muito criança... (risos)

Em outro momento da entrevista, complementa:

No campo profissional, eu nunca quis somente uma coisa... eu sempre quis coisas diferentes e eu acho que isto me atrapalha justamente por ficar tateando, igual criança, vai daqui, vai dali, como quando a criança quebra um carrinho, fica aquele monte de peças e ela não sabe montar de novo...

Desta forma, efetuou analogias entre a liberdade e o desejo de conhecer e vivenciar coisas diferentes, ao tatear e experimentar, mesmo sem saber as consequências que se seguem às ações.

Em alguns momentos da entrevista, considera-se como uma pessoa infantil, comentando a respeito da despreocupação em dar satisfação à esposa sobre onde se encontra ou mesmo atrapalhado por não saber as respostas às situações.

A compreensão da criança interior nos pareceu infantilizada, fixada em um contexto vivido quando criança e pouco integrado ao cotidiano atual, pois considera esse assunto complexo, mas em seguida evidencia um momento reflexivo e nostálgico quando considera o desejo de brincar:

Se você pegar um carrinho de rolimã e descer uma rua de terra, as pessoas vão dizer; “esta menina é doida”, que é coisa de criança. Mas que dá vontade de pegar o carrinho de rolimã e descer uma rua de terra, dá.

Percebemos um predomínio da ótica do adulto, em função da dificuldade de expressão direta da criança, já que se utiliza de figuras de linguagem para falar a respeito.

Seu discurso nos conduz às colocações de Whitmont (1969) quando nos diz sobre a expressão dos complexos através da primitividade, inflação e projeção, não vividos, não-conscientizados e formadores da sombra, fatores que se refletem, neste caso, sob a forma de autocrítica e fantasias grandiosas expressas em linguagens metafóricas.

5.1.2 Fatores que impedem a expressão da criança interior

Na segunda categoria, concernente aos fatores que impedem a expressão da criança interior, coletamos os seguintes dados:

O participante A. considera que o lado criança não aparece no dia-a-dia, por conta das exigências da maturidade e do trabalho. Complementa a idéia:

Parece alguma coisa que está oculta, porque nosso dia-a-dia hoje, por conta de toda a situação, do ser madura, do trabalho... nos faz esquecer de um outro lado, como se fosse uma carência de algo que nós não temos mais por conta de toda situação, da vida, do crescimento, porque quando você cresce, você vai tendo luta, responsabilidade da responsabilidade... e então você acaba percebendo que existem coisas que esquecemos que podemos fazer, às vezes é um sorriso, às vezes jogar bola...

Comentou sobre o clima tenso implícito no ambiente de trabalho, mesmo mediante condições de interação e sociabilidade:

Percebo, em algumas situações eu percebo que eu carrego muitas responsabilidades... não vou dizer em um local, especificamente no trabalho ou especificamente na minha casa, mas tem alguns momentos em que a gente está com um acúmulo de coisas, com um acúmulo de responsabilidades no ombro tão grande...

Podemos relacionar este processo às considerações de Whitmont (2006) sobre o fato de que a vivência exacerbada do sistema de regras e valores provenientes do meio levam à desconexão com os aspectos pessoais, ocasionando perda dos talentos ou ausência de canais para expressá-los.

O participante B. relatou que:

A gente vai sufocando a criança por conta do preconceito, de achar que a gente está tendo atitudes que não são adequadas à idade, mas não é bem isso não..Você tem medo de dar vazão a algumas coisas quando o tempo vai passando. Você acha que já não pode ou rir muito alto... ou fazer coisas que as pessoas dizem "Nossa, que atitude de criança", que isso não faz mais parte da sua vida... por uma questão do casamento, de você já ter filhos, você acha que aquilo para você está vedado.

Comentou também sobre a ênfase atribuída ao âmbito racional, na medida em que sua análise sobre os fatos envolve a busca de entendimento, a necessidade de planejamento, negligenciando emoções e ações que vêm de dentro, como:

Então às vezes tem emoções, ações que vêm de dentro da gente que é a criança que está aqui dentro ainda guardada, que por uma questão de casamento, de você já ter filhos, você acha que aquilo para você está vedado, não é uma possibilidade. E tem que deixar isso acontecer, é uma luta isso para mim.

Destaca sentir-se pressionada pelo modo de viver que vai sendo criada e às expectativas externas sobre seus comportamentos:

Porque é a pressão mesmo do modo de viver, assim, me impele a sempre ter que ser mais racional, mais equilibrada, mais madura. Eu acho que não precisa ser assim, não tem que ser assim.

Atribui ao medo de não ser aceita a causa para a restrição de sua expressão espontânea, comportando-se com receio de mostrar-se, embora reconheça a necessidade de rever esta atitude. Acredita que houve um retrocesso, pois ao longo do tempo foi se tornando submissa, e foi tolhendo sua espontaneidade:

A gente cria estereótipos de moça boazinha e tudo aquilo, assistente social, tatatá, mas eu não sou boazinha, eu não sou boazinha (risos). Eu tenho um monte de coisas que são, assim, complicadas. Eu acho que eu tenho medo que as pessoas não me aceitem, é uma questão ainda que tem que ser revista. Então eu acho que a espontaneidade ainda falta e eu acho que preciso mudar isso.

Demonstra um movimento reflexivo com relação ao assunto, motivado pelo processo de envelhecimento, que percebeu de forma mais nítida após os quarenta anos, comentando sobre o repensar de seus valores, inclusive no que se refere à rigidez de comportamento e à necessidade de permitir-se ser ela mesma, visando obter melhor qualidade de vida

Você vai percebendo que o valor, seja do profissionalismo ou você como pessoa, está em outras coisas, não está nessa rigidez de comportamento, está no permitir...

Neste momento também nos comovemos com a perda da expressão da criança interior, vivenciando momentos de frustração e sofrimento.

Durante a entrevista, lembrou-se de situações positivas que foram deixadas de lado em função da dificuldade em lidar com perdas afetivas e o enfrentamento solitário de seus conflitos, que reforçaram atitudes defensivas, como forma de lidar com estas questões e analogias efetuadas entre a expansividade e o medo da impotência diante dos fatos. Tal situação foi corroborada com a perda real da prima, com quem formava uma dupla para cantar em um grupo na empresa em que trabalhava:

Eu cantava com a minha prima que faleceu, a gente cantava e era muito gostoso... a gente fazia duetos e era muito, muito bom...Eu acabei achando que sozinha era mais difícil prá cantar e acabei me afastando um pouco disso, mas era uma coisa que eu preciso retomar. Eu acho que faz bem, me ajuda a brincar, no fundo é isso. Porque a música é isso. Você cantar te permite um monte de coisas, criar.

Notamos que as situações vivenciadas foram restringindo a expressão espontânea em função da dificuldade de lidar com aspectos emocionais do sofrimento, frustração e impotência, culminando com a intensificação de mecanismos de defesa, provavelmente pela não-confrontação da sombra. Cantar

significava a vivência da liberdade por meio da música, que foi contida pelo fortalecimento de seu papel social.

Podemos nos remeter a Silveira (1988), quando aborda a questão dos complexos, manifestações vitais provenientes dos conflitos, que são revelados através das projeções e originam-se em situações traumáticas que trazem imagens mnêmicas emocionalmente carregadas, que se apossam das funções do ego e deflagram experiências mal resolvidas. Esta dinâmica é observada no discurso da participante, bem como pelo tom de voz carregado de reações emotivas.

Para a participante C., a expressão da criança é restrita mediante condições de desconfiança ou energias e sentimentos destoantes:

Não sou espontânea... quando eu não confio na pessoa, quando a pessoa que está ao meu lado tem uma energia que não bate com a minha, ou de inveja, ou me olha torta, aí eu me fecho mesmo. Aí é só social.”

Posteriormente, abordou a experiência de um relacionamento afetivo difícil, fase em que sua vida era muito amarga e atuava de maneira dura com as coisas, perdeu o contato com sua criança interior:

Porque naturalmente eu sou assim... eu suavizo as coisas pesadas com a brincadeira, sem ser infantil... mas nessa fase eu nem tinha contato com ela, se for olhar por esse ângulo...

E complementou:

Depois que eu me curei um pouco dessa separação, eu fiquei só... e então eu fiz tudo o que eu queria, fui morar sozinha, pagava as minhas contas, viajei muito, aí então minha liberdade veio, eu fiz muita terapia, muito workshop, muita viagem e fui me curando nesse sentido... e ela foi naturalmente voltando, eu tive então contato mais próximo com a criança...

Pareceu-nos que sua espontaneidade, habitualmente presente em seu cotidiano, mostra-se circunstancial na medida em que uma condição externa se mostra ameaçadora, notadamente quando se associa ao campo das relações.

Notamos que, em alguma medida, a necessidade de aceitação interfere diretamente na expressão da criança, mas em virtude da consciência despertada a propósito de seu processo de individuação, percebemos que há uma disposição

interna para integração da criança na vida adulta. Tal aspecto pode estar associado ao trabalho interior efetuado através do processo terapêutico, independência e exercício da liberdade, demonstrando a coerência entre suas atitudes recentes e o aspecto saudável da infância, embora ainda busque novos significados a algumas características desta fase.

Processo semelhante ocorre com o participante D., quando se depara com situações mal resolvidas do ponto de vista emocional ou que envolvam uma discussão. Neste momento, ele se retrai para elaborar emocionalmente a situação:

Não consigo disfarçar quando estou chateado, bravo(...) Eu paro e vou analisar, eu faço como se fosse uma regressão desde o início da discussão, para saber se eu tenho ou não razão, então é o meu momento de silêncio, eu sou capaz de ficar... até uma semana sem falar com a pessoa...; é assim meu momento de analisar e aí diminui um pouco essa criança.

Percebemos então que a autoconfiança e bem-estar revelam-se como fatores importantes à expressão da criança:

Eu tenho que estar bem, muito bem para expressar a criança. Se tiver, vamos supor, uma discussão, se for uma preocupação muito grande, muito, muito grande, aí não consigo, não consigo disfarçar.

Podemos associar a necessidade de estar bem para expressar à criança à interferência da função egóica como mediadora entre as necessidades interiores e o meio externo.

O participante E. identifica em seu relato bloqueios da expressão da criança no campo profissional, em função das exigências de seriedade e rigidez, padrões, horários e pressão da chefia com relação ao acerto nas tarefas, aspectos aos quais atribui a limitação da espontaneidade:

E aí o trabalho mata a criança que tem dentro da gente, eu acredito nisto. Horários, padrões, isso acaba com o meu lado criança (...) Minha espontaneidade é bastante limitada no dia-a-dia, eu não diria ser criança, mas e você mesmo. Tem um texto de Fernando Pessoa que diz isto: "Você usa tanto uma máscara que quando você tira, não sabe como você é". A máscara fica e você diz: "Poxa vida, eu tirei a máscara para poder ser eu... (pausa) e eu fiquei tanto tempo a máscara que eu já não sei mais ser eu". Tem muito disto. Então, nós adultos somos uns mascarados...

Cita a idéia de Fernando Pessoa como metáfora para expressar este processo, associando a fixação da máscara à “chatice” da vida adulta. Esta associação nos conduz ao pensamento de Jung (1988) de que a persona constitui-se como uma máscara da psique coletiva que aparenta uma individualidade, mas não passa de um papel que representa um compromisso entre o indivíduo e a sociedade.

Neste aspecto, percebemos a que a confrontação com a persona desvela a sombra reprimida e projetada nas exigências e ameaças sociais, cuja integração passa pelo processo de aceitação de si mesmo, ainda incipiente em virtude do apego a uma imagem ideal (comportamento adolescente ao referir-se à época em que fazia teatro).

Verificamos que, conforme Hillman (1999) propõe, o participante E. carrega o registro de suas experiências de formação, prazeres e dores, mas encontra-se fixado nas forças de preservação constituídas de afeto, condensadas nos complexos, caracterizados pelos medos que impedem a modificação desta realidade através da conscientização :

Eu não uso de jeito nenhum este lado profissionalmente, eu sempre trabalhei com pessoas muito sérias e aí basicamente tem que ser sério também, um pouco mais rígido...

Apesar do uso de recursos reflexivos, este aspecto evidencia a falta de nitidez quando à expressão espontânea, desvelando um conflito entre o deixar de ser espontâneo - contrariando sua vontade - e os automatismos advindos da repetição irrefletida de comportamentos rotineiros e mecânicos, como vimos na associação que faz ao personagem de Charles Chaplin no filme “Tempos Modernos:

Você fica com aquele tique o dia inteiro de ficar apertando parafuso, aquele tique da fábrica de ficar repetindo sempre...ser adulto é muito chato.

Notamos neste caso que as manifestações do puer e do senex são vivenciados de maneira conflitiva, dificultando uma expressão mais plena da criança interior.

Nos participantes em geral, verificamos o conflito advindo entre as oposições entre sombra e persona. A sombra reprimida em sua expressão, em conflito com a persona, com a qual se encontram identificados, indicam a dificuldade de enfrentamento dos aspectos sombrios, fator que impossibilita ou desconsidera a expressão da criança na vida adulta. Notamos uma concepção cindida com relação à maturidade, evidenciando fixações em padrões que impedem a espontaneidade.

5.1.3 Sentimentos e emoções despertados

Ao abordarmos os dados obtidos na terceira categoria, referentes aos sentimentos e emoções despertados a respeito do assunto, verificamos que o participante A. percebe sentimentos de frustração por não ter feito algo e também contentamento quando consegue trazer este lado à tona, bem como uma carência de algo que foi esquecido:

Por conta de toda situação, do ser madura, do trabalho... nos faz esquecer de um outro lado, como se fosse uma carência de algo que nós não temos mais... existem coisas que esquecemos que podemos fazer. De repente o corpo fala, começo a sentir algumas dores, o estresse é muito grande... quero sair da sensação de aperto (...)Se eu não fizer, vem um pouquinho de frustração por não ter feito.. por que eu não tentei? Mas quando eu consigo, eu me divirto, eu me solto muito...

Predomina a falta de liberdade para expor livremente seus sentimentos, por medo das consequências desta expressão, contribuindo para o acúmulo de tensão e estados de estresse. Associa este estado ao desejo da menina que queria obedecer para agradar os pais dentro das regras deles ou ainda pela necessidade de aceitação pelas pessoas importantes de sua vida:

Eu acho que eu sinto falta da liberdade, no sentido de expor os meus sentimentos para as pessoas não somente lá de casa; de estar um pouco presa ainda. Eu não iria conseguir expressar exatamente os meus sentimentos por algumas pessoas por conta de saber que as pessoas talvez não aceitem e eu não teria coragem de falar não.. eu abraço demais as coisas.

Esta motivação a leva a sentimentos de preocupação com os outros ou mesmo tomando coisas para fazer por eles, levando-nos à hipótese de que há uma identificação com as regras e padrões familiares, com dificuldade para formação da identidade, permanecendo ligada à persona e provavelmente submetida a conteúdos sombrios não elaborados. Tais aspectos podem ser verificados nos sentimentos de insegurança e medo da transgressão dos limites auto-impostos, já que encontra-se fixada em mecanismos infantilizados ao lidar com suas questões emocionais.

A participante B. revela sentimentos de pesar diante dos raros momentos de expressão espontânea, reforçando o medo de não ser aceita pelas pessoas. Ressente-se por não brincar e pela dificuldade de lembrar-se há quanto tempo não brinca. No início de sua vida profissional, brincava com crianças da instituição em que trabalhava e com as filhas, quando estas eram pequenas.

Comentou sobre o grande desejo de brincar, observa reuniões familiares onde as pessoas brincam e sente saudades de quando brincava na sala com sua família de origem, demonstrando sentimentos de nostalgia e solidão.

Denota fixação a momentos de solidão que contribuíram para intensificar mecanismos defensivos, além de acentuar sentimentos de insegurança e necessidade de aceitação:

Eu acho que a gente sufoca – eu digo isso por mim, porque você tem medo de dar vazão a algumas coisas quando o tempo vai passando.

Neste momento, encontra-se em um momento de vida reflexivo, de auto-descoberta, fator que pode nos lembrar a idéia de Jung (2007) voltada à possibilidade de sentimentos de abandono ou alienação constelarem o arquétipo da criança, manifestando paradoxalmente desejos regressivos de dependência e ao mesmo tempo desesperados para livrar-se do passado, com o lado positivo da criança divina.

Para a participante C., expressar-se a criança interior lhe permite um sentimento diferente:

Me sinto diferente porque sei que a maioria dos adultos não fazem isto, mas não me sinto nem criticada, nem envergonhada, nem parte disto, porque eles são diferentes...Eu brinco como se fosse criança... eu grito com elas brincando, já inventei uma brincadeira... eu ajo como criança..."digo isto aqui é meu".

Considera também que sua espontaneidade aparece na transparência de sentimentos nas relações, aspecto reforçado pelas pessoas próximas que percebem esta característica.

Já o participante D. percebe o bem-estar e o relaxamento em momentos de tensão. Nestes momentos, esquece sua idade cronológica e considera uma oportunidade para dar-se conta da força necessária para assumir as responsabilidades, reforçando que aprecia tê-las, assim enfrenta desafios com perseverança:

Parece que é uma válvula de escape para aquela tensão amenizar um pouquinho...parar, pensar, ajuda a raciocinar"...Isto é muito pesado, é uma carga pesada e esse lado criança vai dar uma amenizada neste parte, que é completamente responsabilidade.

Percebemos que a questão do brincar, aludindo à Winnicott (1971), compreendida como um interjogo entre a realidade psíquica pessoal e a experiência do controle dos objetos reais, fator este refletido no uso dos recursos imaginativos e liberdade de expressão, bem como revelado por vários dos participantes, mesmo na idade adulta.

O participante E., em seu contexto emocional, tende à evitação de situações que exponham sua fragilidade, associando o uso da máscara à autoproteção, considerando que sua retirada total necessitaria de um estado interno de tranquilidade e consciência de seu crescimento interior.

Faz uma analogia desta conexão à situação em que conciliava fazer teatro a um trabalho que lhe propiciava regras flexíveis e liberdade, o que contribui para a colocação conclusiva de que a manifestação deste aspecto se associa diretamente ao ter tempo para si mesmo:

Eu tenho medo de errar, para não ouvir isto, porque eu não tenho mais idade para ouvir isto e aí se eu falar alguma coisa, vai virar um clima muito chato...Então é uma coisa... eu já tenho os meus problemas e ter uma chefe mala deste jeito pegando no meu pé... Então para você tirar a máscara você tem que estar bem com você, em paz, o lado tranqüilo vai ajudar muito, não é nem o lado financeiro, que ajuda mas você ver um crescimento seu, interior, eu acho que fecha isto, o que seria tirar a máscara...Eu trabalhei quase quinze anos em um a empresa, então meu dia era gostoso. Eu comecei a fazer teatro, no colegial, comecei a tentar a pegar papeis, a gente era tudo amigos, mas era uma disputa, o cara estuda com você... Mas é uma competição gostosa porque você via amigos, fazia o que você gostava e tinha se preparado para aquilo . Na época, podia conciliar este emprego com o teatro, mas depois a empresa faliu e eu tive que trabalhar nos finais de semana, em um posto de gasolina. Antes eu tinha tempo para fazer teatro porque essa empresa me dava tempo para fazer teatro e como eu já tinha um bom tempo lá, podia sair para resolver coisas do teatro, tinha esta liberdade, conseguia conciliar meu lado profissional com coisas paralelas.

Percebemos que tal aspecto nos leva a pensar na concepção de Neumann (1980), quando assinala que a indisponibilidade da criança ao relacionar-se com a mãe contribui para um ego negativizado, que se expressa com rigidez, sentimentos de abandono, inferioridade ou culpa.

5.1.4 Como a criança interior emerge no cotidiano

Na quarta categoria, tratamos da emergência da expressão do arquétipo no contexto cotidiano de vida, verificamos que o participante A. utiliza a expressão da criança como uma alternativa para voltar sua mente para outro foco, diante de momentos de tensão:

o estresse é muito grande e eu tenho a sensação de que preciso sair daquele meio e tentar me encontrar em outro lugar para eu poder encaminhar a minha criança interior.

A percepção da necessidade de ativação da criança advém de sinais corporais:

Começo a sentir algumas dores... que a tensão, a dor de cabeça estão me fazendo mal. Então eu tenho que me afastar ao ponto de tentar relaxar, de tentar voltar a minha mente para outro lugar, sair

da sensação de aperto, uma sensação de quero sair disso, isto está me fazendo mal, deixa eu sair.

As atitudes tomadas referem-se a sair, ir a um parque, viajar, como alternativas a sair da situação de tensão e permitir-se o lazer e o emergir do lado espontâneo, humilde, nas atividades de virar cambalhota, jogar bola, cair na água, desvincular-se das regras, viver um momento diferente:

Sair desse mundinho de regras, do que tem que ser, embora eu ache que disciplina tem que ter... Sair desse mundinho de pressão, de regras, do ser assim, do ser assado.

A espontaneidade é associada à transparência de sentimentos, nem sempre expressos satisfatoriamente, mas associa a espontaneidade ao fazer o que gosta, bem como a estados de tranquilidade na presença de pessoas com as quais possui vínculos afetivos sólidos, que favorecem essa expressão através de brincadeiras, jogos ou do uso do humor:

Eu fico muito tranqüila se eu estiver à vontade com pessoas que amo, pode ser numa mesa de bar ou em outro lugar, pode ser uma brincadeira, um jogo, até tratando de trabalho... através do humor. Se eu estiver em uma mesa com várias pessoas, estiver em uma interação, com pessoas que estão naturais e não apenas mantendo as aparências, vejo que me dou bem... às vezes saio com amigas antigas, com as quais me dou bem, somos sinceras, amizades de anos e conseguimos ficar à vontade, consigo viver situações mais simples, que trazem prazer natural, prazer da criança que estamos falando... não precisa ser apenas em determinado momento. Eu acho que a partir do momento em que você está com amigos de confiança e você sente interação com determinada pessoa, você se sente à vontade, por conta de um conhecer bem o outro, você pode ter liberdade para poder se expressar.

Esta dinâmica revela sentimentos de insatisfação e ambiguidade, indicando aspectos ressentidos da criança nas relações, com sinais de imaturidade ao lidar com situações de frustração, oscilando entre a possibilidade de dominar a expressão da criança e a dificuldade de manifestá-la:

Acho que ao lembrar de algumas situações, posso virar uma criança em algum momento porque me convém... às vezes eu me travo um pouco... percebo que eu me travo...

Estas colocações sugerem uma ligação com a fase patriarcal, na qual há um predomínio do poder e das regras, bem como rígido controle do ego. Esta condição, anterior à alteridade, como podemos observar em seu relato:

Talvez por conta de algum moralismo, alguma regra, algum conceito que eu já coloquei na minha vida por conta de todas as responsabilidades, talvez eu não consiga virar esta criança tão facilmente... às vezes eu quer ir, mas estou sem coragem.

Comentou que neste momento de vida não tem brincado e sente falta da troca de afeto tanto com colegas de trabalho quanto com relação a dar risada com seus amigos, já que associa sua expressão a vínculos de confiança sólidos:

Na minha vida, hoje em dia eu não tenho brincado, nem liberado... nada. Não tenho dado risada junto com alguém.

Tais atitudes nos levam a pensar em Pereira (2000), ao comentar sobre a doença como símbolo que a criança utiliza para expressar as dificuldades que enfrentam na formação de sua personalidade, já que percebemos que a participante revela identificação ora com sua infância, ora com a adolescência.

Também podemos abordar o aspecto da *puella aeterna*, retratada por Von Franz (1992), com relação à mulher que tem medo de crescer, embora nunca venha a admiti-lo, que vive o conflito entre o sonho e a vida real, intensificando a hesitação na tomada de decisões, encarando seus potenciais de maneira fantasiosa e pouco voltada à conservação de seu passado.

O participante B. percebe a expressão da criança através dos medos quando está sozinha, de perder pessoas que gosta muito, remetendo-se às situações que a afligiam na infância:

Quando eu era criança eu tinha esse medo, medo de perder, de ficar sozinha, esse medo me acompanha até hoje...quando criança era de perder meu pai, minha mãe, que era minha estrutura, embora eu tenha superado a perda do meu pai de uma forma, assim, que nem eu mesma... podia acreditar que fosse assim.

Positivamente, a expressão da criança se revela em situações cotidianas ou ainda ao falar o que pensa, deseja e projeta para sua vida ou com as filhas:

Às vezes são coisas específicas... vou contar um exemplo... bobo... eu me lembro de coisas que eu estava na cozinha e tive vontade de fazer alguma coisa para a minha filha. Então eu perguntei para ela "Você quer bolinho de chuva?" (aumenta o tom de voz)

E ela saindo com as amigas e eu pensei: "Ela nem vai querer isso, faz tanto tempo que eu não faço bolinho de chuva, porque quando elas eram pequenininhas eu fazia muito isso e fazia os bolinhos com carinho, com letrinhas do nome delas, então falava... "este é T de Tânia, esse é T de Tamara", então eu brincava muito com os bolinhos e com as letras, daí ela falou: "Eu quero, mãe!". E daí eu fiz os bolinhos e por coincidência, mesmo sem querer fazer as carinhas, saiu um "T", um bolinho torto que parecia um "T" e eu mostrei para ela e ela riu e a gente riu muito e eu disse: "Poxa, lembra quando eu fazia isso para você?". Eu recordei que eu fazia as letras e foi um momento super descontraído, gostoso, de brincar com aquilo.

Este aspecto nos faz pensar em uma formação deturpada e geradora do ego ferido, com relação ao que Neumann (1980) compreende sobre o período inicial de desenvolvimento do ego, regido pelo materno, com as características do aconchego e formação de vínculos afetivos, do ser cuidado, da influência do princípio do prazer, a demonstração de carinho, do relacionamento incondicionalmente protetor e afetivo dos pais.

Mesmo assim, a participante percebe a dificuldade de brincar na vida atual e de identificar o momento em que deixou de fazê-lo, reforçando seu desejo de brincar:

Eu tenho vontade de brincar. Quando eu vejo pessoas, às vezes eu vejo reuniões de família, às pessoas brincando assim de jogos, assim, sabe, jogar baralho em casa, contar piadas, coisas assim...

A participante C. percebe a emergência da criança interior quando está em contato com crianças reais, mas também em momentos de tensão:

Em situações tensas ou chatas, ou onde as pessoas estão de mau humor... aí eu sou muito brincalhona.. mas não sei se é a criança brincalhona ou uma adulta bem humorada.... Quando estou com crianças, estou muito mais livre,... e aí eu estimulo elas a sair da crítica... me permito ser irreal até... eu acho que nesta hora me permito fazer coisas que não faço como adulta...

Percebemos também na expressão da criança, a presença do adulto, fator que pode estar associado à sua formação como psicóloga e que pareceu-nos refletir uma integração entre ambos os aspectos.

Afirmou também que o brincar se estende para diferentes campos de sua vida:

Eu brinco com adultos... de mímica, jogos de desenho, em família..eu tiro sarro dos meus amigos..., eu brinco quando estou com crianças, eu brinco no meu trabalho, às vezes quando está muito pesado...se eu for num parque para caminhar...é uma coisa que eu levo para onde eu frequento..

Notamos também que a participante também reflete, através das oscilações de humor, o lado mais infantil:

Quando eu acordo séria, mau humorada... aí fico meio torta e as pessoas falam 'tá mal, tá azeda'... se eu estiver meio azeda, meio invocada, aí as pessoas podem fazer a brincadeira que quiserem... por exemplo, meu marido fez uma brincadeira pequena naquele dia, aí ele já toma uma 'pimba'...

Esta ambiguidade na manifestação do arquétipo sugere a dinâmica energética da psique, na medida em que a oscilação entre polaridades opostas funcionam como mecanismo de auto-regulação das forças que se movimentam continuamente, como forma de assimilar elementos de sua natureza interior, já expostos em seu relato sobre a criança interior, no que tange aos momentos de liberdade, criatividade e também do imediatismo e impaciência.

O participante D percebe a manifestação da criança interior no convívio com os filhos, demonstrando sentimentos de alegria em seu discurso, mas também a necessidade de assumir o papel de pai:

Tem um momento que eu estou lá com eles no chão, jogado no chão e eles pulando em cima de mim e rola prá lá, rola prá cá...neste momento acho que é quando ela mais aflora..aí tem uma hora em que eles já não conseguem mais, eles acham que eu sou irmão deles ou criança e aí tem que parar, falar não, chega, acabou...isto é um longo tempo, mas você tem que falar... eu tenho que puxar e falar, não é assim.. nem todo mundo gosta...

Demonstrou surpresa ao modificar sua postura no relacionamento com sua mãe, tanto na atitude de brincar com ela, situação inédita em sua infância, quanto ao ver e questionar o comportamento dela de brincar com seus filhos:

Acho que ela se solta mais e em função de meus filhos, ela se solta completamente e então acabaram acontecendo brincadeiras que não aconteciam... ver minha mãe deitada no chão, com as pernas para cima com os meus filhos .. isto foi uma novidade que eu nunca imaginei na vida... e quando falei, ela respondeu: "estou brincando com os meus netos" ... e eu disse: "porque com os netos sim, com a gente não?" . Ela não soube explicar, mas acho que ela tinha uma preocupação com que pessoas ela ia formar, né? Não sei...

Pareceu-nos que a relação com os filhos o remete a lembranças e carências da infância, já que se ressentia do contato afetivo com a mãe, sentimento provavelmente associado à fase remanescente de identificação materna. Os papéis, em ambos os casos (filho e pai) mostram-se definidos, mas em transformação, em virtude das recentes descobertas de novas formas de convívio.

Apesar de despender pouco tempo para brincar, comentou ter efetuado modificações em sua vida após ter síndrome do pânico, há 7 anos atrás:

Eu aprendi que eu tenho que gostar de mim e gostar de você mesmo implica em fazer muita coisa para você e isto as pessoas não entendem, então até a parte criança você leva com você ali e se ela não está presente, ela não vê, então ela questiona: " Comigo não, comigo não tem brincadeira?" Então esta criança fica escondida, porque não dá tempo. E aí você tem que resolver as coisas que dá para resolver, então a criança fica ali, mas tá lá.

Comentou sentir falta de dar mais risada, de ser criança, mas também que a expressão da criança modificou ao longo do tempo:

Parece que é uma criança que amadurece... acho que eu não brincava tanto, eu aprendi... eu brincava como toda criança, eu era muito medroso, muito protegido pelos meus irmãos, porque eu era o caçula... Pensando agora, voltei a brincar porque fiquei livre... eu tenho a liberdade de brincar, sem depender de nenhum brinquedo ou de uma conversa com outra pessoa para trazer esse lado... essa criança ficou mais livre para fazer o que ela quer".

Notamos que a criança interior foi sendo integrada em seu lado positivo ao longo de suas experiências emocionais, supondo que a confrontação da sombra deflagrada pela síndrome do pânico e posteriormente a resignificação advinda do convívio com os filhos, fatores que retratam uma nova forma de lidar com este aspecto, dentro de seu processo de individuação. Esta consideração nos faz pensar no que Jung (2007) diz com relação a nos acharmos estranhos a nós mesmos e nos reconhecermos através da descoberta do outro.

Para o participante E., as manifestações do arquétipo diante do brincar ocorrem de forma abstrata, através do jogo com as palavras, embora ele se ressinta de ter abandonado as brincadeiras infantis (bolinha de gude, jogos, rolimã, pegar fruta no pé, esconde-esconde, cabra-cega), bem como suas expressões mais evidenciadas (gritar, sentir-se bem). Reforça esta opinião quando relata um conto de Luis Fernando Verissimo, no qual o pai, adulto, deseja brincar com os presentes do filho. Neste momento, o participante demonstra predomínio do juízo crítico, categorizando o medo de “*ser idiota*” do personagem e reforçando o sentimento de ter sido tolhido do prazer de brincar ao chegar à vida adulta:

Eu li uma vez um conto do Luiz Fernando Veríssimo em que um pai, era aniversário de uns 8 anos do filho e o filho ganha um autorama. Na festa tinha um monte de adultos, os pais da crianças, a criança e ele lembrava que toda vez que alguém dava um presente para ele dava um presente de um adulto, ou um livro sério, um livro de economia e ele viu aquele autorama, disse para o filho: “Vamos montar agora!” e o filho: “Não, pai, agora tem muita gente!” e aí o filho ganhou uma metralhadora também e o pai voltou a ser criança, bem idiota... e a gente tem medo de ser idiota, tem medo de ser criança (discurso enfático), de fazer coisas que a criança faz, porque a sociedade vai te cobrar isso, vai impor, impõe que você não faça coisas de criança, não seja espontâneo, não seja inconsequente. Se você pegar um carrinho de rolimã e descer uma rua de terra, as pessoas vão dizer; “esta menina é doida”, que é coisa de criança. Mas que dá vontade de pegar o carrinho de rolimã e descer uma rua de terra, dá. Então a gente é tolhido, a gente tem que ser adulto... dizem que esta fase passou.

Atribui este processo à necessidade de subsistência material para ajudar à família, mas destaca a presença da curiosidade no campo profissional como uma característica do mundo da criança que prevalece em suas atribuições, ao buscar caminhos e compreensões novos dentro dos processos de trabalho.

Revela então predomínio das funções egóicas, refletidas na capacidade de articulação de suas idéias, mas indica fixação no âmbito patriarcal, cujo principio,

conforme retratado por Neumann (1980), engloba como mecanismos de funcionamento o dever, a palavra e o cumprimento das leis, formando os fenômenos retratados em seu relato, sejam estes honra, vergonha ou medo.

5.1.5 Identificação com a criança abandonada e/ou ferida

Na última categoria de análise abordada, buscamos compreender processos de identificação ou projeção sobre a polaridade da criança ferida, na qual notamos uma identificação do participante A. com relação ao sofrimento e carência de afeto, de amor e de ser criança, negando esta condição como parte da infância. Relata que pode olhar e identificar-se com a carência, aproximando-se e desenvolvendo julgamento crítico sobre a injustiça, com dificuldade de aceitação.

Ao refletir sobre sua identificação, percebe que muitas vezes permanece em uma posição passiva por achar que o afeto deveria vir dos outros e que restringe a manifestação da criança, que poderia fazer esse papel:

Eu não faço ou crio situações, porque muitas vezes a gente pensa que tem que vir dos outros... não crio situações para ser uma criança, para fazer este papel (...) vai depender do momento em que eu me deparar com a criança, eu vou olhar para e ver ... com o que me identifico... olho e vejo que ela está em carência e eu sei que este lado da carência da criança é um problema...

Considera a carência da criança como um problema e podemos levantar a hipótese de que este mecanismo revele o que Whitmont (2006) retrata como uma introjeção defeituosa, na qual o Self é atacado quando se constela, é impedido de modificar-se e as frustrações preponderam. O autor também comenta a respeito de uma possibilidade de dissociação quando há um afastamento de elementos da consciência, considerando-os inaceitáveis, o que reflete a negação da sombra.

Também Jung (2007) efetua colocações a propósito de que a busca de poder da criança e o desejo de agradar os pais a torna vulnerável ao menor fracasso, já que anseia por admiração e adulação.

A participante B. não se identifica com o abandono das crianças:

Eu acho assim... eu acho que é uma realidade difícil. Eu fui uma criança muito acolhida, assim, muito amada, eu não me senti abandonada pelo meu pai e pela minha mãe, né? Eu tenho recordações maravilhosas da minha infância, mas, assim, eu acho que a gente sempre pode fazer mais pelo outro, o problema é saber o como fazer isso, como poder ajudar as pessoas lá fora, mas eu acho que é mais um lado profissional, a questão da humanidade que a gente pode ter. Por mais que eu tenha uma sensação de solidão hoje, eu não acho que isto está vinculado a esta questão de ver, de me achar abandonada, eu não consigo me ver abandonada na minha infância.

Comentou atuar com rebeldia durante a adolescência, reunindo qualidades de destemor, curiosidade e falta de limites, características que foram sendo sufocadas ao longo do tempo:

Eu acho que eu sufoquei isso, por isso da espontaneidade. Você vê que uma coisa eu acho que tem a ver com a outra, porque você vai se tolhendo, vai dizendo não, eu não posso, não posso, não posso. E no casamento teve o mesmo episódio, um episódio em que eu definia, as coisas eram do meu jeito, mas depois houve um retrocesso nesse processo. Até no casamento, eu era menos submissa e passei a ser mais submissa, então o episódio se repetiu. Então aí tem algo, uma história se repete...

Considera a criança ferida ou abandonada como uma questão social, encarando-a com distanciamento. Por outro lado, atribui à mesma uma importância subjetiva, associada ao ressentimento por não ter sido a filha preferida por seus pais.

Ao analisarmos o relato da participante C., percebemos que há uma mobilização no que se refere à condição social das crianças nas ruas, demonstrando reações de indignação expressas no gestual e tom de voz:

Me dá uma bronca, me dá uma raiva muito grande se eu vejo uma criança ali pedindo esmola num farol e a mãe ou mais duas pessoas adultas dali há 20 metros, sentados no chão fumando.

Todavia, observamos que sua atitude interna é permeada por julgamentos críticos sobre o fato, com ativação de mecanismos de defesa, que demonstram a dificuldade de enfrentamento desta situação:

Se eu vejo malabares no farol...eu criei uma casca bem de proteção, eu não sinto nada... mas se forem crianças muito pequenas, aí eu fico penalizada, compro lanche, compro pastel... eu brinco, eu converso... então me dói demais...

Complementando, podemos relacionar este aspecto ao que Hillmann (1999) postula a respeito da necessidade de entrar em contato com a vulnerabilidade do outro, para permitirmos que os sentimentos, pensamentos e reações emerjam, que possamos apreciá-los e o diálogo possa ser revelador.

O participante D. identifica-se com as crianças feridas e abandonadas, mostrando-se sensível ao assunto após o nascimento de seus filhos. Remete-se à sua história de dificuldades financeiras na infância, destacando aspectos da convivência com a desigualdade social:

Eu me identifico quando eu vejo alguém que tem uma situação diferenciada financeira e não pode fazer alguma coisa... eu lembro da criança que tinha essas dificuldades... eu... se eu posso, eu ajudo, eu faço ela dar risada, eu vou ser uma criança próxima dela... quando não posso me aproximar, penso: "Nossa, será que é muito parecido comigo, quando criança?"

O participante E., quando questionado sobre as crianças feridas e abandonadas, demonstra mecanismos de identificação com esta realidade, lembrando das dificuldades presentes em sua infância, aproximando-se e reforçando valores contrários ao preconceito social e voltados à esperança em suas possibilidades de desenvolvimento. Nesta situação, projeta sua situação psicológica, resultado da luta por condições melhores de vida e pelas reflexões advindas desse processo:

Eu fui criado pela minha bisavó. A minha mãe quando era mais nova tinha um lado meio obscuro da vida dela, era meio "porra-louca", teve meu irmão, depois me teve, aí ela saía no mundo, assim meio doida... então eu penso : "poxa vida, minha mãe foi mãe solteira , me teve, outras mulheres, com dificuldades, também vão ter as crianças e vão educá-las, mesmo de forma errada e vão ser a casta baixa da sociedade. Mas um ou outro vai sobreviver, um ou outro vai tentar ser alguém na vida, não vai estar fadado a ser um marginal, um criminoso. Então ainda há esperança, você não pode olhar numa favela uma criança pedindo como "hoje ele pede, amanhã ele rouba". Não é uma regra, então eu sou bastante solidário. Se eu estiver tomando cerveja na padaria e chega uma criança, não me custa, eu vou ver se ela está com fome, pergunto se ela está na escola, e tal e mesmo que entre por uma orelha e saia pela outra, o contato físico que eu tenho com ela é bom para mim e acho que é bom para ela. Se ela guardar alguma coisa de mim, já vale e eu sempre digo para ela nunca parar de estudar.

Esta colocação nos remete ao pensamento de Jung (1987) de que este arquétipo estaria associado ao vir-a-ser, medida em que necessita de cuidado, atenção e educação incessantes, tendendo a desenvolver-se e buscar a completude.

O participante E. associa o aspecto da criança interior à ingenuidade, na medida em que se predispõe a estabelecer relações prestativas junto a pessoas desconhecidas, evidenciando sentimentos de nostalgia com relação a momentos e brincadeiras da infância.

Em seu contexto emocional, tende à evitação de situações que exponham sua fragilidade, associando o uso da máscara à autoproteção, considerando que sua retirada total necessitaria de um estado interno de tranquilidade e consciência de seu crescimento interior.

Faz uma analogia desta conexão interior ao contexto em que conciliava fazer teatro a um trabalho que lhe propiciava regras flexíveis e liberdade, fase esta provavelmente vivenciada na identificação com a expressão *puer* do arquétipo e evidenciada no comportamento adolescente, receoso pela vinculação e aprisionamento às situações.

A reflexão final contribui para a colocação conclusiva de que a manifestação deste aspecto se associa diretamente ao ter tempo para si mesmo, o que é reforçado teoricamente por Abrams (1990), quando retrata que a criança permanece em nós como um princípio de vida profundo, em harmonia com as possibilidades de novos recomeços e associados ao estado de espírito de cada um.

A confrontação com a sombra é refletida no desejo de tirar a máscara e descobrir-se e nos remete, em sua condição compensatória, à possibilidade de que a psique estaria apontando - ainda de forma primitiva e vulnerável - sobre a necessidade de vivenciar a criança interior na busca da experiência e identidade, desde que as condições para isolamento e conexão com nosso interior possam emergir. Neste sentido, Jung (2007) propõe que a criança interior seja vivida como forma de tornar-se uma realidade e não uma experiência de abandono.

Parece-nos que o paradoxo entre a rejeição e o abandono, conforme colocado por Jung (2007), precisa ser claramente vivenciado na relação com a mãe para que o indivíduo possa crescer e perceber o poder de sua própria natureza.

Capítulo 6 - Discussão

Percebemos que todos os participantes, quando foram indagados sobre o tema, recorreram a lembranças da infância, gerando reações reflexivas permeadas por momentos de nostalgia e desejos de revivê-los na atualidade.

Na categoria “o que é ser criança para você”, obtivemos uma correlação uniforme no que se refere à expressão da espontaneidade, da liberdade, criatividade e da imaginação.

Três participantes comentaram a respeito da curiosidade, descoberta e abertura a novas experiências; duas pessoas associaram a criança à alegria e vivência de situações engraçadas e divertidas.

Houve também relatos individuais relativos à renovação de sonhos de vida, impaciência, agitação e irritabilidade.

Verificamos que a manifestação deste arquétipo, ativada na infância, permanece viva na psique, fator que denota sua importância dentro do processo de individuação, conforme Jung (2007) aponta, com relação à presença da criança interior como um símbolo vivo de futuras potencialidades, que proporcionam equilíbrio, unidade e vitalidade à personalidade consciente.

Os conteúdos afetivos que permearam os relatos, voltados à espontaneidade, criatividade, descoberta e imaginação, nos revelaram manifestações simbólicas, fazendo-nos supor a integração entre os âmbitos consciente e inconsciente, expressos na conjugação entre as lembranças de fatos da infância e seu significado simbólico.

Por outro lado, notamos a ocorrência de uma limitação na expressão do arquétipo, vinculada ao processo de socialização, percebido na vida adulta através da identificação com a persona, bem como refletidos no medo com relação ao rompimento de regras sociais e na necessidade de aceitação nos relacionamentos.

Notamos que as manifestações positivas da criança mostraram-se compatíveis com o pensamento de Hillman (1999), ao referirem-se à criança divina, nos atributos da espontaneidade, formas originais de expressão, visualização de novos princípios, ir em busca de oportunidades e alegrar os outros com seu encanto.

Supomos que a predominância de relatos positivos sobre a criança indique percepção favorável dos participantes com relação à sua expressão em diferentes situações da vida.

De forma complementar, o mesmo Hillman (1983) também retrata a necessidade da vulnerabilidade infantil e sua importância para o desenvolvimento, apesar de dois dos participantes terem se referido à presença atual do medo infantil, agitação e irritabilidade. Tais aspectos também podem ser considerados à luz do pensamento de Jung (2007), caracterizado pela impossibilidade de vivenciar livremente estes sentimentos, em função da repressão e distorção dos mesmos na vida adulta.

Estas condições nos levam a levantar a hipótese de que dificuldades no desenvolvimento permaneceram fixadas ou reprimidas nestes participantes, relegadas a reações infantilizadas verificadas na atitude de deixar de realizar desejos pela necessidade de atender às exigências dos pais com conseqüente demonstração de atitudes responsáveis ou da busca pela liberdade, ou ainda ao considerar uma atitude infantil de não avisar a esposa sobre sua localização ou demora por algumas horas. Tais aspectos se interpõem à vivência da criança divina, na medida em que aprisionam a manifestação criativa da criança.

Na segunda categoria explorada, a respeito dos “fatores que impedem a expressão da criança interior”, observamos que três participantes inicialmente se referem à necessidade da emergência da criança interior em momentos de tensão emocional, utilizando-se do senso de humor e do brincar como recursos para relaxamento.

Notamos também que as situações que bloqueiam a expressão do arquétipo associam-se a situações de separação afetiva e à fixação aos padrões impostos pelas exigências sociais, sendo o trabalho citado por quatro participantes. Tais aspectos demonstram a prevalência da persona, conforme proposto por Jung (1988), com conseqüente repressão da sombra, acentuando a desconexão consigo mesmo.

Embasam os relatos dos cinco participantes o medo de não ser aceito se não adotarem comportamentos adaptativos e responsáveis, gerando em dois deles um movimento gradativo de submissão às normas e pessoas, em um dos relatos, a busca de um caminho em direção à independência de ações e nos outros dois participantes, o retraimento emocional, com citações de perdas afetivas que geraram sentimentos de impotência, frustração e sofrimento.

Além disto, vimos que um dos entrevistados referiu-se à identificação com a máscara incorporada em si mesmo, cuja fixação na persona impede o contato verdadeiro consigo mesmo.

Esta situação de excessiva adaptabilidade constatada nos relatos nos remete ao pensamento de Silveira (1988), ao observar a constelação de complexos revelada nas projeções e originárias das situações traumáticas que trazem imagens mnêmicas carregadas de afeto e fixadas em determinado ponto do desenvolvimento.

Pareceu-nos que tais impedimentos correlacionam-se à necessidade do mergulho no processo de autoconhecimento, por meio da confrontação dos aspectos que impedem a conexão interna, levando-nos à considerar a emergência da plenitude da criança interior como um dos elementos fundamentais à individuação.

Na terceira categoria, “sentimentos e emoções despertados”, percebemos que os sentimentos e emoções destacados apontam, por um lado, para um estado de esquecimento da criança na vida cotidiana do adulto, quando está voltada à acentuada necessidade de adequação social, alternando colocações que retratam estados de insatisfação, frustração pela contenção dos desejos, falta de liberdade para expor-se livremente, insegurança, medo de não ser aceito (conforme três dos participantes), além de relatos isolados de sentimentos de inferioridade, solidão, pesar, culpa, necessidade de auto-proteção e somatizações percebidas em dores corporais.

Estes elementos demonstram fixação a estados evolutivos imaturos, refletidos na intensificação de mecanismos de defesa, voltados à autoproteção contra decepções afetivas, evitação do abandono e exposição da fragilidade.

Notamos também que dois participantes destacam sentimentos de alegria, espontaneidade e o brincar com crianças como momentos integrantes de suas vidas cotidianas, que sugerem a vivência da criança de modo integrado à vida adulta.

Estes fatores nos levam à retomada da concepção de Jung (2007) com relação à natureza compensatória da psique, enquanto guia e elemento de sustentação da personalidade adulta, através da promoção de momentos de bem-estar.

Na quarta categoria, “Como a criança emerge no cotidiano”, verificamos que quatro entrevistados apreciam brincadeiras imaginativas, jogos e humor, nem sempre praticados na frequência em que gostariam.

Verificamos que para dois participantes, a manifestação da criança associa-se à espontaneidade através da transparência dos sentimentos, do fazer o que gostam e estar com pessoas queridas.

Duas pessoas comentaram sobre o brincar com crianças, com as quais resgatam o sentir-se criança e vivenciar as brincadeiras diversificadas de modo intenso, além de deliberadamente agirem de forma a contagiar outras pessoas à sua volta. Destacaram também a modificação da expressão da criança, atualmente mesclada ao adulto, embora não tenham apresentado argumentação precisa ao exporem estes aspectos.

Uma entrevistada acentuou a presença de medos que a acompanham desde a infância e a frustração por não brincar mais, com raros episódios da expressão da criança voltados ao convívio com as filhas adolescentes, seja conversando ou em uma atividade culinária.

Três participantes se ativeram a justificar a repressão da expressão da criança em função das responsabilidades e exigências sociais, considerando-as incompatíveis com a liberdade de atuação, especialmente no contexto profissional.

Ressaltamos que neste processo, conforme colocou um dos participantes, a auto-percepção ocorre através da observação do outro, condição que nos remete à concepção de Jung (1988) sobre o desenvolvimento, já que o autor considera que a consciência da limitação do ego e a clara percepção do inconsciente torna possível a ativação da função transcendente e o símbolo unificador da psique.

Notamos que as manifestações do arquétipo da criança, como nos coloca Jung (2007), permitiriam a apreensão da orientação original da vida através das imagens arcaicas da infância, entre as quais alegria, espontaneidade e qualidades de abertura que possibilitam a jornada da individuação.

Estes fatores nos levam a supor a relação direta entre a expressão do arquétipo e a abertura para a experimentação do mundo, através da curiosidade dos mecanismos exploratórios e desejos por novas descobertas. Entretanto verificamos que há um modo próprio de cada pessoa vivenciá-los, seja através da fixação em movimentos próprios da infância (revivê-los no momento presente), ou de um modo mais integrado de convivência entre o adulto e a criança, reconhecendo ambos os aspectos dentro de si, como foi exposto por um dos participantes (“É uma criança que amadurece”).

Pareceu-nos que ocorreu uma falta de clareza quanto à maturidade, já que três dos participantes reforçam a incompatibilidade entre as exigências sociais e a expressão mais verdadeira de si mesmos.

Estes aspectos se refletiram na formação de vínculos afetivos, acentuando sentimentos de desconfiança e sugerindo a emergência dos complexos carregados das emoções ativadas nestas experiências difíceis à integração egóica. Pensamos que neste caso, podem contribuir para o surgimento de elementos regressivos, entre os que foram citados, a solidão e a dependência afetiva.

A estes fatores se contrapõem desejos e comportamentos voltados ao brincar, dar vazão à imaginação e entusiasmo, além da transparência ao expressar os sentimentos, sejam estes positivos ou negativos, adequados ou inadequados às situações ou idade cronológica. De uma maneira regredida, alguns participantes obtêm esta satisfação através do acolhimento afetivo dos amigos e identificação de afinidades, lembrando-nos do pensamento de Neumann (1980) sobre a fase de desenvolvimento regida pelo materno, no qual predominam o aconchego e relacionamento protetor e afetivo dos pais.

Como o objetivo deste trabalho se propunha a compreender a expressão do arquétipo da criança interior, nossa hipótese parte da idéia de que a relação conflitiva e paradoxal entre estes diferentes sentimentos e formas de manifestação da criança interior na vida cotidiana é expressa saudavelmente pelos participantes que se permitem exercitar o brincar na vida adulta.

Este movimento nos remete à concepção de Winnicott (1971) a respeito do brincar como função essencial ao desenvolvimento, por meio das projeções de tendências afetivas destrutivas ou amorosas, bem como da manifestação do processo criativo.

Ao abordarmos a quinta categoria, referente à identificação com a criança ferida, percebemos que os participantes demonstraram mobilização em termos do estabelecimento de juízo crítico e falta de aceitação da condição das crianças abandonadas e feridas, entretanto, todos assumiram atitudes aproximativas, voltadas ao acolhimento e compreensão desta realidade. Tais colocações nos levam a supor que esta identificação os remeta às reminiscências de uma fase do desenvolvimento egóico na qual o abandono é caracterizado como necessário a este processo, conforme nos afirma Jung (2007) quando apresenta a necessidade

da transformação, da renúncia ao estabelecido e a apropriação do novo, associando-os ao arquétipo da criança interior.

Observamos que dois entrevistados identificaram-se com a privação social, demonstrando empatia e associando histórias pessoais a desejos de modificar esta realidade; duas pessoas evidenciaram identificações de ordem afetiva, com relação à carência de serem aceitas e preferidas pelos pais; a outra participante denotou distanciamento afetivo, efetuando colocações críticas e racionais.

Podemos relacionar estes elementos à dificuldade de confrontação da sombra, já que os participantes expressaram reações projetivas quando associam as crianças nas ruas ao sentimento de abandono por terem sido preteridos pelos pais ou privados em seus desejos e necessidades. A dificuldade de aceitação desta realidade fica evidenciada através do reforço de comentários sobre injustiça e desigualdade social, abandono, raiva e inconformismo.

Consideramos interessante destacar que os dois participantes que relataram brincar em seu cotidiano não percebem os estados criança e adulto de forma separada, o que nos levou a supor que há integração entre estes aspectos e que, em ambos os relatos, esta manifestação se expande para diferentes campos de suas vidas.

Sugerimos que a partir disto, conforme ilustrado por um dos participante, “parece que é uma criança que amadurece”. Em hipótese, este movimento pode advir de uma tomada de consciência, movida pela tendência natural à individuação, na medida em que promove a aproximação entre o *puer* e o *senex*, como fatores complementares a uma compreensão mais ampla destas situações. Segundo esta idéia, exposta por Stein (2000), a criança também precisaria da estabilidade proporcionada pela força, pela sabedoria espiritual ancestral, pelos limites e pela profundidade do *senex*. Desta forma, *senex* e *criança* são polaridades que funcionam criativamente para o desenvolvimento psicológico somente quando formam uma totalidade complementar.

Percebemos que desta natureza compensatória, conforme Jacobi (1995) surge o símbolo, em sua função mediadora entre consciente e inconsciente, cujo impacto nos permite mudar, ampliar e reconhecer nossa interioridade. Ele assume importância ao nos remetermos à síntese do que os participantes perceberam - alguns de forma estanque e ambígua, outros de modo integrado e espontâneo, na medida em que o inédito se interpõe na experiência, o potencial criativo aflora, os

recursos imaginativos se intensificam e a percepção do contato com seu verdadeiro eu é verbalizada como libertadora e inesgotável.

Compreendemos este aspecto como uma síntese de opostos e reconexão do eixo ego-Self, em seu manancial de potenciais ilimitados e na capacidade transformadora trazida pelos símbolos, que são evidenciadas em diferentes entendimentos sobre as vivências da infância e abertura ao inédito. Em ambos os casos, foram participantes que investiram em seu processo de autoconhecimento e que, segundo comentaram, estabeleceram mudanças internas nas quais percebemos movimentos de confrontação com a sombra, auto-aceitação e novas formas de interação com as pessoas de seu convívio.

Remetemo-nos assim a Jung (2007) a propósito do poder curativo e restaurador da psique e da funcionalidade do símbolo neste sistema, através da atribuição de um significado à experiência vivida, que transcende o manifesto e imediato. Ao vincular-se ao impulso de realizar-se a si mesmo, o autor destaca a expressão da criança divina, dotada de forças que fluem em direção à completude.

Retomamos também as colocações de Jung (1988) relativas à capacidade organizadora do arquétipo, servindo como uma ponte entre a consciência do presente e a totalidade inconsciente original, no qual a criança remete a um novo estado psicológico do não conhecer.

O autor (1988) nos afirma também que o processo de individuação traz as imagens arcaicas da infância como parte do que somos e são apreendidas como orientação original da vida, sugerindo um germe da totalidade que já se encontra na psique e caminha em direção ao realizar-se a si mesmo, aspecto divino da criança evidenciado no reconhecimento dos participantes com relação à analogia entre a criança e o ser verdadeiro.

Consideramos pertinente a esta discussão, concluirmos destacando a ideia de Downing (1998) quando coloca que a manifestação da criança interior provoca uma reestruturação da personalidade, visando uma compreensão mais ampla do significado e uma expressão mais plena de vitalidade, colocação esta que sintetiza o processo reflexivo despertado nos participantes e na pesquisadora durante este trabalho.

Considerações finais

Este trabalho, cujo objetivo principal voltou-se à compreensão das formas de manifestação do arquétipo da criança interior à luz da Psicologia Analítica, se propôs a realizar uma pesquisa qualitativa e contou com cinco participantes adultos, com idade compreendida entre 35 e 50 anos de idade.

No transcorrer das entrevistas de profundidade semi-dirigidas que realizamos, percebemos nos participantes fácil acesso ao tema, associados à demonstração de momentos reflexivos acompanhados de sentimentos de nostalgia com relação às vivências infantis, bem como de perda com relação à restrita ou inexistente expressão deste aspecto no cotidiano.

Pretendíamos verificar a existência de correlações ou frequência entre as formas de manifestação do arquétipo. Constatamos expressões semelhantes entre os participantes quando afirmam utilizar recursos criativos e imaginativos, além de participar de jogos e brincadeiras com amigos ou familiares, entretanto a constância relatada difere consideravelmente entre as pessoas, oscilando entre raras vezes e habitualmente, estes últimos incentivados pelo convívio com crianças.

As referências simbólicas apresentadas pelos participantes revelaram-nos que a expressão espontânea se expande pelos campos da vida cotidiana na medida em que cada um se permite integrá-la a diferentes contextos, em função de não compreendê-la como um aspecto dissociado da vida adulta. Quando isto acontece, desvelamos a função integradora entre a manifestação da criança divina e a sabedoria inerente ao *senex*, assumindo um novo sentido que aproxima e caminha em direção ao Si-mesmo, evidenciando a Individuação.

Pareceu-nos que os participantes que atribuem grande importância ao ajustamento a normas e padrões vinculados ao sentir-se aceito, restringem manifestações espontâneas e se fixam em brincadeiras intelectualizadas, à seletividade das amizades ou a raras expressões cotidianas da criança. Neste contexto, sugeriram movimentos regressivos ao citarem a pressão da responsabilidade, sugerindo fixação a mecanismos próprios da infância e repressão em seus desejos de liberdade, em prol da imagem social.

Os participantes que revelam maior integração com a criança citaram em seus relatos a superação de situações emocionais difíceis e o investimento em processos de autoconhecimento, demonstrando lidar de forma mais assertiva com a

criança interior, permitindo-se maior liberdade de expressão e percebendo tais manifestações de maneira fluída e consciente.

Verificamos que quando ocorrem percepções superficiais da criança no cotidiano, há uma ênfase à reflexão nostálgica, denotando surpresa ao se darem conta do afastamento deste aspecto e também desejos de retomá-los.

Apesar destes fatores, consideramos que nossas expectativas neste trabalho foram atendidas, mas também agregamos outros dados, sejam ao percebermos a carga afetiva mobilizada pela abordagem do tema, seja na constatação da presença viva deste arquétipo quando mobilizado ou até mesmo na tomada de contato com a nossa criança interior, ávida por participar mais ativamente de nosso cotidiano.

Neste trabalho, observamos que nossa ótica sobre o tema se ampliou, mas também promovemos mudanças pessoais, dando vazão a momentos de espontaneidade no cotidiano, bem como nos permitindo inserir o brincar, jogar e flexibilizar regras, mesmo em ambientes formais.

Consideramos que esta pesquisa identificou um campo a ser explorado dentro da Psicologia na medida em que destacou a importância da exploração da criança interior no processo terapêutico, como fonte de cura e conexão consigo mesmo, fator que sugerimos como recurso e condição ao processo de individuação.

No âmbito educacional, propomos mudanças profiláticas na fase intermediária entre a infância e a vida adulta, visando cultivar a conexão da criança interior nas diferentes fases da vida, incentivando mecanismos expressivos deste arquétipo através da concepção do educar para o ser, em detrimento do ter, habitualmente vigente no mercado de trabalho.

Sugerimos também a exploração de técnicas e recursos terapêuticos ou educativos que possam evitar a cisão entre o adulto e a criança que reside em cada um de nós, propondo nova pesquisa que contemple uma coleta de dados vivencial ou um projeto de intervenção dentro deste foco.

Imaginamos que a partir da reflexão a respeito dos dados, poderemos intensificar em nosso trabalho terapêutico a exploração simbólica deste arquétipo, introduzindo em algum momento do processo a expressão da criança – que foi, é e será, ou ainda organizando um projeto para grupos de adultos, sob a forma de oficina ou workshop vivencial, em caráter profilático ou motivador.

Consideramos que o fator gratificante desta pesquisa referiu-se ao contato empático com os participantes, que também despertaram na pesquisadora reflexões

sobre a sua própria criança interior, experienciada no prazer de descobrir que este elemento é vivo e presente dentro de cada um de nós, além de ilimitado em sua expressão, características que enriqueceram nossa compreensão de vida, ampliando seu sentido e possibilidades.

Mesmo assim, ocorreram momentos de frustração ao percebemos que a necessidade adaptativa muitas vezes se sobrepõe à percepção transformadora deste elemento e nos entristecemos com a opção atual pela submissão e repressão do ser verdadeiro.

Efetuamos este percurso com disciplina, entretanto o grau de envolvimento com as entrevistas nos levou a incluir todos os participantes, um a mais do que o previsto, visando não desprezar nenhum conteúdo subjetivo e compartilhar experiências diversas e ricas de significado, o que retrata para nós a importância crescente deste processo.

Consideramos que este caminho, trilhado passo a passo como um encontro, trouxe-nos a possibilidade de aproximação da pessoa, em sua inteireza, aspecto sempre presente e despertado em nossa vida quando nos dispomos conscientemente a ouvi-lo, como sintetiza a canção:

Bola de meia, bola de gude¹

Há um menino, há um moleque
Morando sempre no meu coração
Toda vez que o adulto balança
Ele vem prá me dar a mão

Há um passado no meu presente
Um sol bem quente lá no meu quintal
Toda vez que a bruxa me assombra
O menino me dá a mão

¹ Obra composta por Milton Nascimento e Fernando Brandt, 1988, disponível em <http://www.radarcultura.com.br/node/264>, acessado em 30/05/09.

E fala de coisas bonitas
Que eu acredito que não deixarão de existir
Amizade, palavra, respeito, caráter, bondade
Alegria e amor

Pois não posso, não devo, não quero
Viver como toda essa gente insiste em viver
E não posso aceitar sossegado
Qualquer sacanagem ser coisa normal

Bola de meia, bola de gude
O solidário não quer solidão
Toda vez que a tristeza me alcança
O menino me dá a mão

Referências

- ABRAMS, J. (org.) **O Reencontro da criança interior** . São Paulo: Cultrix, 1990.
- ADLER, G. e JAFFÉ, A., orgs. **C.G.Jung: Cartas 1906 – 1945. V.1.** Petrópolis: Vozes, 2001.
- BACHELARD, G. **The poetics of Revèrie.** Tradução de Daniel Russell. Boston: Beacon Press, 1971.
- BYINGTON, C. **O desenvolvimento da personalidade – Símbolos e Arquétipos.** São Paulo. Ed. Ática, 1987
- DOWNING, C. (org.) **Espelhos do Self – As imagens arquetípicas que moldam a sua vida.** São Paulo: Cultrix, 1998.
- EDINGER, E. F. **Ego e Arquétipo.** São Paulo: Cultrix,1995.
- FONTANELLA, B.J.B., CAMPOS, C.J.G. e TURATO, E.R. **Coleta de dados na pesquisa clínico-qualitativa: uso de entrevistas não-dirigidas de questões abertas por profissionais da saúde.** Artigo de revisão in Revista Latino-americana em Enfermagem. 2006, setembro-outubro; 14(5).
- GRIMBERG, L.P. **Jung, o Homem Criativo.** São Paulo: FTD, 1998.
- HILLMAN, J. **Psicologia Arquetípica.** São Paulo: Cultrix, 1983.
- _____ **O Livro do Puer** . São Paulo: Paulus, 1999.
- HOLLIS, J. **Mitologemas Encarnações do mundo invisível.** São Paulo: Paulus, 2005.
- JACOBI, j. **Complexo, arquétipo, símbolo na Pssicologia de C.G.Jung.** São Paulo: Cultrix, 1995.
- JAFFÉ,A. **O mito do significado** na obra de C.G.Jung. São Paulo: Cultrix,1995.
- JUNG, C. G. **A natureza da psique.** Petrópolis: Vozes. 1971.
- _____ **A prática da psicoterapia.** Trad. Appy M.L. Petrópolis: Vozes, 1987.
- _____ **Memórias, sonhos e reflexões.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1989.
- _____ **O Eu e o Inconsciente.** Petrópolis: Editora Vozes, 1988.
- _____ **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** Petrópolis: Vozes, 2007.
- _____ **Tipos psicológicos.** Petrópolis: Editora Vozes, 1991.

NEUMANN, E. **A Criança**. Trad. Silva, P.R. São Paulo: Cultrix, 1980.

PENNA, E. **O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa**. Artigo baseado em trabalho apresentado no III Congresso Latino-americano de Psicologia Junguiana. Salvador: 2004.

PEREIRA, M.R.G. **Apostila do curso de especialização em abordagem junguiana Leitura da Realidade e Metodologia de Trabalho. Módulo 4: Estudo das questões práticas utilizando a metodologia simbólica. Disciplina: Iniciação e pesquisa** . São Paulo: COGEAE-PUC-SP. 2001.

SHARP, D. **Léxico junguiano: dicionário de termos e conceitos**. São Paulo: Cultrix, 1993.

SILVEIRA, N. **Jung, vida e obra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

STEIN, M. **O mapa da alma**. São Paulo: Cultrix, 2000.

STONE, H. e WINKELMAN, S. **Embracing our Selves: the voice dialogue manual**. São Rafael : New World Library, 1989.

VON FRANZ, M.L. **Puer Aeternus: a luta do adulto contra o paraíso da infância** São Paulo: Paulus, 1992.

WAIBLINGER, A. **A grande mãe e a criança divina – O milagre da vida no berço e na alma**. São Paulo: Cultrix, 1986.

WINNICOTT, D. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro. Imago Editora, 1971.

WHITMONT, E. C. **A busca do símbolo**. São Paulo: Cultrix, 2006

ANEXOS

Anexo 1

TERMO DE CONSENTIMENTO

Título do trabalho: A expressão do arquétipo da criança interior na vida adulta : Uma leitura junguiana

Objetivo geral: Compreender as formas de manifestação do arquétipo da criança interior em adultos entre 35 e 50 anos, à luz da Psicologia Analítica Junguiana.

Pesquisador: Mônica da Costa Santarelli

Orientador: Prof. Dr. Durval Luiz de Faria

Origem do Trabalho: Curso de Especialização Latu Sensu em Abordagem Junguiana – Leitura da Realidade e Metodologia de Trabalho

Eu _____ concordo voluntariamente em participar de entrevista para colaborar com este estudo, sem receber qualquer incentivo financeiro. Acredito ter sido suficientemente informado sobre as condições de minha participação e dos objetivos da pesquisa, bem como de que as informações por mim oferecidas estão submetidas às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde.

Estou ciente de que minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista a ser gravada e que, caso eu tenha dúvida ou me sinta prejudicado, poderei contatar a pesquisadora responsável ou seu orientador ou ainda o Comitê de Ética em pesquisa do COGEAE – PUC – SP.

Fui também comunicado de que posso me retirar deste estudo a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

_____/_____/_____
Data

Assinatura

Anexo 2

ROTEIRO BÁSICO DE ENTREVISTA SEMI-DIRIGIDA

1. A partir de sua experiência pessoal, como é ser criança para você?
2. Em que circunstâncias sua criança interior emerge ou não na sua vida atual?
3. Como você expressa a espontaneidade no seu cotidiano?
4. De que forma o brincar se faz presente hoje, em seu contexto de vida?
5. Em que medida você se identifica com as crianças feridas e abandonadas nas ruas?

Anexo 3

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1 :

A., 35 anos, solteira, graduada em Administração de Empresas, pós-graduada em Tecnologia em Informática. Trabalha como analista de suporte em uma empresa de transportes coletivos.

Tem um filho de 14 anos e reside com os pais, aposentados. Atualmente tem um relacionamento afetivo informal.

Já foi submetida a processo psicoterápico por 2 anos, há alguns anos atrás, que considera ter contribuído para o entendimento de suas questões pessoais, mas não promoveu todas as mudanças que desejava.

Revelou disposição receptiva e simpática durante a entrevista, discurso truncado, com várias pausas para reflexão sobre os assuntos abordados, demonstrando gestos espontâneos, desejos de independência e oscilações em sua auto-estima.

P - A partir da sua experiência pessoal, como é ser criança para você?

A - Ser criança é poder olhar para o mundo como uma criança mesmo... (pausa)... Hoje a gente é madura o suficiente para... para levar muita coisa a sério na vida e ser criança é tentar ser o mais natural. Conviver com a criança é... (pausa) como é que eu vou dizer? É se encaixar na humildade, na própria simplicidade da criança.

P – Como é o encaixar-se nessa humildade, nessa simplicidade da criança?

Não basta só a convivência com criança, eu acho que (pausa) é preciso deixar fluir, como se você falasse: "Vou meter as caras e fazer", "Vou chegar lá e vou virar cambalhota na grama, vou deixar pintar o rosto". É se soltar... encontrar um lado que hoje em dia não tem, que a gente não percebe no nosso dia-a-dia. Parece alguma coisa que está oculta, porque nosso dia-a-dia hoje, por conta de toda a situação, do ser madura, do trabalho... nos faz esquecer de um outro lado, como se fosse uma carência de algo que nós não temos mais por conta de toda situação, da vida, do crescimento, porque quando você cresce, você vai tendo luta, responsabilidade da responsabilidade... e então você acaba percebendo que

existem coisas que esquecemos que podemos fazer, às vezes é um sorriso, às vezes jogar bola... Nem sempre está voltado ao “cair na balada”, porque nessa situação da balada, do sair, um quer competir com o outro e a criança não, ela é muito espontânea.

P - Em que circunstâncias sua criança interior emerge ou não em sua vida atual?

A - (Surpresa) Como vou responder isso? (sinais de ansiedade, mexe e entrelaça as mãos) Em que circunstâncias? A partir do momento em que eu tento me desvincular o meu dia-a-dia, meu estresse, meu ciúmes de algumas pessoas e começo a tentar olhar para um lado menos estressante.

P – Você percebe quando ela aparece na sua vida?

A - Percebo, em algumas situações eu percebo que eu carrego muitas responsabilidades... não vou dizer em um local, especificamente no trabalho ou especificamente na minha casa, mas tem alguns momentos em que a gente está com um acúmulo de coisas, com um acúmulo de responsabilidades no ombro tão grande, que no momento em que estou no auge do estresse do que já tentei, eu consigo perceber que eu tenho que sair daquele meio, daquele mundo, daquele estresse e me isolar daquele mundo e começar a pensar e perceber que a tensão, a dor de cabeça, estão me fazendo mal. Então eu tento me afastar ao ponto de tentar relaxar, de tentar voltar a minha mente para outro lugar, sair da sensação de aperto, uma sensação de “quero sair disso, isto está me fazendo mal, deixa eu sair” . É gente cobrando, é responsabilidade nas costas e aquilo vai pesando e de repente o corpo fala, começo a sentir algumas dores, o estresse é muito grande e eu tenho a sensação de que preciso sair daquele meio e tentar me encontrar em outro lugar para eu poder encaminhar a minha criança interior. Então eu tenho necessidade de sair, pegar o carro, ir para um parque, ou viajar – quando viajo (sinais de insatisfação na expressão facial) , só para poder deixar do outro lado todo aquele peso e voltar minha mente para outro foco.

P - Parece que você está dizendo então que nestes momentos de estresse você consegue entrar em contato com a sua criança interior...

A – Exatamente. Eu sinto que me faz falta não apenas o lazer, mas este lado espontâneo, humilde, como eu falei... vamos virar cambalhota, vamos jogar bola,

vamos cair na água, me faz falta isso... sair um pouco deste mundinho de regras do que tem que ser, embora eu ache que disciplina tem que ter... Sair desse mundinho de pressão, de regras, do ser assim, do ser assado. E então quando você consegue sair disso, diz : “poxa, que delícia que é viver um momento diferente, olhar para uma paisagem e perceber... “legal, estou livre aqui”.

P - Como você expressa a espontaneidade no seu cotidiano?

A - Acho que eu sou uma pessoa muito ... (pausa) que não consigo me mascarar, não digo que não estou gostando disto ou aquilo, mas se algo está me incomodando, já crio uma forma de falar para a pessoa de algum jeito, principalmente se eu estiver acima dessa pessoa. Por exemplo, sou funcionária, mas tem uma pessoa abaixo de mim, um estagiário, vou chegar e falar numa boa, não que eu fique muito à vontade, também... eu também não gosto de receber críticas... mas eu não gosto de chegar e ficar criticando porque eu não consigo medir as palavras às vezes. Para ser espontânea, eu sou espontânea quando faço o que eu gosto e acabo tomando as coisas para fazer para os outros...eu “abraço demais”...

P – Na vida pessoal isto também acontece?

A- Infelizmente. Na vida pessoal, também percebo que me preocupo com o outro, ligo para saber se chegou bem... parece coisa de mãe...fico satisfeita por saber que está tudo bem.

P – E enquanto criança?

A- Acho que ao lembrar de algumas situações, posso virar uma criança em algum momento porque me convem... às vezes eu me travo um pouco... eu percebo que eu me travo ... ah, está todo mundo pulando na piscina e eu me travo... será que eu vou, será que eu não vou...talvez por conta de algum moralismo, alguma regra, algum conceito que eu já coloquei na minha vida por conta de todas as responsabilidades, talvez eu não consiga virar esta criança tão facilmente... não que eu não perceba; às vezes quero ir, mas estou sem coragem.

P - Nos seus momentos de lazer, aparece esta espontaneidade?

A- Eu sinto...

P - Como você sente?

A – Vejo a situação ocorrendo e de repente eu percebo : “nossa., quero fazer também!” Mas muitas vezes acabo não fazendo...

P – E em que circunstâncias você faz?

A - Se eu não fizer, vem um pouquinho de frustração por não ter feito.. por que eu não tentei? Mas quando eu consigo, eu me divirto, eu me solto muito...

P – Fale mais destas situações.

A - (risos) ...Em que situações? Eu fico muito tranquila se eu estiver à vontade com pessoas que amo, pode ser numa mesa de bar ou em outro lugar, pode ser uma brincadeira, um jogo, até tratando de trabalho... através do humor. Se eu estiver em uma mesa com várias pessoas, estiver em uma interação, com pessoas que estão naturais e não apenas mantendo as aparências, vejo que me dou bem... às vezes saio com amigas antigas, com as quais me dou bem, somos sinceras, amizades de anos e conseguimos ficar à vontade, consigo viver situações mais simples, que trazem prazer natural, prazer da criança que estamos falando... não precisa ser apenas em determinado momento. Eu acho que a partir do momento em que você está com amigos de confiança e você sente interação com determinada pessoa, você se sente à vontade, por conta de um conhecer bem o outro, você pode ter liberdade para poder se expressar.

P - De que forma o brincar se faz presente hoje, em seu contexto de vida?

A – Olha, eu posso exemplificar o seguinte: eu trabalhei num lugar, onde teve uma pessoa que entrou bem depois de mim, que de certa forma, era subordinada a mim e era extremamente brincalhona e trabalhava “super” bem – trabalha até hoje, mas ela era tão sociável que se a gente não chegasse pelo menos uma vez por dia, virou uma amiga minha, nos déssemos um abraço e ríssemos das situações estressantes do local, não tinha graça. Eu acho que o que as pessoas não tem, por esta experiência, é a falta de chegar e dar um abraço no meio do dia, dar uma palavra amiga para um colega de trabalho, porque o ambiente de trabalho, por mais sociável, por mais interação que tenha, por mais confortável que seja, sempre tem um lado tenso... Se as pessoas pudessem interagir, conversar, ir tomar um café juntas, você pode descobrir que a pessoa está com algum problema, você dá um

apoio, dá uma força e ficar mais amiga da pessoa, haveria maior espaço para expor o que está sentindo para as outras.

P – E esse espaço você associa à criança dentro de cada um?

A - É, olhando bem dentro do fato, a gente sente falta de ter uma interação com as pessoas, não para chamar atenção ou competir, mas por uma necessidade de afeto naquele colega de trabalho... se ninguém brincar no meio do dia, fica ruim... falta riso...

P – E hoje você pratica isto na sua vida?

A – Na minha vida? (pausa)

P – Você brinca hoje na sua vida?

A- Na minha vida, hoje em dia eu não tenho brincado, nem liberado...nada. Não tenho dado risada junto com alguém.

P - Em que medida você se identifica com as crianças feridas ou abandonadas nas ruas?

Em que medida? Olha, eu não tenho contato com as crianças feridas e abandonadas nas ruas, o máximo que eu tenho é... (pausa para reflexão). Eu me identifico quando olho para uma criança pedindo alguma coisa no farol e penso que ela está sofrendo, que aquilo não é infância e que ela tem uma carência muito grande de amor, de afeto, de ser criança. O que posso dizer da identificação é que eu não faço ou não crio situações, porque muitas vezes a gente pensa que tem que vir dos outros...eu não crio situações para ser uma criança, para fazer este papel...

P – Explique melhor...

A - Aí vai depender do momento em que eu me deparar com a criança, eu vou olhar para e ver ... com o que me identifico... olho e vejo que ela está em carência e eu sei que este lado da carência da criança é um problema... porque a criança não precisa estar lá no farol, trabalhando desde os cinco, seis anos de idade...posso até chegar e dizer para ela “ Meu, como é que uma criança como você pode estar trabalhando numa hora dessas? “, “Ah, tia, mas eu tenho que vender tudo isto daqui, porque se

não minha mãe não me deixa entrar em casa”. Eu acho injusto, eu não aceito, eu não consigo concordar com isto.

P - Você consegue perceber sua criança interior depois do que falamos?

A - Eu acho que se eu for falar da minha criança interior agora, acho que ela sente muita falta de... não que ela não tivesse tido amor na vida, mas sinto que por conta de conceitos que a sociedade e a família nos colocam quando estamos crescendo, que aprendemos... eu acho que eu sinto falta da liberdade, no sentido de expor os meus sentimentos para as pessoas não somente lá de casa, de estar um pouco presa ainda. A minha criança não expõe tudo o que sente, porque além dela se prender, ela tem medo do que pode acontecer e é curioso porque no momento em que isto acontece, sobe um nível de estresse tão grande na cabeça que às vezes a gente explode e quando a gente vai cair na real, vejo que é tão simples o que quero e não consigo por para fora. No meu caso, eu não consegui colocar para fora porque eu queria ser aquela menina que queria obedecer, queria deixar o pai e a mãe contentes dentro das regras deles. Não que eu tenha tido uma educação rígida, mas é claro que eu cresci com medo de algumas situações, de coisas que aconteceram na infância e... (pausa) esta criança talvez não tenha sido mais espontânea por ter criado um mundinho, “não, eu sou a menina boazinha, que não faz isto ou aquilo e vou deixar papai e mamãe satisfeitos e felizes com a minha obediência” (expressão irônica).

P - Nos momentos em que você viveu esta espontaneidade, como você se sentiu?

A - Eu sinto que todas as pessoas erram, mas isso não consigo ainda deixar muito claro, muito tranquilo na minha vida, porque eu ainda busco algumas aceitações das pessoas com as quais eu cresci. E isso, por mais que eu possa dar minha opinião sobre vários assuntos, não iria conseguir expressar exatamente os meus sentimentos para algumas pessoas por conta de saber que as pessoas talvez não aceitem e eu não teria coragem de falar não, de fazer de qualquer forma, porque tem conceitos na cabeça das pessoas – não só dentro da minha casa – porque há conceitos que para mim são naturais, mas por conta dos outros não aceitarem, minha vida não é tão aberta. E assim eu sei de coisas na minha vida que ninguém sabe.

ENTREVISTA 2

B, 47 anos, casada, graduada em Serviço Social, atualmente cursa pós-graduação em Gestão de Pessoas. Trabalha em uma empresa prestadora de serviços.

Mora com o marido (executivo) e duas filhas (16, 22, ambas estudantes).

Submete-se a processo psicoterapêutico de orientação junguiana há 1 ano, demonstrando disposição cooperativa e idealista, porém com necessidade de reconhecimento pessoal e profissional.

No decorrer da entrevista, comportou-se de forma reflexiva, demonstrando discurso articulado na colocação de suas idéias, com sinais de surpresa ao pensar sobre seus comportamentos diante das situações, além de momentos de emotividade e choro ao final da entrevista, destacando ter descoberto o quanto deixou de brincar ao longo da vida e de que pretende retomar este conteúdo junto à sua terapeuta.

P- A partir da sua experiência pessoal, como é ser criança para você?

B – Acho que ser criança é a gente acreditar, é ter sonhos, é a gente experimentar emoções renovadas sempre, porque a criança, ela se renova... sempre, não importam os obstáculos que tenham, quando a gente é criança, a gente está sempre redescobrimo as coisas, o prazer das coisas, a vontade de realizar um monte de coisas. E a gente vai amadurecendo e às vezes aparentemente perde isso, né? Esse ímpeto de você se redescobrir nas coisas. Eu acho que isso é imprescindível para a vida madura da gente, a gente experimentar a criança que às vezes quer reacender que a gente até sufoca por conta de preconceito, de achar que a gente está tendo atitudes que não são adequadas à idade, mas não é bem isso, não. Eu acho que é poder criar mais, permitir essa criatividade da criança, esse aprender todos os dias que a criança se permite.

P- Você disse que a gente às vezes sufoca essa criança. Fale um pouco sobre isso.

B – Eu acho que a gente sufoca – eu digo isso por mim, porque você tem medo de dar vazão a algumas coisas quando o tempo vai passando. Você acha que você já não pode ou rir muito alto – um exemplo, fazer coisas que as pessoas falam: “Nossa, que atitude de criança”, que isso não faz mais parte da sua vida, né? Mais eu acho que eu tenho aprendido que eu tenho que liberar um pouco mais isso, permitir que a emoção aflore mais, que você se permita, sabe, ter devaneios... Sabe

aquela coisas de pensar: “Por que eu estou fazendo isso?”. Mas não precisa ter um porquê, tudo tem que ter um porquê, tudo tem que estar no planejamento, no racional? Então às vezes tem emoções, ações que vem de dentro da gente que é a criança que está aqui dentro ainda guardada, que por uma questão de casamento, de você já ter filhos, você acha que aquilo para você está vedado, não é uma possibilidade. E tem que deixar isso acontecer, é uma luta isso para mim (risos) .

P- Você falou que é uma luta para você. Como é essa luta?

B- Porque é a pressão mesmo do modo de viver, assim, me impele a sempre ter que ser mais racional, mais equilibrada, mais madura. Eu acho que não precisa ser assim, não tem que ser assim.

P- E você disse que tem aprendido isso agora na sua vida. O que motiva esse processo, nesse momento?

B- Eu acho que quando a gente começa a envelhecer, assim...você percebe isso mais nitidamente, depois dos quarenta anos. Porque antes a gente não percebe o envelhecer da mesma forma, né? Acho que quando passou dos quarenta, você começa a ser mais reflexiva e perceber que coisas que você dava muito valor já não são assim ... os valores vão mudando, você passa a ter uma visão mais reflexiva de que aquela coisa tem que ser assim, de que eu tenho que ser profissional, e para isso eu tenho que ter um comportamento x ou y ou z. E você vai amadurecendo, você vai percebendo que o valor, seja do profissionalismo ou você como pessoa, está em outras coisas, não está nessa rigidez de comportamento. Está no permitir – se ser você mesmo e você passar a ter uma qualidade de vida melhor.

P – Em que circunstâncias a sua criança interior emerge ou não na sua vida atual?

B- Em alguns medos (risos). Eu acho que tem situações de medo em que eu percebo a criança e situações com detalhes pequenos, como coisas da rotina de casa que eu percebo junto com as minhas filhas, que eu sinto que a criança vem à tona, que eu me libero mais. Quando eu me percebo rindo, por incrível que pareça, que é uma coisa que eu faço muito.

P- Qual relação você faz destes medos com a criança?

B- É ... (pausa) eu tenho um medo específico hoje, um medo, por exemplo, que surge de ficar sozinha ou quando eu estou no carro e tem aquele episódio de achar que o carro está se movimentando e eu fico sozinha e fico meio apavorada e quando criança eu tinha esse medo, medo de perder, de ficar sozinha, este medo me acompanha desde criança. Então sempre que eu tenho esses episódios de medo hoje, de perder pessoas que eu quero muito, eu me lembro quando criança com medo de perder meu pai, minha mãe, que era a minha estrutura, embora eu tenha superado a perda do meu pai de uma forma, assim, que nem eu mesma... (sinais de emoção, olhos brilham), podia acreditar que fosse assim. Foi um salto na minha vida, mas é... eu me lembro desta questão do medo quando criança comparando estes dois fatos.

P- Este medo de ficar sozinha te remete a estes medos infantis?

B – É.

P- Quando você fala que você ri em casa, com as suas filhas, como são esses momentos? Eles ocorrem em uma circunstância específica?

B- Não. Às vezes são coisas específicas... vou contar um exemplo... bobo... eu me lembro de coisas que eu estava na cozinha e tive vontade de fazer alguma coisa para a minha filha. Então eu perguntei para ela “Você quer bolinho de chuva?” (aumenta o tom de voz)

E ela saindo com as amigas e eu pensei: “Ela nem vai querer isso, faz tanto tempo que eu não faço bolinho de chuva, porque quando elas eram pequeninhas eu fazia muito isso e fazia os bolinhos com carinho, com letrinhas do nome delas, então falava... “este é T de Tânia, esse é T de Tamara” , então eu brincava muito com os bolinhos e com as letras, daí ela falou: “Eu quero, mãe!”. E daí eu fiz os bolinhos e por coincidência, mesmo sem querer fazer as carinhas, saiu um “T”, um bolinho torto que parecia um “T” e eu mostrei para ela e ela riu e a gente riu muito e eu disse: “Poxa, lembra quando eu fazia isso para você?”. Eu recordei que eu fazia as letras e foi um momento super descontraído, gostoso, de brincar com aquilo.

P- Como você expressa a espontaneidade no seu cotidiano?

B- É difícil. É uma pergunta muito difícil (reflexiva, manifestação de pesar). Eu não acho que eu sou espontânea. Eu não acho.

P- Em nenhum momento?

B- Muito pouco, muito pouco. Muito... isto é uma coisa... muito pouco. Às vezes quando eu falo com algumas pessoas, às vezes eu falo como B. Mas eu acho que com a maioria, eu não consigo ser espontânea (expressão de pesar).

P- O que te impede de ser espontânea?

B- O receio de se expor, de se mostrar mesmo. A gente cria estereótipos de moça boazinha e tudo aquilo, assistente social, tatatá, mas eu não sou boazinha, eu não sou boazinha (risos). Eu tenho um monte de coisas que são, assim, complicadas. Eu acho que eu tenho medo que as pessoas não me aceitem, é uma questão ainda que tem que ser revista. Então eu acho que a espontaneidade ainda falta e eu acho que preciso mudar isso.

P- E nos outros campos da sua vida, ela aparece?

B- Aparece um pouco com as meninas, com elas eu sou mais espontânea, eu falo um pouco mais as coisas que eu penso, que eu gostaria, que eu projeto. Nessa relação com elas e no profissional, quando eu falo dos objetivos, daquilo que eu gostaria de fazer. Aí tem uma verdade, que é construir alguma coisa que deixe um resultado, que deixe uma marca, que você possa agregar um valor. Mas eu acho que no âmbito pessoal isso é mais restrito.

P – De que forma o brincar se faz presente hoje no seu contexto de vida?

B- (tempo para reflexão) Incrível, eu não consigo me ver no brincar.

P- Você brinca?

B- Não, nada, eu não me lembro. Eu não brinco (reflexão).

P- Quando você parou de brincar?

B- (silêncio). Nossa, não lembro. Faz muito tempo...muito tempo. Eu ainda acho que brincava um pouco, mantinha isso, quando eu comecei minha vida profissional, eu ainda tinha aquilo de brincar com as crianças da comunidade carente, então eu criava alternativas. Daí sim, tinha que ter muita criatividade, a gente inventava coisas, brincava de esconde-esconde, amarelinha. Talvez brincava um pouco quando eu lia histórias para as crianças quando elas eram menores e de uns cinco

anos para cá, já não querem mais que eu leia histórias. Então eu acho que parou por aí... (ri)

P- Você tem vontade de brincar?

B- Eu tenho (enfática). Eu tenho vontade de brincar. Quando eu vejo pessoas, às vezes eu vejo reuniões de família, às pessoas brincando assim de jogos, assim, sabe, jogar baralho em casa, contar piadas, coisas assim (expressão espontânea, os olhos brilham). Antigamente tinha aqueles programas de televisão que tinha aquele negócio de você acertar as coisas, então ficava todo mundo na sala querendo acertar também, então eram brincadeiras e que hoje já não existem na minha vida. Hoje não me vejo brincando, infelizmente.

P – Em que medida você se identifica com as crianças feridas ou abandonadas nas ruas?

B- Eu acho assim... eu acho que é uma realidade difícil. Eu fui uma criança muito acolhida, assim, muito amada, eu não me senti abandonada pelo meu pai e pela minha mãe, né? Eu tenho recordações maravilhosas da minha infância, mas, assim, eu acho que a gente sempre pode fazer mais pelo outro, o problema é saber o como fazer isso, como poder ajudar as pessoas lá fora, mas eu acho que é mais um lado profissional, a questão da humanidade que a gente pode ter. Por mais que eu tenha uma sensação de solidão hoje, eu não acho que isto está vinculado a esta questão de ver, de me achar abandonada, eu não consigo me ver abandonada na minha infância.

P- E essa sensação de solidão que acontece hoje na sua vida, você atribui a algo?

B- (tempo) Meu pai e minha mãe se mudaram e eu era nova ainda. Eu fiquei sozinha lá no interior e eu acho que eu queria ter ficado mais com eles, talvez seja isso ou também o fato de que eram muitas filhas, então assim no fundo, eu acho que ainda é uma questão que não é clara, mas eu achava que tinha uma preferência sempre pela mais velha, eu acho que aí tem algum fundo nisso. Eu sempre achei que meu pai sempre acolhia minha irmã mais velha (fala cautelosa).

P- Você tem uma irmã mais velha?

B- Uma irmã mais velha. Eu sou a segunda e três mais novas. E assim a preferência que eu me refiro era sempre pela mais velha e também pela mais nova, entendeu? Embora eu sempre sentisse do meu pai um carinho diferenciado do que da minha mãe. Minha mãe era mais igual para todas, mas meu pai tinha mais um respeito pela mais velha, ouvia a mais velha, eu era a rebelde (ri), muito rebelde.

P- Você era rebelde quando criança?

B- Mais quando adolescente. Eu achava que eu podia tudo, eu não tinha medo de nada, assim... queria viver as coisas queria fazer coisas diferentes, achava que o mundo não tinha limites e tinha isso... naquela época, eu não podia ir na igreja na hora que eu queria, eu tinha que pedir autorização para o meu pai. Eram coisas simples que eu queria fazer, mas meu pai e minha mãe não achavam isso, eu tinha que seguir aquelas regras.

P- Você percebe como aconteceu este processo, entre a adolescente destemida e a adulta que tem medo de ficar sozinha ou os outros medos?

B- Eu acho que eu sufoquei isso, por isso da espontaneidade. Você vê que uma coisa eu acho que tem a ver com a outra, porque você vai se tolhendo, vai dizendo não, eu não posso, não posso, não posso. E no casamento teve o mesmo episódio, um episódio em que eu definia, as coisas eram do meu jeito, mas depois houve um retrocesso nesse processo. Até no casamento, eu era menos submissa e passei a ser mais submissa, então o episódio se repetiu. Então aí tem algo, uma história se repete...

P – Se você pudesse representar esta criança interior em uma imagem, qual seria?

B- Tem uma cena da Tânia e da Tamara pequenininhas, rolando no chão da sala, brincando. Eu tenho uma foto deste momento. Eu amo essa foto (enfática). Para mim, aquela é a expressão máxima da liberdade, de você rir assim sem limites, sem preconceito com aquilo que você está fazendo, assim... elas estavam vestidas à vontade, do jeito que elas queriam. Então aquela foto para mim é a expressão mesmo da criança.

P- Há uma vivência sua da criança interior que tenha sido especial?

B- Teve assim momentos que foram bem alegres... eu me lembro, teve uma homenagem em uma empresa que eu trabalhei, assim... em que eles fizeram uma festa para mim... aquilo foi maravilhoso (se emociona), porque eu nunca esperava um momento daquele, ser reconhecida... foi assim... eu fiquei muito alegre naquele dia, foi um momento que eu brinquei, que eu cantei, que eu me diverti, sabe? (expressão de alegria)... E como esse negócio de cantar, que era uma coisa que eu gostava muito, nesses momentos em que eu fazia apresentação com o grupo para os outros, era um momento de manifestação da criança.

P- Você cantava?

B- Cantava, cantava muito, cantava sozinha e cantava no grupo da empresa, que se apresentava quando vinham pessoas de fora, né? Cantava com a minha prima, muito com essa minha prima que faleceu, a gente cantava muito em dupla. Então, era assim muito gostoso, a gente fazia duetos e era muito (enfática) bom, muito bom...

P- E você parou?

B- Porque eu acabei achando que sozinha era mais difícil para cantar e acabei me afastando um pouco disso, mas era uma coisa que eu preciso retomar. Eu acho que faz bem, me ajuda a brincar, no fundo é isso. Porque a música é isso. Você cantar te permite um monte de coisas, criar.

P- Você deseja acrescentar alguma coisa ?

B- Eu fiquei surpresa com a entrevista, me trouxe uma reflexão que eu não esperava, mexeu comigo (emocionada) .

ENTREVISTA 3

C, 49 anos, casada, graduada em Psicologia. Trabalhou na área organizacional por vários anos, mas há cerca de 12 anos dedica-se exclusivamente à área clínica.

Reside com o marido (administrador de empresas), não tem filhos e atualmente não está em processo psicoterapêutico.

Denota contato interpessoal simpático, privilegiando o aproveitamento dos momentos que a vida lhe proporciona da melhor maneira, com sinais de alegria, comportando-se de forma tranqüila e ponderada. Colocou-se de forma acolhedora com relação às questões abordadas, mas evidenciando preocupação em efetuar contribuições efetivas à pesquisa.

P - A partir da sua experiência pessoal, como é ser criança para você?

C - Como é ser criança? Eu acho que é uma alegria, é...é...o lado lindo...ser criança, engraçado. Para mim, ser criança é ser arteira, no bom sentido, brincalhona... correr , subir em árvore, dançar... acho que é este aspecto de ser criança. É por aí?

P- Quando você diz isto, está pensando na criança que você foi ou que você é hoje?

C - Na criança que eu fui e na criança que eu sou hoje. Por exemplo, quando eu estou com os meus sobrinhos ou quando eu estou com outras crianças, eu vou para o chão, eu dou uma de louca, fico descabelada...invento coisas, jogo a fantasia, eu solto coisas... então eu acho que a minha criança é criativa, é solta. Mas também há lembranças que eu tenho de, por exemplo, ser muito acalorada, às vezes irritada... minha mãe queria que eu experimentasse roupa e eu não queria ou também impaciente, de comer bolo quente, que acabou de sair do fogão e eu já comia o bolo... e então eu lembro disso... eu fui uma criança assim agitada, calorenta, de querer brincar sempre..

P - Em que circunstâncias sua criança interior emerge ou não em sua vida atual?

C- É justamente nestas situações quando estou com crianças, ela emerge facilmente ou então quando estou em uma situação às vezes tensa ou chata, onde as pessoas estão de mau humor... aí eu sou muito brincalhona, aí acho que... mas não sei se é a criança ou uma adulta bem humorada... não sei diferenciar isto...

P- Quando você está com crianças, o que você percebe de diferença em você?

C- Que eu estou muito mais livre, que estou muito criativa, que eu me permito ser irreal até, falar bobagens, quando estou com crianças. E aí eu estimulo elas a saírem da crítica... eu invento línguas, tento brincar de jeitos diferentes, faço mímica... eu me expresso muito com o meu corpo. Eu acho que nesta hora eu me permito fazer coisas que não faço como adulta. Mas com criança eu posso ser , sei lá, sem lógica, sabe, eu posso dançar se eu quiser, eu já dancei no Embu, levei minha sobrinha no meio da praça e dançamos...eu estou sempre dançando com ela, livre... e meus irmãos, meu pai me chamando...sabe, eu não estou nem aí...então nessa hora a criança emerge com muita facilidade.

P - E com os adultos, como é?

C – Quando eu solto essa criança? Eu me sinto diferente porque sei que a maioria desses adultos não fazem isto, mas não me sinto nem criticada, nem envergonhada, nem parte disto, porque eles são diferentes. Assim, por exemplo, algumas amigas minhas também fazem isto, mas brincam com crianças de uma forma mais educacional e eu brinco como se fosse criança (expressão facial alegre)... eu grito com elas brincando, já inventei uma brincadeira em que minha sobrinha fazia birra comigo, ficava brava, muito brava e eu ficava peitando ela...e nessa hora eu sei o que estou fazendo, mas ajo como criança. Se ela pega alguma coisa que eu não gosto, eu pego o brinquedo dela e digo: “Isto aqui é meu”..

P- Como você expressa sua espontaneidade no cotidiano?

C - Ah, eu acho que eu sou muito espontânea (pausa), assim, eu sou transparente se eu gosto ou se eu não gosto da coisa... eu acho que eu

sou...assim... eu sou risonha, eu deixo isto vir com facilidade, acho que eu sou uma pessoa espontânea na maioria do tempo. Em algumas situações mais formais eu relevo, sou seguro um pouco, mas para mim é natural. Não sei se eu te respondi...

P - As pessoas te vêem assim?

C - Normalmente me dão um feedback assim, falam que eu sou espontânea... às vezes me falam que eu sou transparente, no rosto pelo menos, porque tem situações... (pausa para reflexão) vou te responder ao contrário, talvez te ajude... quando eu não sou espontânea? Quando eu não confio na pessoa, quando a pessoa que está ao meu lado tem uma energia que não bate com a minha, ou de inveja ou me olha torta, aí eu me fecho mesmo. Aí é social, sou apenas sociável e aí não sou espontânea.

P - De que forma o brincar se faz presente hoje, no seu contexto de vida?

C - Como criança? No geral?

P - Você brinca hoje?

C - É, eu brinco, eu brinco. Eu brinco com adultos, só com adultos, eu brinco quando estou com crianças, eu brinco no meu trabalho, às vezes quando está muito pesada a situação. eu dou uma risada, faço uma brincadeira, começo a brincar... eu brinco até se eu for num parque para caminhar, de repente eu vou atrás de um pássaro, que nem criança que vai correr atrás da pomba, eu brinco...

P - Com os adultos, seus amigos, você também brinca? Qual a diferença de brincar neste contexto?

C- Às vezes é brincar mesmo, jogar jogos de mímica, jogos de desenho, às vezes a gente brinca muito em família, meu pai, minha mãe... a gente brinca, por exemplo, de jogo de memória, aí a gente brinca, eu brinco tirando sarro dos meus amigos, do meu marido... "Oh, olha aí...você está se achando", "meio gozando", e eles brincam comigo também. Por exemplo, tem amigos meus que a gente fica uma noite inteira juntos e a gente fica tirando sarro um da cara do outro e até o outro falar "chega, pode parar com isto". E é uma

coisa que eu levo bronca (enfática)... E é uma coisa que eu levo para onde eu frequento e as pessoas também fazem isto comigo, tá? Agora tem dias em que eu acordo séria, mau humorada e aí eu não consigo ter humor também, eu fico “meio torta” e as pessoas falam “tá mal, tá azeda”... porque na maioria das vezes, mesmo que eu estiver preocupada, eu rio com facilidade, mas se eu estiver meio azeda, meio invocada, aí as pessoas podem fazer a brincadeira que quiserem... por exemplo, meu marido faz uma brincadeira pequena naquele dia, aí ele já toma “uma pimba”...

P – Em que medida você se identifica com as crianças feridas ou abandonadas nas ruas?

C- Esta pergunta é difícil...(reflexão) por exemplo, se eles estão no farol fazendo malabares, eu criei uma casca bem de proteção, eu não sinto nada. Mas se eu vejo crianças muito pequenas, por exemplo, ou menorzinhas, ou com mães ou pais numa situação , sei lá, tentando explorar essa criança, ou fome, aí eu fico muito penalizada e aí compro lanche, compro pastel, por exemplo, até com crianças em farol, estou andando com muitas pessoas no carro e para a maioria a reação é brigar, “Não limpe o vidro” (fala brava) ... aí eu brinco, converso, “você vem sempre aqui? E não sei o que...” Eu brinco. Então, me dói demais, numa noite fria, de madrugada, se estou voltando para casa e vejo uma criança dormindo na rua, acaba minha noite, eu fico mal...

P – Você falou sobre a exploração. Neste caso, como você se identifica?

C- É que eu acho que a criança não deveria estar ali... então acho que com a criança, nunca parei para pensar nisso...me dá uma bronca, me dá uma raiva muito grande (momento de exaltação) se eu vejo uma criança aqui pedindo esmola num farol e a mãe ou mais duas pessoas adultas ali há 20 metros, sentados no chão fumando ...

P- Se você estivesse no lugar dessa criança, o que você gostaria de fazer?

C- Com esse adulto? E acho que eu iria brigar, porque eu fui uma criança briguenta. Eu acho que eu ia tentar brigar, brigar, dizer que eu não queria pedir esmola ou que eu queria estar em outro lugar, não sei... nunca me coloquei nesta situação, é difícil...

P- Se você pudesse representar sua criança interior através de uma imagem, qual seria?

C – Legal... (tempo pensando) seria um pônei curioso... um cavalinho, não um pônei da raça pônei, mas um filhote, um cavalinho curioso e querendo correr, correr pelas rapinas, pelas colinas... seria um cavalinho no vento, no vento, querendo correr...

P – Há algo que você gostaria de completar?

C – Tem algo que eu acho que poderia te acrescentar aí. Quando eu me lembro da minha infância há duas ou três imagens que me marcam muito: eu brincava sozinha – eu brinquei muito sozinha e brincava assim com bonecas e até quando eu entrei na faculdade eu tinha coisas de boneca... e aí também eu brincava com todas as crianças da rua... todas as crianças menores, eu contava histórias... tem foto com cinco dez crianças em volta de mim e eu contava estórias para elas , que eu inventava. Esta é uma imagem...

Outra imagem é que eu era calorenta, eu ainda sou calorenta, sempre passei muito calor e não podia abrir janela, então eu passava muito calor.

E outra imagem é que, quando eu lembro hoje algumas coisas, ou eu comia demais ou tinha muita fome, muita ansiedade, hoje eu entendo, porque toda vez no almoço ou no jantar era assim: “C, pare de comer; C. já comeu, C. Pare de comer” e para o meu irmão “Come mais, você não come, é difícil você comer” e depois quando acabava o almoço eu me lembro várias vezes eu de ir na cozinha escondido e comer dentro da panela o que eu não podia ter comido. Não sei se isto agrega ou acrescenta... mas aí eu comia escondido.

P – Você achava que comia demais?

C – Sei lá, eu queria comer, comer, não sei.. hoje eu paro para olhar isso e ver o que era isso... e assim, o meu irmão era magro feito um palito e você tem que comemorar isso e comigo era “pare de comer, você já comeu demais” e eu lembro que isto era meio freqüente...

P – E o calor, o que representa isto para você?

C – É sempre um incômodo, eu não gosto de passar calor até hoje, a minha mãe costurava, ela queria fazer uma roupa para mim e eu não deixava ela experimentar a roupa em mim, de tanto calor. Pinicava, grudava... “Tira, mãe, tira”. Então é sempre um incômodo e como eu corria muito, eu sempre fui correr, sempre criada em sítio e então eu vivia vermelha sempre e todo mundo falava “Ai, como você está vermelha!”. Eu suava. Eu tenho imagens de fazer educação física às quinze para uma da tarde, em pleno verão, todo mundo olhando em volta da quadra, eu arrancava a saia, aquela saia horrorosa lá, de tanto calor, de tanta raiva daquela saia... então eu sempre achei que é ruim, é muito ruim passar calor, até hoje. Quando eu era criança, era mais...(risos)

P- E quando você fala do querer comer, querer conhecer, como você vê isto hoje na sua vida?

C - Hoje isto não permanece, hoje eu como menos, hoje eu sou muito mais consciente do que eu como, porque já sofri muito de enjôo, enxaqueca, hoje eu regulo muito o que eu como. Mas quando eu olho isto lá atrás, penso: “Poxa, eu devia ser muito ansiosa ou eu estava com ciúmes do meu irmão ou não sei o quê, não sei exatamente o que, que os meus pais na época não viram”.

P- Isto te fazia mal?

C – Não, eu nem tinha consciência disso, eu queria comer e quando eu me lembro de ir na panela, lá, escondido, a minha mãe e todo mundo tirava a mesa e quando todo mundo já tinha saído, eu ia lá e pegava o que tinha ainda na panela. Então quando eu lembro disso, eu digo; “Gente, como eu era ansiosa, o que eu tava querendo dizer? “, mas não me incomodava em nada. O que eu associava era, olha só, minha vó uma vez me viu comendo na panela e disse: “Ah, quem come na panela, chove no dia do casamento”, mas isso... o pior que choveu mesmo... mas pronto, não tinha significado ruim para mim, era ruim porque eles brigavam comigo para eu parar de comer e então às vezes eram tensas as refeições, né?

P- Você disse também que brincava sozinha. Você aprendeu a brincar com as pessoas depois?

C- Sempre teve as duas crianças juntas... meus pais nunca deixavam a gente ir para a rua sozinhos, eu era a única menina, os meninos brincavam de uma coisa, eu brincava de outra, eu aprendi a ficar sozinha quando não tinha nenhuma amiguinha e eu ficava horas fantasiando, brincando, montava as bonecas, eu ficava bem... e ao mesmo tempo, eu sempre fui sociável, por exemplo, se tivesse outras crianças, eu sempre fui cuidadora de crianças. Eu tinha nove anos, cuidava das que tinham seis. Se eu tinha onze, tinham crianças de oito, nove, dez comigo. Então, por exemplo, a gente ia em festas, em churrascos, eu trazia as crianças para perto de mim e os pais levavam as crianças para perto de mim e isso é até hoje. Onde eu estou, as crianças estão junto. Então há as duas coisas: tanto eu estava bem com as crianças, quanto eu estava bem sozinha. Eu não me sentia solitária, eu adorava ficar sozinha. Às vezes eu brincava com os meus irmãos no quintal, eu fazia sopinha para eles. O que a minha mãe fazia em casa, eu fazia. Então eu fazia sopinha com verduras e eu ralada tijolo, quebrava o matinho assim, punha no calderãozinho que eu tinha, um calderãozinho de plástico e fazia sopa de feijão com verdura. É igualzinho (risos), ficava brincando lá, comia azaléia, mato no quintal.

P – Você identifica algum momento da sua vida em que você não tenha usado sua criança?

C- Ah, não sei...

P- Você acha que em algum momento da sua vida você perdeu esta criança?

C – Eu acho que teve um momento da minha vida que foi muito difícil, quando eu estava com um ex-namorado que ele tombou um carro, que era o meu carro, com quatro mulheres dentro, e depois ele me chantageou com umas fotos que eu tinha tirado com ele, enfim. Me chantageou com os negativos na mão, com dinheiro, uma coisa assim... Nesta fase da minha vida, eu acho que eu fui muito amarga, muito dura com as coisas que estavam vindo, eu não tinha contato com minha criança. Porque naturalmente eu sou assim, eu suavizo as coisas pesadas com a brincadeira, sem ser infantil... eu tento

sempre : “ah, vamos brincar, vamos dar risada disto”. Fui aprendendo, né, mas nessa fase eu nem tinha contato com ela, se for olhar por esse ângulo...

P – E quando você retomou este contato?

C – Eu acho que depois disso, depois que eu me curei um pouco dessa separação, eu fiquei só, sem namorado um bom tempo, uns dois anos e meio, por aí. E então eu fiz tudo o que eu queria, fui morar sozinha, pagava as minhas contas, viajei muito, aí então a minha liberdade veio, eu fiz muita terapia, muito workshop, muita viagem e fui me curando neste sentido... e ela foi naturalmente voltando, eu tive então contato mais próximo com a criança, eu acho, né, porque eu nunca parei para pensar nisso...

ENTREVISTA 4

D., 42 anos, casado, graduado em Análise de Sistemas, pós-graduando em Tecnologia, trabalha em uma empresa de informática como administrador de banco de dados.

Reside com a esposa (gerente de vendas) e os dois filhos (5, 2). Teve síndrome do pânico há 7 anos atrás, quando realizou tratamento médico e psicoterápico por aproximadamente 1 ano. Comentou ter efetuado algumas mudanças em sua vida desde então, considerando-se uma pessoa responsável e de fácil relacionamento. Recentemente abriu um pequeno negócio, conciliando-o com o emprego atual.

Denota discurso várias pausas em seu discurso, mas discorreu sobre o tema com bom humor e serenidade, evidenciando colocações firmes e utilizando-se de exemplos para explicar seus pontos de vista.

P- A partir da sua experiência pessoal, como é ser criança para você?

D - Hum... eu acho que não mudou nada relacionada com a idade. Eu continuo fazendo coisas parecidas, mas o que muda é... é que agora, as pessoas, em função do local em que você está, é... algumas coisas são proibidas e então você não pode estar extravasando. Em relação à criança, então, eu acho que não mudou muito, eu continuo sendo divertido, consigo dar risada, dou risada no local em que eu estiver e acho que se eu consigo levar esta criança para o âmbito profissional, eu me sinto bem, eu acho que as pessoas se sentem bem, mas assim, você tem saber que em determinados momentos você não pode passar dos limites, porque você tem que estar trabalhando. Então, é um momento que todo mundo tá descontraído, tá conversando de algum assunto que pode levar para o lado cômico, aí então eu aproveito a situação para ver aquela criança, né?

P- Quando você falou sobre a alegria da criança, fale um pouco mais sobre como é esta criança, como você sente esta criança dentro de você.

D- Eu acho que ela está dentro de mim, mas eu acho que não sei dizer internamente, o meu lado criança... mas o que eu consigo é causar nas outras pessoas, provocar o lado criança nas outras pessoas. Tem pessoas que mesmo sendo mais tímidas, com receio de (pausa)... de estar se soltando um pouco mais,

ela fica de escanteio e não fala nada. E quando eu vejo, eu, de observar outra pessoa, uma, duas ou três pessoas e o meu lado criança leva muito para a imagem... Então quando eu estou falando de uma coisa que traz o lado criança é como se eu estivesse vendo aquilo que está acontecendo. Pode ser uma bobagem, mas aí você já leva para um caminho em que a imagem acontece e essa imagem.. eu vejo que estas pessoas também percebem...

P – Como assim?

D – Eu vejo que elas captam a imagem, ah... como eu posso dizer, sei lá... às vezes no trabalho eu levanto e vou até a janela, trabalhando e passa uma pessoa lá embaixo, como tem um albergue do lado, tem muita gente engraçada, pessoas normais que só vem comer, pessoas que tem algum problema psicológico mesmo e então em cima daquele problema psicológico às vezes está com a camisa de um time, então você fala: “Ó, tinha que ser...ó, pode ser até o meu..” E aí dentro daquele momento que vira uma cena diferente, se eu puder, se eu ver que tem alguém ali que pode dar risada junto, então eu levo, então aí, lógico, sem atrapalhar... e aí em cima daquele ambiente se monta como se fosse um teatro, em que você começa a imaginar... imagine este cara no estádio, fazendo tal coisa, com esta roupa, os outros tirando sarro, a outra torcida vendo... então isto forma um filme na minha cabeça e na cabeça da pessoa.

P – Você está dizendo que este lado criança, para você, tem a ver com alegria e também com imaginação?

D- Sim, com imaginação, completamente, é pura imaginação, pura imaginação.

P- Como você se sente, quando ele acontece?

D- Olha, eu me sinto bem porque às vezes assim, em alguns momentos, eu andei percebendo que isto acontece muito em momentos de tensão. Se há uma tensão de uma situação de trabalho, pessoal, um negócio novo, aquela tensão que está pegando mesmo, então parece que é uma válvula de escape para aquela tensão amenizar um pouquinho, parar, pensar, ajudar para raciocinar, eu acho que é isto...

P – Em que circunstância a sua criança interior emerge ou não na sua vida atual?

D- Ela emerge bastante relacionada com os meus filhos... bastante (enfático), é... tem o lado de pai, que você... porque eles não têm limite, mas tem um momento que eu tô lá com eles no chão, jogado no chão e eles pulando em cima de mim e rola prá lá, rola prá cá, e vão fazer isso, vão fazer aquilo e então assim ela emerge bastante, neste momento eu acho que é quando ela mais aflora, mas aí tem uma hora que eles já não conseguem mais, eles acham que eu sou irmão deles ou criança e aí tem que parar, falar não, chega, acabou e tal, né, isto é um longo tempo, mas você tem que falar. Às vezes eles levam isso para outra pessoa, eles acham que uma outra pessoa também vai fazer do mesmo jeito, se meu pai faz... mas não é, né? Então aí eu tenho que puxar e falar, não é assim, é só com o papai, tal, com a mamãe, brincar, tal, mas não é com todo mundo, nem todo mundo gosta...

P – Nesse momento em que você brinca junto, como é que você se sente?

D – Ah, uma criança. Completamente sei lá... Meus 42 anos, não sei para onde vão neste momento (risos). Eu acho que é isso que dá muita força, muita força para você pensar que você tem responsabilidades absurdas, ainda mais no mundo de hoje, as responsabilidades aumentam e acho que eu gosto disto, de ter mais responsabilidades. Até conversando assim com algumas pessoas, eu não me sinto tranquilo se eu não tiver um desafio e então eu levo esse desafio com muita perseverança porque eu quero, quero, eu quero e vou (enfático) ...então é, isto é muito pesado, é uma carga pesada e esse lado criança faz dar uma amenizada nesta parte, que é completamente responsabilidade. Me vejo brincando até com situações com a minha mãe, coisa que nunca aconteceu, nunca aconteceu (pausa para reflexão)...assim, que eu me lembre e a gente brinca com situações juntos. E eu percebo que minha mãe também é assim, também brinca muito com os meus filhos, comigo também e tem brincadeiras que não tem nada a ver e ela fica fazendo.

P- Isto já acontecia antes?

D- Não, não acontecia antes porque, não sei se era por causa do tempo... acho que ela levava mais para o lado da responsabilidade, que ela tinha que passar, das obrigações, do que era certo, do que era errado, então agora ela não tem mais esta preocupação, sou adulto. Então acho que ela se solta mais e em função dos filhos, ela se solta completamente e então acabaram acontecendo brincadeiras que não aconteciam e aí você lembra de coisas da sua infância...

P- Que coisas?

D- De que não tinha isso, ver minha mãe deitada no chão, com as pernas para cima com os meus filhos (ri) , isto foi uma novidade assim que eu nunca imaginei na minha vida... e eu falei “Mãe, o que é isso?” E ela falou : “Estou brincando com os meus netos” e eu disse: “Ah, quer dizer que com os netos pode, com os filhos não?” Aí ela falou “Com os netos sim?”. E eu: “ Porque com os netos sim, com a gente não?” Ela não soube explicar, mas acho que ela tinha uma preocupação com que tipo de pessoas ela ia formar,né? Eu acho que a gente vai formar pessoas dignas, mas não dá para saber porque eles são muito pequenos, mas isso não impede de eu deitar no chão e também por as pernas para cima junto com eles, brincar de rolar. Não sei se era a época, não sei...

P- Em que momento você muda a história quando brinca com eles e fala “agora chega”?

D- Em que momentos? Eu acho que quando extravasa. Você tá brincando lá no chão, aí um vai tacar almofada no outro e fica aquela bagunça, aí eu pego alguma coisa que não tem nada a ver, um DVD ou alguma coisa e acerta um ao outro, ou eu, aí então você fala: “Não, este tipo de brincadeira não pode, não pode brincar com isso daí”. E aí neste momento quebrou, quebrou um pouco daquela sintonia, se estiver um jogando coisa no outro, um machuca, um chora, acabou, mesmo sendo comigo. Se eles acertam em mim alguma coisa que não deveria, você muda, aí você tem que ser o pai, tem que corrigir, aí um não quer mais brincar e aí vai acabando. Mas isso vai, volta, vai e volta.

P – E em que situações da sua vida você não expressa essa criança?

D - Ah, acho que quando há uma discussão ou uma situação que não está resolvida, aí não tem jeito. Eu não consigo, eu não consigo disfarçar que eu estou chateado, bravo, ou que eu estou analisando. Eu paro e vou analisar, eu faço como se fosse uma regressão desde o início da discussão para saber se eu tenho ou não tenho razão, então é meu momento de silêncio, eu sou capaz de ficar, assim, isto mais em casa, até uma semana sem falar com a pessoa. Parece que é um orgulho, uma série de coisas, deve ter orgulho também, mas eu fico quieto, analisando, é assim o meu momento de analisar e aí diminui um pouco esta criança. Tem alguns momentos,

mas eles são muito curtos. Eu tenho que estar bem , muito bem para expressar a criança. Se tiver, vamos supor, uma discussão, se for uma preocupação muito grande, muito, muito grande, aí não consigo, não consigo disfarçar.

P – Como você expressa a sua espontaneidade no cotidiano?

D- Até observando, qualquer situação é motivo para eu trazer isso. Do nada, eu trago. Algumas coisas que acontecem é que nas falas das pessoas eu levo isso para um duplo sentido, mas com muita facilidade (gargalhada) . Muita facilidade e aí as pessoas até acham, no trabalho, até em casa, com a minha sogra, eu uso este duplo sentido e aí vira sacanagem, todo mundo acha que eu sou um sacana (risos) e aí as pessoas vão junto comigo, embarcam, dão risada. Às vezes eu estou fazendo uma coisa muito séria e as pessoas olham e dizem: “Olha, o D. tá aí, que será que ele pensou?”. Quer dizer, elas querem que eu leve isso para outro sentido para todos darem risada, coisa do gênero. Eles já esperam e tem outras pessoas que ficam com medo, com receio de falar alguma coisa e eu levar para outro sentido, “ele vai tirar sarro de mim, ela vai falar que tem alguma coisa de sacanagem no meio”.

P – De que forma o brincar se faz presente hoje, no seu contexto de vida?

D- O brincar, ultimamente não tenho tido tempo para o brincar, meu contexto de vida está... estou em falta com muitas pessoas, muitas pessoas... (pausa) Inclusive até minha esposa mesmo acha que tem uma coisa errada e não tem nada errado. Mas é porque não tem tempo e aí fica difícil, esta criança fica ali, distante. E como com ela (esposa) eu não passo o dia inteiro, então ela não sabe que não mudou nada, que é só uma fase porque acho que há 7 anos atrás, quando eu tive síndrome do pânico, eu aprendi que eu tenho que gostar de mim e gostar de você mesmo implica em fazer muita coisa para você e isto as pessoas não entendem, então até a parte criança você leva com você ali e se ela não está presente, ela não vê, então ela questiona: “Comigo não, comigo não tem brincadeira?”. Então esta criança fica escondida, porque não dá tempo. E aí você tem que resolver as coisas que dá para resolver, então a criança fica ali, mas tá lá.

P- Você sente falta disso?

D- Ah, sinto, porque eu adoro dar risada, adoro ser criança.

P- De que você gosta de brincar?

D- Eu gosto de brincar de tudo, eu não gosto de deixar ninguém em paz (risos). Eu gosto de brincar com as pessoas. Pessoas que eu tenho intimidade eu mexo mesmo, balanço a pessoa, para ela ver que ela tem um lado criança também, que ela pode brincar, pode dar risada, ela pode deixar uma dificuldade de lado, ela esquece, faz pensar diferente de uma preocupação que ela tinha.

P – Sua expressão sempre foi assim ou ela mudou ao longo do tempo?

D- Eu acho que ela mudou, na verdade é estranho falar isso, não sei nem como expressar isso, mas parece que é uma criança que amadurece, pelo menos com algumas pessoas amadurece, você não consegue ter o mesmo tipo de atitude, porque as pessoas te vêem diferente. Você faz uma brincadeira para alguém que não está esperando, ela pensa: “Nossa, como é que ele é desse jeito?” No trabalho, já aconteceu várias vezes, das pessoas não saberem que eu era daquele jeito, que eu dava risada, que eu brincava com todo mundo, eles acham que eu sou muito sério, muito sério e é muito ao contrário.

P – Quando você era criança você brincava desse jeito ou isto foi mudando?

D- Eu não lembro muito assim, acho que eu não brincava tanto, eu aprendi. Eu acho que eu não analisava isso, eu brincava como toda criança, eu era muito medroso, muito protegido pelos meus irmãos, porque eu era o caçula. Eu acho que eles me protegiam demais e eu tinha muito medo de muitas coisas. Então a criança tinha mais medo de brincar. Eu brincava de bola, mas a gente fazia muita arte. Eu acompanhava tudo o que os meus irmãos faziam. Meu irmão mais velho, nem tanto, porque ele era mais sério, mas o do meio aprontava um monte de coisas e eu acompanhava ele. Soltar pipa, pular de cima do telhado no chão, num matagal que tinha lá e como a gente não tinha recursos, qualquer coisa era brincadeira. Briga também, briga, brincadeira. Mas eu acho que eu ficava mais protegido por causa dessa brincadeira.

P – Você associa este retorno do brincar a alguma fase da sua vida?

D- Eu acho que, pensando agora, que é porque eu fiquei livre, não livre deles. Eu tenho que me proteger, eu tenho que viver, eu tenho responsabilidade sobre outras pessoas e eu tenho a liberdade de brincar, sem depender de um brinquedo ou de

uma conversa com uma outra pessoa para trazer esse lado. É uma criação, é imaginação, é pura imaginação sempre. Então esta criança ficou mais livre para fazer o que ela quer.

P – Em que medida você se identifica com as crianças feridas ou abandonadas nas ruas?

D- Olha, eu nunca tinha parado para pensar nisto até que uma colega de trabalho tinha tido filho – eu não tinha filho ainda – ela via uma criança na rua e chegava no trabalho chorando, aí eu perguntava : “Por que você está chorando?” . “Ah, porque eu vi um menininho, não sei o que...”. Aí eu falei: “Normal, isto já tiha, você nunca tinha percebido?” Aí eu percebi porque era porque ela teve filho. E agora eu tenho dois filhos e isso aconteceu comigo várias vezes e eu não vejo agora como abandonado e sofro porque ela está abandonada, eu me vejo , assim relacionado com algumas crianças que tiverem muita dificuldade e a dificuldade não é a de brincar. A dificuldade financeira pega muito quando você é criança, porque você tem exemplos. Você mora numa rua legal, só que a casa é de aluguel, tudo bem, mas e quando os vizinhos ou todos os vizinhos tem uma vida razoável e você não tem? Na verdade eles chegam na escola com um livro e você não chega porque o seu pai não tem dinheiro para comprar, então isso é ruim. Então eu me identifico quando eu vejo alguém que tem uma situação diferenciada financeira e não pode fazer alguma coisa. Graças a Deus hoje meus filhos podem. Então quando eu vejo isso, eu lembro da criança que tinha essas dificuldades.

P – Essa criança é você...

D- É, eu (afirmativo) e se eu posso, eu ajudo. Não ajudo com alguma coisa material, mas eu ajudo, eu faço ela dar risada, eu vou ser uma criança próxima dela, vou conversar, vou perguntar coisas, vou querer saber coisas da vida dela, isto até no farol já aconteceu. Mas eles não sabem muito também, eles não sabem nem o que está acontecendo com eles, dependendo da idade. Eles só ficam observando aquilo, algumas coisas respondem, outras tem vergonha de responder, isto quando eu posso me aproximar. Quando não, só observo e penso: “Nossa, será que é muito parecido comigo, quando criança? “

P – Se você pudesse representar, através de uma imagem, sua criança interior, qual imagem seria?

D- Imagem? Num desenho? Não consigo pensar... Ah, acho que é um sorriso bem grande, que todo mundo olha e começa a sorrir só de olhar começa a dar risada, porque é diferente, sei lá, é extravagante, é cômico, como um desenho em que as pessoas olham e dizem: “ É horrível isto daí, mas dá vontade de rir”. E dá. Eu acho que é assim a representação, da alegria e a gente pode rir de qualquer coisa.

P- Você quer acrescentar alguma coisa?

D- Acho que eu gostei desta entrevista, bem legal. Nunca ninguém tinha me perguntado nada assim.

ENTREVISTA 5

E, 40 anos, graduado em Letras, trabalha como comprador em uma empresa administradora de condomínios.

Reside com a esposa (Líder de costura) e não tem filhos, sendo este um desejo do casal, motivo pelo qual sua esposa encontra-se em tratamento com este fim.

Nunca foi submetido a processo psicoterapêutico e se considera uma pessoa tranqüila, voltado aos amigos, mas também introspectiva, já que possui hábitos de leitura de biografias e grande interesse pelo estudo da história da música popular brasileira.

Durante a entrevista, demonstrou discurso afeito ao uso de analogias e metáforas como forma de expor suas idéias, alternando tais colocações às lembranças de experiências vividas.

P- A partir de sua experiência pessoal, como é ser criança para você?

E - A criança que sou hoje ou que fui? (pausa) Isto é muito complexo... (momento de reflexão)... é muito complexo... como é ser hoje ou como foi ser criança?

P – Como é ser criança para você.

E – Bom, Eu sempre fui uma criança muito solta e sempre associei a infância à liberdade de fazer as coisas ... criança do interior, onde todo mundo conhece todo mundo e eu sempre associei muito à liberdade, de ir a qualquer lugar a qualquer hora... e eu acho que eu trago isto dentro de mim, não gosto de dar satisfação de onde vou... sempre que eu brigo com a minha esposa é por causa disto... eu acho que é bem infantil isso em mim.. (risos) hoje a gente tem telefone em casa e às vezes eu chego em casa meia-noite, uma hora.. então acho que fui muito malcriado... eu sou muito criança (risos).

P - Em que circunstâncias sua criança interior emerge ou não na sua vida atual?

E - No campo profissional, eu nunca quis somente uma coisa... eu sempre quis coisas diferentes e eu acho que isto me atrapalha justamente por ficar tateando, igual criança, vai daqui, vai dali, como quando a criança quebra um carrinho, fica aquele monte de peças e ela não sabe montar de novo... e isto daí atrapalha, esta minha infantilidade.... (pausa) Ajudar ajudou, porque uma das coisas que eu queria

quando eu terminei o colegial e fui fazer teatro. Lá especificamente eu experimentava.

P – Você percebe que esta criança aparece hoje nesta abertura para ficar experimentando a vida?

E – É isso.

P – Em que situações isso não acontece, não aparece este lado criança?

E - Eu não uso este lado de jeito nenhum profissionalmente... eu sempre trabalhei com pessoas muito sérias e aí você basicamente tem que ser sério também, um pouco mais rígido. E aí o trabalho mata a criança que tem dentro da gente, eu acredito nisto. Horários, padrões, isso acaba com o meu lado criança.

P - Como você expressa a espontaneidade no seu cotidiano?

E – Pois é, é bastante limitado, né? Minha espontaneidade é bastante limitada no dia-a-dia, eu não diria ser criança, mas e você mesmo. Tem um texto de Fernando Pessoa que diz isto: "Você usa tanto uma máscara que quando você tira, não sabe como você é" . A máscara fica e você diz: "Poxa vida, eu tirei a máscara para poder ser eu... (pausa) e eu fiquei tanto tempo a máscara que eu já não sei mais ser eu". Tem muito disto. Então, nós adultos somos uns mascarados (tom de voz enfático).

P - Você percebe quando é espontâneo no dia a dia?

E – Não percebo muito nitidamente, mas são raras vezes que eu sou espontâneo, mas não que eu não queira ser. Você percebe isto, principalmente quando você está fazendo algo que você não gosta, porque além de ser tornar maçante, você fica como um robô. Ai voltando à questão do personagem do Chaplin, em "Tempos Modernos", você fica com aquele tique o dia inteiro de ficar apertando parafuso, aquele tique da fábrica de ficar repetindo sempre. Ser adulto é muito chato...

P - De que forma o brincar se faz presente hoje, em seu contexto de vida?

E - Hoje nós brincamos mais com as palavras, com o jogo de palavras, não o brincar em si, mas eu me lembro que aos 15 anos de idade (eu estou com quarenta, já fazem vinte e cinco), eu fui na casa de um amigo e tinha um quintalzinho de terra e ele tinha dois filhos... ele me chamou para jogar bolinha de gude e eu me diverti

como criança, porque eu sabia as regras do jogo, lembrava do jogo, literalmente, o jogo e eu voltei a ser criança (aumenta o tom de voz) ... eu comecei a gritar com ele e ele gritando comigo, depois ele falou “ vamos almoçar? “ e eu disse: “Peraí, vamos jogar mais um pouquinho”, aí de repente estávamos sentados na mesa e eu percebi “Caramba, eu realmente voltei a ser criança de novo”

P – E como você se sentiu?

E – Eu curto bem...eu percebi que tinha voltado a ser criança de novo e me senti muito bem. Mais uma outra observação, eu li uma vez um conto do Luiz Fernando Veríssimo em que um pai, era aniversário de uns 8 anos do filho e o filho ganha um autorama. Na festa tinha um monte de adultos, os pais da crianças e a criança e ele lembrava que toda vez que alguém dava um presente para ele dava um presente de um adulto, ou um livro sério, um livro de economia e ele viu aquele autorama, disse para o filho: “Vamos montar agora! “ e o filho: “Não, pai, agora tem muita gente!” e aí o filho ganhou uma metralhadora também e o pai voltou a ser criança, bem idiota... e a gente tem medo de ser idiota, tem medo de ser criança (discurso enfático) , de fazer coisas que a criança faz, porque a sociedade vai te cobrar isso, vai impor, impõe que você não faça coisas de criança, não seja espontâneo, não seja inconseqüente. Se você pegar um carrinho de rolimã e descer uma rua de terra, as pessoas vão dizer; “esta menina é doida”, que é coisa de criança. Mas que dá vontade de pegar o carrinho de rolimã e descer uma rua de terra, dá. Então a gente é tolhido, a gente tem que ser adulto... dizem que esta fase passou.

P - Você percebe onde, como foi tolhido?

E - A gente que é arrimo de família, tem que trabalhar (fala em tom alto) ... depois que eu comecei, nunca fiquei parado, nunca consegui entrar em uma empresa fazendo alguma coisa e sair fazendo a mesma coisa, sempre sai melhor do que entrei. E justamente neste ponto o lado criança é um barato, porque dizem :” o cara é esperto, ele aprende aquilo ali, já é o “anti-Tempos Modernos”, já não é uma coisa... mecânica. Por exemplo, eu faço uma coisa, você recebe um papel na sua mesa, beleza, você vai lá analisa e faz aquilo , mas quero saber de onde este papel vem, para onde ele vai, porque ele passa ali, porque isso tem que ser feito daquele jeito ... e esta curiosidade infantil me leva a outros caminhos dentro da empresa que estou. Eu acho que por este lado é interessante ser criança na vida adulta.

P - Em que medida você se identifica com as crianças feridas e abandonadas nas ruas?

E – Muito... muito... muito... Eu fui criado pela minha bisavó. A minha mãe quando era mais nova tinha um lado meio obscuro da vida dela, era meio “porra-louca”, teve meu irmão, depois me teve, aí ela saía no mundo , assim meio doida, ai eu vejo mulheres... Eu trabalho num lugar hoje e lá perto tem uma loja e tempos atrás vi uma menina que passou lá na empresa e perguntou sobre um médico japonês. Aí eu fui falar com o rapaz da loja para ajudá-la e eu, bem ingênuo – eu guardo esta ingenuidade interiorana, me respondeu: “Aqui era uma clinica de aborto e as meninas que vem procurar este japonês estão procurando um aborto... ele está preso na cadeia, ele já fez não sei quantos abortos”. Então minha mãe poderia ter procurado uma aborto, poderia ter dito que não queria ser mãe solteira, então eu penso : “poxa vida, minha mãe foi mãe solteira, me teve...outras mulheres, com dificuldades, também vão ter as crianças e vão educá-las, mesmo de forma errada e vão ser a casta baixa da sociedade. Mas um ou outro vai sobreviver, um ou outro vai tentar ser alguém na vida, não vai estar fadado a ser um marginal, um criminoso” (pausa)...Então ainda há esperança, você não pode olhar numa favela uma criança pedindo como: “hoje ele pede, amanhã ele rouba”. Não é uma regra, então eu sou bastante solidário. Se eu estiver tomando cerveja na padaria e chega uma criança, não me custa, eu vou ver se ela está com fome, pergunto se ela está na escola, e tal... e mesmo que entre por uma orelha e saia pela outra, o contato físico que eu tenho com ela é bom para mim e acho que é bom para ela. Se ela guardar alguma coisa de mim, já vale e eu sempre digo para ela “nunca parar de estudar”.

P - Você percebe na sua vida atual alguma situação positiva da sua criança interior?

E - Quando estou fora de São Paulo, esqueço que há uma vida maçante em São Paulo. Acho que desligar deste mundo, como por exemplo, até da política, então eu acho que este desligamento do mundo é voltar a ser criança. Eu adoraria voltar a ser criança, eu morro de saudade (tom de voz enfático) . Minha infância foi maravilhosa e eu não sei como é hoje no interior, porque me falaram que também nestas cidades há muita droga. Mas na nossa época, primeiro não tinha asfalto, quando eu morava em Barretos, na minha rua ainda não tinha luz, a luz ia até a esquina, depois foram andando os postes. E então à noite era lamparina e eu ficava ouvindo as conversas dos adultos, ficava até altas horas, lamparina queimando e o pessoal conversando.

E eu tentando memorizar o que minha avó falava. De dia, era a fruta no pé, no pé... goiaba, manga, brincar de esconde-esconde, cabra-cega, brincadeiras que hoje em dia ninguém faz mais.

P - Você falou no início sobre as máscaras, para você qual seria o caminho para descobrir a si mesmo, ao tirá-las?

E - Eu vou bater nesta tecla... eu acho que meu dia tem 24 horas, mas teoricamente temos que dormir oito, sem contar as horas que trabalhamos e as horas que passamos com os amigos e ainda se você faz o que você não gosta... vou dar um exemplo prático: há tempos atrás um rapaz do trabalho mandou um e-mail lá para um condômino aí a chefe vai lá e confere. O rapaz esqueceu uma crase e em vez dela dizer para ele que faltou a crase e era preciso colocá-la porque o texto exige, ela catou o telefone e disse em um tom agressivo (imita o tom agressivo) : “Senhor Fulano, o senhor esqueceu de colocar uma crase, se o senhor não sabe, pergunte para quem saiba, o sr. parece analfabeto”. E ela trabalha agora em um lugar em que a minha mesa é de frente para a dela. Eu tenho medo de errar, para não ouvir isto, porque eu não tenho mais idade para ouvir isto e aí se eu falar alguma coisa, vai virar um clima muito chato e ela já é uma senhora de seus cinqüenta e poucos anos. Então é uma coisa... eu já tenho os meus problemas e ter uma chefe mala deste jeito pegando no meu pé... Então para você tirar a máscara você tem que estar bem com você em paz, o lado tranqüilo vai ajudar muito, não é nem o lado financeiro, que ajuda mas você ver um crescimento seu, interior, eu acho que fecha isto, o que seria tirar a máscara.

P - Você percebe esta conexão com seu interior?

E – Sim, claro. É....Eu trabalhei quase quinze anos em um a empresa, então meu dia era gostoso. Eu comecei a fazer teatro, no colegial, comecei a tentar a pegar papéis, a gente era tudo amigos, mas era uma disputa, o cara estuda com você. O pessoal do teatro é um concorrente teu, o cara se forma com você, aí não quer só uma ponta, vai querer seu líder. Mas é uma competição gostosa porque você via amigos, fazia o que você gostava e tinha se preparado para aquilo. Na época, podia conciliar este emprego com o teatro, mas depois a empresa faliu e eu tive que trabalhar nos finais de semana, em um posto de gasolina. Antes eu tinha tempo para fazer teatro porque essa empresa me dava tempo para fazer teatro e como eu já

tinha um bom tempo lá, podia sair para resolver coisas do teatro, tinha esta liberdade, conseguia conciliar meu lado profissional com coisas paralelas. E apesar de no posto de gasolina ter feito muitos amigos, sugava muito o meu tempo. Por isto acho que o tempo é uma coisa muito importante, fundamental na minha vida, na nossa vida em São Paulo...eu tinha tempo para mim mesmo, é mais ou menos isso.